

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JULIANA GELBCKE

O PASSADO À VISTA. ELEMENTOS DE APRENDIZAGEM E CULTURA
HISTÓRICA NO LIVRO “1808”

PONTA GROSSA
2016

JULIANA GELBCKE

O PASSADO À VISTA. ELEMENTOS DE APRENDIZAGEM E CULTURA
HISTÓRICA NO LIVRO “1808”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, na linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luis Fernando Cerri.

PONTA GROSSA
2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Gelbcke, Juliana

G314 O passado à vista. Elementos de
aprendizagem e cultura histórica no livro
"1808"/ Juliana Gelbcke. Ponta Grossa,
2016.
150f.

Dissertação (Mestrado em Educação -
Área de Concentração: Educação),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Luis Fernando
Cerri.

1. Ensino de História. 2. Aprendizagem
histórica. 3. Divulgação científica.
4. História pública. 5. Didática da
História. I. Cerri, Luis Fernando. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em Educação. III. T.

CDD: 907

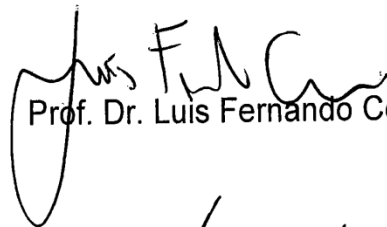
TERMO DE APROVAÇÃO

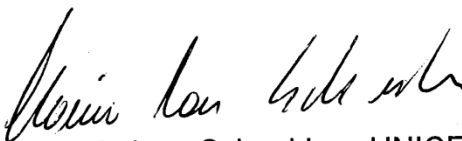
JULIANA GELBCKE

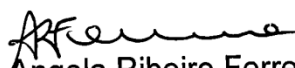
O PASSADO À VISTA. ELEMENTOS DE APRENDIZAGEM E CULTURA HISTÓRICA NO LIVRO 1808

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador (a)


Prof. Dr. Luis Fernando Cerri - UEPG


Prof. Dr. Cláercio Ivan Schneider - UNICENTRO


Profª Dra. Angela Ribeiro Ferreira - UEPG


Profª Dra. Christiane Marques Szesz - UEPG - Suplente

Ponta Grossa, 24 de maio de 2016.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Luis Fernando Cerri, por acreditar e encorajar o projeto e, sobretudo, por respeitar e apoiar as minhas escolhas e opiniões relacionadas à pesquisa.

À Janaína de Paula do Espírito Santo, por ter compartilhado comigo suas discussões da tese de doutorado e contribuído para que eu pensasse a cultura histórica em suas três dimensões como uma possibilidade de análise.

Aos professores da banca, Ângela Ribeiro, Cristiane Szesz e Claércio Schneider, que aceitaram participar das discussões deste trabalho, trazendo importantes contribuições desde o momento da banca de qualificação.

A todos os funcionários, professores e colegas do PPGE que conheci nessa trajetória e que, sem dúvidas, contribuíram de diferentes formas para a construção desta pesquisa.

À amiga desde a infância, Taís Regina Güths, por toda a solidariedade e ajuda com os questionários, principalmente por ter disponibilizado a lista de participantes do projeto “Conversa entre Amigos”.

Às grandes amigas Lillian Cristina Cruvinel Torres, Priscila Kailer, Vânia Oliveira, Fabiana Leifeld e Suzana Bitencourt pelos bons momentos, e por estarem sempre disponíveis em tempos de crises pessoais e da pesquisa.

Aos meus pais, Luis Carlos Gelbcke e Isabel Cristina Andrzejewski Gelbcke, que nunca mediram esforços para me apoiar e incentivar no mundo dos estudos, desde minha primeira caixa de lápis de cor, até minha manutenção na universidade,

Aos meus irmãos e melhores amigos, Luis Eduardo Gelbcke e Danieli Gelbcke, pela paciência e apoio. Especialmente à Dani, que acompanhou de perto todas as etapas desta pesquisa, incluindo os bons e maus momentos, me auxiliando incondicionalmente com muito mais do que o necessário!

Ao meu companheiro Felipe Soares, por tudo! Principalmente pelo suporte e por caminhar comigo em todos os projetos pessoais.

GELBCKE, Juliana. **O passado à vista.** Elementos de aprendizagem e cultura histórica no livro “1808”. 2016, 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, 2016.

RESUMO

Frente a grande repercussão dos livros-reportagem que falam sobre história e pensando o jornalista como um profissional que não possui os mesmos interesses e preocupações teórico-metodológicas da academia, esta pesquisa, a partir das preocupações com a Didática da História (BERGMANN, 1990; RÜSEN, 2001), procura investigar o que produz o jornalista quando escreve sobre história, que tipo de conhecimento as suas produções disseminam no espaço público e como o leitor se relaciona com esse conhecimento. Para isso, analisa um dos maiores fenômenos de vendas dos últimos anos, o livro *1808 - Como uma rainha louca, um rei medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil* do escritor e jornalista Laurentino Gomes. O livro é pensado como um produto da história pública que, por sua vez, é parte de uma cultura histórica mais abrangente. Preocupando-se em investigar como Laurentino Gomes constrói sua narrativa e o que é possível apreender a partir dela, o *1808* é analisado a partir das três dimensões da cultura histórica: cognitiva, estética e política (RÜSEN, 1994). A partir disso, essa análise é comparada com a análise da opinião dos leitores, por meio de um questionário aplicado através da internet. Esse questionário também foi pensado a partir das três dimensões da cultura histórica e suas questões foram analisadas com base na metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Buscou-se investigar, por exemplo, os principais motivos que levam o leitor a ser atraído pelo *1808* (dimensão estética), se e porque ele confia, ou não, no conteúdo presente no livro (dimensão cognitiva) e se foi capaz de tirar alguma lição, aprender alguma coisa que o ajude a entender/ interpretar melhor seu presente a partir do conteúdo histórico disponível no *1808* (dimensão política). Como se pôde ver, o livro disponibiliza um conhecimento que não foge muito do senso comum dos leitores e que dialoga com aquele que tiveram acesso na escola e também com aquele que é disseminado pela grande mídia. O *1808* não traz, nem pretende trazer, uma discussão nova no que se refere aos debates historiográficos, e, sem o mesmo rigor acadêmico dos historiadores, Laurentino Gomes contribui para popularizar a história de uma maneira muito eficiente e sedutora, dando uma atenção especial aos elementos estéticos, os quais consistem, dentre outras coisas, em uma linguagem coloquial, uma história no formato de saga com pinceladas de romance e ficção, na humanização e exploração do perfil psicológico dos grandes personagens históricos e em um quê de humor para retratar algumas passagens do período. Colaborando assim para que os leitores se aproximassem do passado, tornando-se espécies de testemunhas oculares da história, aumentando em alguns momentos a empatia pelo passado e facilitando a compreensão do conteúdo histórico. Em contrapartida, ao supervalorizar os elementos estéticos, o *1808* acaba cometendo alguns deslizes aos olhos acadêmicos, comprometendo, em alguns momentos, a dimensão cognitiva da obra, conduzindo, por exemplo, alguns leitores a cometer certos juízos de valor e anacronismos.

Palavras-chave: Ensino de História, aprendizagem histórica, divulgação científica, história pública, Didática da História.

GELBCKE, Juliana. **The past in sight.** Learning tools and culture history in the book "1808". 2016, 150 f. Dissertation (Masters in Education) – State University of Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, 2016.

ABSTRACT

Facing the great impact of the story books talking about history and thinking the journalist as a professional who does not have the same interests and theoretical and methodological concerns of academia, this research, from worries about the didactics of history (BERGMANN, 1990; RÜSEN, 2001), investigates what the journalists produce when writing about history, what kind of knowledge their productions spread in public space and how the reader relates to this knowledge. For that reason, this study analyses one of the largest sales phenomena of recent years, the book *1808 - Like a mad queen, a fearful king and a corrupt court deceived Napoleon and changed the History of Portugal and Brazil* by the writer and journalist Laurentino Gomes. The book is designed as a product of the public history, which, somehow, is part of a more comprehensive historical culture. Aiming to investigate how Laurentino Gomes builds his narrative and what one can learn from it, *1808* is analysed from the three dimensions of historical culture: cognitive, aesthetic and political (Rüsen, 1994). From then, this analysis is compared with the analysis of the reader's opinion, through a questionnaire over the internet. This questionnaire was also thought from the three dimensions of historical culture and its issues were analysed based on content analysis methodology (BARDIN, 2011). It was sought to investigate, for example, the main reasons that lead the reader to be drawn by the *1808* (aesthetic dimension) if and why he trusts, or not, in this content in the book (cognitive dimension) and if he was able to take some lesson, learn something that will help him to understand / interpret better his present from the historical data available in *1808* (political dimension). As shown above, the book provides a knowledge that does not escape from the common sense of readers and dialogues with the knowledge that readers had access at school and also the one that is spread by the mainstream media. The book *1808* does not, nor intends to bring a new discussion in relation to historiographical debates, and without the same academic rigor of historians, Laurentino Gomes contributes to popularize the story in a very efficient and seductive way, paying special attention to aesthetic elements, which consist, among other things, in colloquial language, a story in the saga format with dabs of romance and fiction, the humanization and exploration of the psychological profile of the great historical characters and a touch of humour to portray some passages. Contributing therefore for the readers to approach the past, becoming eyewitnesses of history, increasing empathy at times for the past and facilitating the understanding of the historical content. On the other hand, when it overvalues the aesthetic elements, *1808* ends up committing some slips to academic eye, compromising, at times, the cognitive dimension of the work, leading, for example, some readers to make certain judgments and anachronisms.

Keywords: History Teaching, historical learning, popular science, public history, Didactics of History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Matriz Disciplinar da Ciência Histórica	44
Figura 2 - A queda da Bastilha	49
Figura 3 - D. João tinha medo de trovões	49
Figura 4 - Uma típica família carioca durante a refeição	50
Figura 5 - A Brazilian Family	51
Figura 6 - A Market Stall.....	52
Figura 7 - A limpeza da cidade estava confiada aos urubus	53
Gráfico 1 - Número de participantes por cidades.	71
Gráfico 2 - Faixa-etária dos participantes.....	72
Gráfico 3 - Nível de escolaridade dos participantes.	72
Gráfico 4 - Estilos de leituras.....	75
Gráfico 5 - Apreciação dos leitores pela história escolar.....	84
Gráfico 6 - Apreciação dos leitores pelo livro <i>1808</i>	84
Gráfico 7 - As formas em que a história aparece e que os estudantes respondentes do questionário do projeto “Jovens e a História no MERCOSUL” mais confiam.	101
Quadro 1 - Categorias das comparações entre a narrativa do 1808 e a narrativa da história aprendida na escola.	82
Quadro 2 - Categorias sobre a apreciação do <i>1808</i>	83
Quadro 3 - Categorias para as narrativas dos participantes referentes ao aspecto cognitivo da história no <i>1808</i>	98
Quadro 4 - Categorias sobre a confiabilidade do <i>1808</i>	99
Quadro 5 - Formatos da história em que os leitores mais confiam.	100
Quadro 6 - Relação de confiabilidade nas fontes históricas e no <i>1808</i> por leitores de cada categoria de análise.	105
Quadro 7 - Categorias sobre a utilidade da história para a vida prática dos leitores.	113
Quadro 8 - Categorias sobre a utilidade do conhecimento histórico disponível no <i>1808</i> para a vida prática dos leitores.	114
Quadro 9 – Perfil dos Leitores.....	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - “1808”: A HISTÓRIA NAS VITRINES	17
1.1 UM LUGAR NA ESTANTE ENTRE VAMPIROS E MENINOS-BRUXOS	17
1.2 SABER 1808: A DIMENSÃO COGNITIVA NA OBRA	28
1.3 GOSTAR DE 1808: A CHAVE DA DIMENSÃO ESTÉTICA.....	42
1.4 1808 PARA QUÊ? A DIMENSÃO POLÍTICA.	58
CAPÍTULO 2 - LEITURAS	65
2.1 CAMINHOS DA PESQUISA	65
2.2 QUEM SÃO ESSES LEITORES?	71
2.3 FORMAS E MOTIVOS DE APRECIÇÃO DO 1808 PELOS LEITORES: A DIMENSÃO ESTÉTICA.....	81
2.3.1 Escola: formação de público leitor de divulgação histórica?	84
2.4 COMO E POR QUE CONFIAR NO 1808: A DIMENSÃO COGNITIVA A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS LEITORES.	97
2.4.1 Concepções de história, definições e critérios.	101
2.5 UTILIDADE(S) DO 1808 PARA OS LEITORES: A DIMENSÃO POLÍTICA.	112
2.5.1 O conhecimento histórico entre o entretenimento e a instrução.	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
APÊNDICE.....	135
APÊNDICE A - PERFIL DOS LEITORES DO 1808 RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO.....	135

INTRODUÇÃO

Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil? É o que o leitor é convidado a descobrir com o subtítulo do livro *1808*. Atraído por uma narrativa que, ao aparentar ser engraçada, com personagens atípicos e curiosidades, promete ao mesmo tempo entreter e instruir. Assim, diferente de uma história “fria” e formal, o *1808* pretende ser capaz de ensinar sobre a história da transferência da corte portuguesa ao Brasil de uma forma divertida e não muito convencional. Essa também era a minha expectativa quando, ao final de 2008, ainda no ensino médio, fui apresentada com o livro. Eu já havia me surpreendido com a quantidade de pessoas - colegas da escola, professores, familiares - que estavam lendo e recomendando o *1808*, que vinha ocupando lugares de destaque nas vitrines das livrarias.

No ano seguinte, ao ingressar na faculdade de Licenciatura em História, me surpreendi novamente ao me deparar com opiniões críticas e até mesmo depreciativas a respeito do livro, algumas delas denunciavam, inclusive, uma disputa de campo, que para mim ainda era desconhecida, entre historiadores e jornalistas. Algum tempo depois, já familiarizada com as questões teóricas, conceituais e metodológicas da Ciência Histórica, reorientei o meu olhar para perceber a falta de rigor acadêmico na construção da narrativa histórica no *1808*. E, influenciada pela perspectiva da Didática da História, busquei relê-lo, não mais procurando entender apenas como “uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudar a história de Portugal e do Brasil”, mas, sobretudo, buscando compreender o que produz um jornalista quando escreve sobre história. Problema este que resultou no meu trabalho de conclusão de curso, em 2012, e que recebeu o título *História nas vitrines: a narrativa jornalística da história no livro 1808 de Laurentino Gomes*.

Publicado em 2007, pela editora Planeta, às vésperas das comemorações pelo bicentenário da transferência da corte portuguesa ao Brasil, o livro rapidamente se tornou um grande sucesso de vendas, ocupando ainda hoje algumas listas de livros mais vendidos do país. Esse sucesso alcançado pelo *1808*, que também foi publicado em Portugal e nos Estados Unidos, “deu carona” para os outros dois livros

que completam a trilogia: *1822 - Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para dar errado* e *1889 - Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil*¹.

O autor da série, Laurentino Gomes, é formado em jornalismo, com pós-graduação em administração. Também é membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Paranaense de Letras. Gomes foi seis vezes ganhador do Prêmio Jabuti de Literatura com os livros *1808*, *1822* e *1889*. Sua obra também foi eleita o Melhor Ensaio de 2008 pela Academia Brasileira de Letras² e, ainda em 2008, o autor também chegou a ser eleito pela revista *Época* como um dos 100 brasileiros mais influentes do Brasil na categoria de artistas e criadores.³

Segundo Laurentino Gomes, a ideia de fazer um livro de história sobre a transferência da corte portuguesa ao Brasil surgiu de um de seus trabalhos jornalísticos, como ele afirma: “eu era editor da *Veja* e a revista tinha a intenção de fazer uma série especial sobre a história do Brasil e eu fiquei encarregado da equipe que ia investigar a presença da corte do Dom João VI no Rio de Janeiro”⁴. No entanto, o projeto acabou sendo cancelado na época por falta de gancho jornalístico, foi então que Gomes decidiu seguir em frente por sua própria conta e transformar aquilo que seria uma reportagem em um livro-reportagem. Assim surgiu o *1808*. O que Gomes não esperava era que o seu livro se tornaria um *best-seller* nacional.

Tendo como um de seus objetivos “tornar esse pedaço da história brasileira mais acessível” aos leitores que “não estão habituados nem dispostos a decifrar a rebuscada linguagem acadêmica” (GOMES, 2007, p. 22), Gomes adota técnicas que provém da sua experiência com o jornalismo diário para atrair a atenção do leitor.

¹ O *1822* foi publicado em 2010, pela editora Nova Fronteira e o *1889* foi publicado em 2013, pela editora Globo Livros. Mais tarde a Globo Livros assumiu também as reedições e novas tiragens dos dois livros anteriores. No entanto, quando começamos a realizar esta pesquisa, essas edições ainda não estavam disponíveis no mercado, por isso, as versões do *1808* (tanto a original, quanto a juvenil ilustrada) que utilizamos nesta análise, pertencem ainda à Editora Planeta.

² Dados retirados da página de Laurentino Gomes. Disponível em: <<http://www.laurentinogomes.com.br/autor.html>> Acesso em: [31 jul. 2015]

³ Disponível em: <<http://www.portalodia.com/noticias/geral/epoca-100---a-lista-dos-brasileiros-mais-influentes-de-2008-4512.html>> Acesso em: [31 jul 2015]

⁴ A entrevista com Laurentino Gomes pode ser conferida em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/10/28/interna_diversao_arte,220285/index.shtml> Acesso em: [31 jul. 2015]

Principalmente no que se refere aos aspectos estéticos, como por exemplo, misturar dados pitorescos e engraçados com a análise “rebuscada” dos historiadores, adotar uma linguagem provocativa na capa, dentre outros elementos. Como afirma Gomes:

[...] Então são técnicas de comunicação que eu estou aplicando à área de História do Brasil. E isso é uma grande novidade. Que antes, os livros acadêmicos tinham uma linguagem excessivamente técnica, repleta de jargões próprios da academia e usavam nas capas linguagem muito neutra. O conteúdo muitas vezes é muito bom, muito profundo, mas não consegue chamar a atenção de um público mais amplo. E eu acho que aí é uma virtude do jornalista. Sempre conseguir uma audiência maior para determinados assuntos. O jornalista serve como um divulgador da ciência em geral. Por isso acredito que não há uma competição entre jornalista e historiadores. Nós nos complementamos. O jornalista tem uma coisa que geralmente o historiador não tem. O uso de linguagem didática, acessível para um público mais amplo, a gente tem um acesso a uma audiência maior. Então essas duas coisas se complementam. O jornalista pode ser um ótimo divulgador dos historiadores. É o que eu tenho procurado fazer.⁵

Com parte dessa estratégia de divulgar o conhecimento (que também é parte de uma estratégia mercadológica), Gomes ainda investiu nos “multiformatos”. Assim, o *1808* recebeu versão áudio-livro, DVD, edição ilustrada, edição juvenil ilustrada, dentre outros. A edição juvenil ilustrada, por exemplo, é voltada especialmente para pré-adolescentes nos anos finais do ensino fundamental, por isso, teve seu conteúdo, linguagem e visual todo adaptado a esse novo público. Segundo Gomes, ela tem como principal objetivo ser “pedagógica”, já que nasceu de uma demanda dos professores que leram a versão adulto e sugeriram que o autor deveria produzir uma edição mais amigável para os estudantes (GOMES, 2008b).

Devido ao seu grande sucesso, Laurentino Gomes frequentemente é chamado para dar entrevistas e conferir palestras sobre história em programas de TV, escolas, grandes eventos literários, etc. Como Gomes (2008b) afirma:

Tenho percorrido o Brasil, dando aulas, palestras, bate papo com leitores, participando de feiras literárias. Tenho ouvido com muita frequência: eu não gostava de história e passei a gostar por sua causa. Ou às vezes, até crianças e adolescentes dizendo que por minha causa decidiram virar historiadores, ou jornalistas. Então acho que aí baixa um senso de missão muito forte porque o livro transforma a vida de uma pessoa.

Jornalista ou historiador? Que lugar da fala ele ocupa? Frente a essa repercussão do *1808* enquanto um livro de história produzido sem o mesmo rigor acadêmico mas que atingiu (e ainda atinge) grande circulação entre o público leigo,

⁵ Idem.

uma polêmica foi levantada dentro da academia e divide a opinião entre os historiadores, não só pensando o 1808, mas também o grande fenômeno que é o consumo das narrativas jornalísticas da história. Há quem as considere como obras mal feitas e mercenárias. Para André Raboni:

(...) qualquer pessoa pode escrever livros de história, mas se esse livro será de boa qualidade, aí é outra história. No geral, parte da comunidade acadêmica é bastante resistente a isso. Compreende-se essa resistência porque pesquisadores passam anos fazendo seus trabalhos com grande cuidado e rigor científico, levantando documentos em arquivos, lendo livros em bibliotecas, escrevendo artigos, teses e livros. De repente, ele vê um livro de história repleto de informações equivocadas enchendo os bolsos de jornalistas *best-sellers*.⁶

Raboni chama atenção para o interesse puramente mercadológico que move essas produções e que comprometem seu conteúdo histórico. Em contrapartida, alguns historiadores defendem se tratar de estilos diferentes, alegando que não é pelo fato do jornalista escrever sobre história que ele tenha se transformado magicamente em historiador, por isso, é possível sim que cometam alguns erros e equívocos, mas, para eles, esses livros-reportagem contribuem positivamente para popularizar a história de uma maneira bastante atraente e “didática”. Mary Del Priore, por exemplo, afirma que:

Vários jornalistas vêm contribuindo para o entendimento da sociedade brasileira contemporânea. Nós, historiadores, também temos muito o que aprender com os jornalistas. A narrativa que eles produzem é mais ágil e mais fácil de ler do que a nossa. Quanto mais gente escrevendo e lendo sobre história, melhor. O importante é que haja história para todos: quem quiser trabalhos mais musculosos, leia ensaios ou teses universitárias. Quem quiser se distrair, aprendendo sobre o nosso passado, não faltam manuais. E as biografias são deliciosas leituras que ajudam na compreensão fácil de épocas inteiras de nossa história.⁷

Ao que se percebe, tanto as críticas negativas quando as positivas acabam desembocando na questão do conteúdo dessas obras, afinal, tratam-se de produções de história feitas por jornalistas, ou seja, um profissional que não possui os mesmos interesses e preocupações teórico-metodológicas que um historiador acadêmico.

⁶ Dados retirados da reportagem “Em livros de sucesso, historiadores e jornalistas travam guerra sobre o país”. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/10/28/interna_diversao_arte,220285/index.shtml> Acesso em: [30 jul 2015]

⁷ Idem.

Intrigados com essas questões, alguns pesquisadores sentiram a necessidade de modificar a pergunta de Michel de Certeau, direcionando-a a outro profissional: o que fabrica o jornalista quando escreve sobre história? Com essa pergunta norteadora surgiram algumas análises específicas sobre o livro *1808*. Tal como o artigo de Rodrigo Bragio Bonaldo (2009)⁸: *Sátira, liberalismo e ironia no 1808..., de Laurentino Gomes: uma contribuição à crítica das mitologias do presentismo*, em que o autor defende que a narrativa jornalística da história, desprovida das mesmas preocupações teórico-metodológicas que os historiadores

[...] cria uma representação do passado cujo compromisso estético está unicamente ligado à sensibilidade temporal e espacial do leitor. A impressão de realidade determinada por esse gênero textual baliza-se, portanto, de maneira bastante livre, em torno dos ensejos do presente. (BONALDO, 2009, p. 201).

Também Simone da Silva Bezerril (2013), na dissertação *Usos do Passado - Leitura da História na perspectiva jornalística de Laurentino Gomes no livro 1808*, com base na História Cultural, tem como propósito buscar entender como se configura uma narrativa sobre o passado a partir da demarcação de outro campo, o jornalismo, que, por sua vez, atende a critérios e a objetivos diversos daqueles da historiografia (BEZERRIL, 2013, p. 23). A autora então considera que o livro:

[...] ao ser “maquiado” como obra de História, embora seu autor enfatize que se trata de trabalho jornalístico, traz como principal implicação epistemológica o fato de ser tomado pela sociedade como referencial historiográfico, como se o “fazer histórico”, no sentido de conhecimento institucionalizado e metodizado, não estivesse restrito à produção dos profissionais do *métier*. Portanto, tal prática de escrever sobre o passado não consegue legitimação historiográfica, mas é legitimada pelos aportes mercadológicos e pelas práticas de leitura sociais, inseridas na indústria cultural do “passado como mercadoria”. (BEZERRIL, 2013)

Tanto Bonaldo, quanto Bezerril são formados em jornalismo e em História, portanto, suas pesquisas giram em torno das aproximações e distanciamentos entre

⁸ Bonaldo também reflete sobre a narrativa jornalística da história na dissertação *Presentismo e Presentificação do Passado: a Narrativa Jornalística da História na Coleção Terra Brasilis de Eduardo Bueno* (2010). Uma das principais hipóteses de Bonaldo é que “os jornalistas - livres da carga ou memória disciplinar que recai sobre os historiadores profissionais - estão mais bem capacitados à tarefa de escrever sínteses históricas (mesmo que as consideremos conceitualmente errôneas, pois são avessas aos instrumentos de mediação com o passado), conceber mais diretamente a continuidade, respondendo, assim, às demandas da memória”.

jornalistas e historiadores, buscando um diálogo entre as duas áreas do conhecimento. O fato desses e de outros autores, por diferentes vias de interpretação, preocuparem-se em investigar o que produz Laurentino Gomes quando escreve sobre a transferência da corte portuguesa ao Brasil, reforça a afirmação aqui já feita sobre a grande repercussão e polêmica gerada pela obra, caracterizando-a como um grande fenômeno no âmbito da história pública.

Esta pesquisa, portanto, apoia-se nessas e em outras análises sobre o livro *1808* feitas pela ótica do historiador, mas se distingue pelo fato de também se preocupar com o tipo de análise feita pela ótica dos leitores do *1808*, que não são necessariamente especializados em história. Desta forma, movida pelas questões que envolvem o ensino da história, já não me pareceu mais suficiente perguntar: o que produz o jornalista quando “faz história”? Mas também: por que o leitor se sente tão atraído por esse tipo de narrativa sobre o passado? Que tipo de história é possível apreender com a leitura do *1808*? Como o livro contribui para o processo de ressignificação temporal dos leitores?

Preocupar-se com as questões referentes ao ensino e a aprendizagem da história é uma tarefa que consiste no cerne da nossa profissão de historiadores, e isso não significa preocupar-se apenas com o ensino da história escolar ou com as suas produções científicas, mas também com os usos públicos da história, ou seja, com a circulação social do conhecimento histórico extraescolar e extra científico. Além disso, sempre que escrevemos estamos nos direcionando a alguém e acreditando que qualquer assunto pode ser mais bem compreendido através do recurso à sua história - é assim que asseguramos a existência de nossa profissão. (CERRI, 2011, p. 57). Cerri afirma que “historiadores são essencialmente educadores, porque têm uma mensagem e querem que ela circule e produza efeitos, e a educação é sempre um ato político, além de pedagógico”. (CERRI, 2014, p. 372). Desta forma, acreditamos que ignorar as questões relacionadas ao ensino e aprendizagem da história é também ignorar a nossa própria função de historiadores.

Por isso, defendemos que a Didática da História deve ser entendida como inerente à Ciência Histórica, afinal ela nos destaca a importância de investigar o que é apreendido no ensino da história (é a sua tarefa empírica), o que pode ser apreendido (é a sua tarefa reflexiva) e o que deve ser apreendido (é a sua tarefa normativa). (BERGMANN, 1990, p. 29). A Didática da História, portanto, é a disciplina que se ocupa com todas as formas de produção do passado, com todas as

questões referentes ao ensino e a aprendizagem da história, indo para além das preocupações com a história escolar e apropriações da história acadêmica, e envolvendo as mais variadas formas extra científicas de história.

Desta forma, julgamos necessário salientar que Didática da História não se reduz apenas à metodologia do ensino, assim como foi relegada em meados do século XIX⁹. Tal visão estreita e simplista permanece dominante ainda hoje em algumas esferas do ambiente acadêmico, entendendo a Didática da História como uma área exterior à Ciência Histórica, responsável por fazer a mediação entre a história acadêmica e o ensino de história escolar, vista, desta forma, nas palavras de Rüsen (2006, p. 08), como uma “ferramenta que transporta conhecimento histórico dos recipientes cheios de pesquisa acadêmica para as cabeças vazias dos alunos”. Muito mais do que isso, a Didática da História deve ser entendida como uma subdisciplina da Ciência Histórica. Ela torna-se indispensável na medida em que é responsável por investigar “o modo como as interpretações do passado produzem orientações no presente e projeções de futuro” (SADDI, 2010, p. 75).

Logo, esta é uma pesquisa de campo didático-histórica na medida em que se propõe a realizar uma autorreflexão sobre a cultura histórica (CARDOSO, 2007). Preocupamo-nos em analisar quais são as influências da cultura histórica no livro *1808*, assim como que tipo de história é possível aprender através dessa narrativa jornalística e como ela influencia a consciência histórica dos sujeitos. Desta forma, esta dissertação está organizada em dois capítulos. No primeiro capítulo buscamos analisar como Laurentino Gomes constrói a narrativa do *1808* e que tipo de conhecimento histórico é possível apreendermos a partir dela. Para isso, discutimos brevemente sobre o fenômeno das narrativas jornalísticas da história e, partindo das preocupações colocadas pela Didática da História na perspectiva de Bergmann (1990) e Rüsen (2001), pensamos o livro como um produto da história pública (ALMEIDA; ROVAI, 2011) que, por sua vez, é parte de uma cultura histórica mais abrangente.

Tendo base nessas questões, realizamos uma análise comparada entre o *1808* versão original e o *1808* edição juvenil ilustrada a partir das três dimensões da

⁹ De acordo com Rüsen (2006), durante o século XIX o processo de cientificização e especialização da História contribuiu para que a Ciência Histórica fosse se afastando cada vez mais das necessidades de orientação temporal emergentes na vida prática. Neste sentido, Rüsen afirma que “a Didática da História não era mais o centro da reflexão dos historiadores sobre sua própria profissão. Ela foi substituída pela metodologia da pesquisa histórica” (RÜSEN, 2006, p.8-9).

cultura histórica definidas por Rüsen (1994) como: dimensão cognitiva (estruturação de acordo com critérios de pertinência, verdade), estética (a enunciação discursiva lança mão de recursos estilísticos agradáveis, belos) e política (articulação em torno de meios de poder e eficácia) (MARTINS, 2012, p. 69). Entendemos que essas dimensões se entrelaçam constantemente e que não é possível pensar uma dimensão sem a outra.

Essa análise do livro foi confrontada, no segundo capítulo, com a análise da opinião dos leitores, já que não estamos interessados apenas em mapear ou entender o fenômeno da narrativa jornalística da história nos livros-reportagem, mas também como os leitores interagem com esse conhecimento. Para isso, foi desenvolvido um questionário, também pensado a partir das três dimensões da cultura histórica, em que buscamos investigar, por exemplo, os motivos que levam o leitor a ser atraído pelo *1808* (dimensão estética) se e por que ele confia (ou não) no conteúdo presente no livro (dimensão cognitiva) e se é capaz de tirar alguma lição, aprender alguma coisa que o ajude a entender/ interpretar melhor seu presente a partir do conteúdo histórico disponível no *1808* (dimensão política).

O questionário foi aplicado pela internet, sobretudo através da rede social *Facebook*. Tendo em vista a dificuldade que encontramos em mapear, identificar e estabelecer contato com os leitores do *1808*, a maioria dos respondentes foram encontrados através da lista de participantes do projeto “Conversa entre amigos” que, no início de 2014, trouxe à Ponta Grossa o autor Laurentino Gomes para conversar com os leitores sobre seu recém-publicado livro *1889*. Naquela ocasião tivemos a oportunidade de entrevistar o autor rapidamente. Como o tempo era curto e a pesquisa, naquele momento, estava ainda ganhando forma, as perguntas foram breves e amplas e acabaram sendo usadas em alguns momentos no primeiro capítulo desta dissertação.

Pretende-se com essa pesquisa investigar os impactos da narrativa jornalística da história, utilizando como referência o livro-reportagem *1808*, sobre o processo de aprendizagem da história, ou seja, “como” e “o que” é possível aprender com essas narrativas. Já que se tratam de livros de história escritos sem as mesmas preocupações, objetivos e interesses dos historiadores acadêmicos e que atingem grande circulação, demonstrando ser muito populares e bem-vistas pelo público leigo. Não se trata de defender que apenas os historiadores devam escrever sobre história, nem de ignorar e desprezar a importância que os livros-reportagem têm no

campo da história pública, mas de destacar a importância de investigarmos as influências dessas produções no processo de ressignificação temporal dos sujeitos. Por isso, esta pesquisa também busca enfatizar a importância da reflexão didática ao trabalho do historiador, explicitando as relações necessárias entre ciência especializada e vida prática. Não só pela necessidade de investigarmos as diferentes formas de interpretação sobre o passado e o modo com que elas produzem orientações no presente e projeções de futuro, mas também de destacar a importância de levarmos nossas produções para além dos muros acadêmicos, colaborando para identificar e responder as demandas pela história que surgem no âmbito da vida prática.

CAPÍTULO 1

“1808”: A HISTÓRIA NAS VITRINES

Haviam-lhe falado num homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína.

(José Eduardo Agualusa - O vendedor de Passados)

Os historiadores não levam muito a sério Bueno e Laurentino. Deveriam. Com suas obras, eles introduzem no imaginário da sociedade uma versão ordenada e facilmente assimilável da nossa História. Ao longo do tempo, esta visão se sedimenta e vira verdade, para o cidadão comum. [...] Se relatos jornalísticos de episódios históricos contêm equívocos ou omissões, se reforçam clichês ou preconceitos, do ponto de vista acadêmico, os historiadores deveriam se esforçar para entender por que esses livros fazem tanto sucesso e tentar, eles próprios, alcançar o grande público. Mal ou bem, Laurentino Gomes e Eduardo Bueno contribuíram muito, com suas obras de entretenimento, para disseminar o conhecimento de nossa História. Se este conhecimento é rigoroso, é outra história.

(Luciano Trigo – escritor, jornalista e editor de livros)

1.1 UM LUGAR NA ESTANTE ENTRE VAMPIROS E MENINOS-BRUXOS

Basta circularmos alguns minutos entre as estantes dos mais vendidos das livrarias do país para encontrarmos um ou outro livro que trate sobre história. Folheando-os rapidamente, quase sempre nos deparamos com uma narrativa bastante atraente e sedutora, recheada de aventuras, personagens atípicos e curiosidades. Ao procurarmos quem são esses autores, percebemos que muitos deles são jornalistas e não historiadores acadêmicos. Não é de hoje que a história produzida pelos jornalistas tem sido muito consumida, constituindo um fenômeno bastante polemizado entre os historiadores. O fato é que o público se mostra muito interessado nesses *best-sellers* que tratam sobre história.

Prova disso são os altos índices de vendagem que a trilogia de Laurentino Gomes atingiu. Até março de 2012, o livro *1808* estava há 196 semanas na lista dos mais vendidos da revista *Veja* e junto com o livro *1822*, publicado em 2010, superava cerca de 1,5 milhão de exemplares vendidos¹⁰. Em uma entrevista concedida ao jornal *Folha de São Paulo*, Laurentino Gomes chegou a exclamar:

¹⁰ Dados retirados do site da *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-online/cultura/best-seller-laurentino-gomes-ja-tem-nova-editora-para-proximo-livro/>> [Acesso em: 14 abr. 2015]

“Entrei numa livraria na Bienal do Rio e o meu editor disse espantado: o *1808* está vendendo que nem pãozinho quente de manhã na padaria”, e, contou que, ao olhar para uma pilha de livros no centro da loja, “uma atrás da outra as pessoas pegavam um exemplar e iam para o caixa” ¹¹.

1808, *1822* e *1889* foram vencedores do Prêmio Jabuti como melhor livro-reportagem e como livro do ano de não-ficção. O *1808* também chegou a receber o prêmio de “Melhor ensaio, crítica ou história literária” de 2008 da Academia Brasileira de Letras. Os três livros foram publicados em Portugal¹², o que demonstra terem tido considerável aceitação também em solo lusitano. O primeiro livro da trilogia teve seu título adaptado para a versão em inglês: *1808: The Flight of the Emperor* (“1808 – O voo do imperador”), entrando, em setembro de 2013, para o mercado editorial dos Estados Unidos com tiragem inicial de 10 mil exemplares pela editora *Lyons Press*, de *Connecticut*¹³.

Além de Gomes, podemos citar vários outros exemplos de jornalistas que obtiveram grande sucesso de vendas com seus livros que tratam sobre os mais variados temas históricos, dentre os quais Eduardo Galeano e *As veias abertas da América Latina*; Fernando Morais e *Olga* ou *Chatô*; Elio Gaspari e a série de quatro livros sobre a ditadura militar brasileira; Eduardo Bueno com a coleção *Terra Brasilis*; a biografia de Getúlio Vargas em forma de trilogia por Lira Neto. Luis Celestino, ao analisar as aproximações e distanciamentos entre historiadores e jornalistas, cita como exemplo as obras *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*, também de Lira Neto e o *1822* de Laurentino Gomes e afirma que livros como estes:

[...] não só encabeçaram a lista dos mais vendidos, mas levaram os dois autores a frequentarem programas de televisão falando sobre história e até mesmo proferirem palestras em cursos de ciências humanas de universidades espalhadas pelo país em 2010. Que lugar de fala ocupavam? Jornalistas ou historiadores? É irrelevante essa denominação? O que produziram foram romances ou pesquisas de valor historiográfico? (CELESTINO, 2011, p. 1).

¹¹ Dados retirados do site da Folha de S. Paulo: MACHADO, Cassiano Elek. Laurentino Gomes conclui a trilogia de livros de história do Brasil de maior sucesso no país. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24. Ago. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1331185-laurentino-gomes-conclui-a-trilogia-de-livros-de-historia-do-brasil-de-maior-sucesso-no-pais.shtml>> [Acesso em 14 abr. 2015]

¹² Ver: <<http://www.portoeditora.pt/imprensa/noticia/ver/laurentino-gomes-em-portugal?id=37502>> [Acesso em 14 abr. 2015]

¹³ Dados retirados do site: <http://www.cclb.org.br/noticias/2013/09set/set01_04.htm> [Acesso em 14 abr. 2015]

Essas indagações relacionadas aos diferentes ofícios e a natureza de suas produções são levantadas por muitos outros autores que também buscam refletir sobre as aproximações e distanciamentos entre historiadores e jornalistas (BONALDO, 2011; ESPERANÇA, 2006; GLEZER e ALBIERI, 2009; MARCILIO, 2013; PEREIRA, 2006; SCHMIDT, B., 1997; entre outros). Alguns desses autores, ao mesmo tempo em que questionam o rigor teórico e metodológico adotado pelos jornalistas quando escrevem sobre história, chamam atenção para a notável receptividade que suas produções têm entre o grande público.

O que não podemos esquecer é que há, de fato, uma diversidade muito grande de livros de história feitos por jornalistas, tanto no que diz respeito aos temas retratados, quanto à qualidade dessas produções. Ao mesmo tempo que algumas delas se preocupam em fornecer uma narrativa sustentada nos fundamentos do método histórico, como Elio Gaspari que, como observou Marcos Silva (2013, p. 26), apesar de declarar não ser historiador, “incluiu entre seus colaboradores profissionais com esse perfil e acabou adotado até mesmo em cursos universitários de história como leitura básica sobre o tema”; outras apresentam uma história bastante iconoclasta, que ignora o método histórico e a racionalidade científica, ao exemplo do *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* de Leandro Narloch, que instaura um discurso relativista apoiado em fragmentos de análises acadêmicas (MORENO, 2013, p. 18).

Sem a intenção de homogeneizar a qualidade dessas produções, colocando-as “no mesmo balaio”, à primeira vista, muitas delas parecem compartilhar o mesmo objetivo explicitado por Laurentino Gomes na introdução de *1808* que é “tornar a história mais acessível para leitores que se interessam pelos acontecimentos do passado, mas não estão habituados nem dispostos a decifrar a rebuscada linguagem acadêmica”. (GOMES, 2007, p. 22). Ou seja, se por um lado historiadores tecem críticas a essas narrativas sob o ponto de vista teórico-metodológico da academia, por outro os jornalistas também criticam a maneira com que são divulgadas as produções acadêmicas, alegando serem pouco atraentes e acessíveis ao público não especializado em história. Laurentino Gomes, mesmo, julga que a História acadêmica “desenvolveu uma linguagem excessivamente *intra corpore*, é uma linguagem que só historiador entende” (GOMES, 2014). Ele também afirma que:

Eu não estou defendendo que todo historiador deva escrever como eu escrevo! Eu acho que assim, uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado tem que ter uma linguagem técnica, porque a academia precisa se entender, ela precisa ter um referencial de linguagem pra poder avaliar essa produção de conhecimento. Mas se o historiador quiser publicar esse livro pra um público, pra um leitor de interesse geral, ele precisa mudar a linguagem, não pode ser a mesma linguagem usada numa tese de doutorado. Tem que passar por um crivo de edição, tem que tornar mais acessível, tem que tornar mais palatável, e é isso que eu percebo que o historiador não se preocupa. Ele acha que pelo fato dele ter passado por uma banca examinadora de doutorado, a sua tese pode ser publicada *in bruto*, com a mesma linguagem que ele usou na academia e com isso tentar chegar a um público mais amplo - não vai conseguir! (GOMES, 2014).

É certo que temos consideráveis exemplos de historiadores que conciliam o rigor científico com a fluidez de texto, e, com uma leitura bastante agradável e disponível, atingem um público mais amplo. Entre esses historiadores, podemos citar o britânico Eric Hobsbawm e a brasileira Mary Del Priore, que apresentam diferentes e curiosos temas com uma narrativa muito atraente e acessível ao público leigo. Mas, as críticas à difícil e complexa linguagem acadêmica não são raras, tampouco inéditas. Há quem compartilhe da ideia de que “raros são os historiadores que sabem escrever textos atraentes para um público leigo” (NETO, 2004). E, mesmo com certo mal estar, devemos reconhecer que essas críticas não são tão despropositadas! Muitas vezes parecemos mesmo escrever apenas aos nossos pares, preferindo a solidão e o conforto de nossas velhas e distantes torres de marfim.

No entanto, não é de hoje que tal mal estar tem sido bastante refletido entre os acadêmicos. Há muito tempo, ao longo das décadas, os historiadores vêm discutindo sobre a estética na escrita da história e a importância em participar mais da esfera pública, procurando expandir suas produções para além da esfera acadêmica, a um público mais abrangente, não necessariamente especializado em história. Um exemplo recente é a Rede Brasileira de História Pública¹⁴ criada em 2012, que surgiu do interesse comum de pesquisadores, professores e estudantes “interessados em refletir sobre a história pública, suas potencialidades e desafios, bem como de estimular a prática de produção do conhecimento histórico dirigido a diferentes públicos, com um enfoque interdisciplinar”¹⁵. Tal terminologia, inclusive, denuncia um *mea culpa*, afinal, se há a necessidade em nos preocuparmos com

¹⁴ Para conhecer mais sobre a rede, seu processo de surgimento e suas atividades, acesse: <<http://historiapublica.com.br/>>. Ou consulte o livro: ALMEIRA, J. R.; ROVAI, M. G. O. (Org.). Introdução à história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011. 231 p.

¹⁵ Dados retirados do site: <<http://historiapublica.com/>> [Acesso em 14 abr. 2015].

uma história que seja pública significa admitirmos que a que temos produzido fica restrita a poucas pessoas. Ou seja, entre os historiadores há a percepção de que as produções acadêmicas pouco têm circulado entre o público não especializado, ao mesmo tempo, é evidenciada a importância em começar a criar janelas nos espessos muros que isolam as universidades.

De acordo com Sara Albiéri (2011), o conceito de história pública não é novo, mas a reflexão sobre sua importância na academia vem se expandindo. Segundo a autora:

A expressão "história pública" pode ser entendida de várias maneiras. De imediato, ela evoca a ideia de acesso irrestrito, isto é, de um conhecimento histórico franqueado a todos. Especialmente em nossos dias, entende-se que clausuras serão abertas e que informações, antes censuradas ou veladas, doravante ocuparão espaços de domínio público. (ALBIERI, 2011, p. 19).

Ela se refere à história pública como uma espécie de oposição à história privada (que, obviamente, não é a mesma coisa que a "história da vida privada") e cita como exemplo a abertura dos arquivos militares e policiais relacionados aos opositores do regime e presos políticos. Desta forma, também ressalta que "nesses casos, a publicação não é de interesse apenas para o trabalho historiográfico, mas, com frequência, é reivindicada em meio às discussões de direitos políticos ou civis." (ALBIERI, 2011, p. 20). Ou seja, há interesses, impulsionados por angústias e paixões, relacionados às identidades desses sujeitos que sentem a necessidade de reivindicar que essa história venha a público. As autoras Almeida e Rovai também definem história pública como:

[...] uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a história pública pode ser definida como um ato de "abrir portas e não de construir muros", nas palavras de Benjamin Filene. (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 7).

Ou seja, a história pública pode ser entendida como um fenômeno que abrange as diversas formas de produção do conhecimento histórico que atingem grande circulação e contribuem para os usos públicos desse conhecimento, sendo acessível a pessoas com os mais variados tipos de formação e de atuação

profissional. Nesse sentido, ela diz respeito à história que “se manifesta em múltiplos meios de comunicação e em diferentes linguagens e suportes, sem ser produzida, necessariamente, por historiadores de ofício” (SILVA, M., 2013, p.15-16). As produções de história pelos jornalistas, com seus livros-reportagem, por exemplo, e também “cineastas, teatrólogos, quadrinistas, músicos, artistas plásticos, museólogos e outros profissionais participam desse processo, com historiadores que se interessam pelo caráter público de seu campo de trabalho” (SILVA, M., 2013, p.16). Ao mesmo tempo que é explicitada a importância em produzir uma história “franqueada a todos”, também nos é colocada a necessidade em investigar e estar a par de todas essas outras diferentes formas de reflexão sobre o passado que atingem grande circulação na esfera pública.

Contudo, parece ser ainda forte o fato de que, tal como ressalta Albieri (2011, p. 23), “a Academia tem sido omissa em considerar seriamente esse tipo de historiografia produzida para o público, à margem do que se faz *stricto sensu* nas escolas de formação superior”. Por um lado, o produtivismo acadêmico, que promove uma espécie de *mcdonaldização*¹⁶ da ciência, valorizando quase que exclusivamente a publicação em periódicos e livros destinados à comunidade científica, literatura que fica praticamente restrita aos leitores que são interlocutores especializados, ligados à vida acadêmica (ALBIERI, 2011, p.25). Por outro lado, nota-se que ainda há um tímido preconceito por parte de uma parcela dos historiadores com a história feita por outros profissionais, fazendo com que se olhe para essas produções com certa desconfiança e, em alguns casos, com desprezo. Laurentino Gomes relata sentir esse preconceito por parte dos historiadores e o define como uma “disputa de território do conhecimento” entre historiadores *versus* jornalistas. Ele afirma que:

Tem historiadores acadêmicos que boicotam as minhas palestras, os meus bate-papos alegando que eu não sou historiador, portanto eu não mereço ser ouvido! Eu acho isso reacionário por parte da academia. Porque a academia por natureza deveria ouvir o novo, ficar atento aos novos fenômenos, discuti-lo, filtrá-lo, analisa-lo e tal. [...] eu acho que é um domínio territorial, é o que o Raymundo Faoro chamaria de patrimonialismo aplicado ao conhecimento, ao saber. [...] o que eu sinto às vezes é que os historiadores não querem discutir a minha obra, eles querem discutir o território, é só isso. Ninguém quer discutir se o trabalho que eu fiz de interpretação da proclamação da república é válido ou não, se a narrativa

¹⁶ Ver: WOOD JR. Thomaz. *Slow Science*. In: **Carta Capital**. 25.05.2012. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/slow-science/>> [Acesso em 20 abr. 2015]

que eu fiz sobre a independência do Brasil no 1822 tem algum fundamento, tem alguma coisa que mereça ser discutido, não! Eles estão discutindo apenas se eu sou historiador ou não sou. E aí não tem graça. Porque aí nessa discussão eu não entro, eu sou jornalista, não sou historiador. (GOMES, 2014)

Embora Gomes generalize, sabemos que não são todos os historiadores que adotam essa postura excludente, alguns, inclusive, enxergam essas produções não acadêmicas como uma forma muito positiva de popularizar o conhecimento histórico, como discutiremos adiante. Mas, como se verá, uma parte das críticas acadêmicas negativas dirigidas ao livro *1808*, por exemplo, no geral, afirmam que o livro tem pouca seriedade e criticidade com as fontes, fatos e personagens históricos e possui uma única preocupação: vender! No entanto, o fato do jornalista escrever sobre história, não significa que ele tenha se transformado magicamente em historiador, ou seja, as intenções e os critérios adotados por ele, nem sempre são os mesmos critérios adotados por um acadêmico. E, às vezes, como afirmou Estevão de Resende Martins, “uma tese muito bem feita não consegue atingir o público que um livro como esse consegue”¹⁷.

Além disso, a escrita acadêmica ainda carrega os vestígios do “endurecimento” narrativo que sofreu durante seu processo de “cientificação”, em meados do século XIX, era como se arte e ciência não pudessem ocupar o mesmo espaço, o que acabou colaborando para que as preocupações com a estética na história, por exemplo, fossem relegadas a segundo plano na formação do historiador. Neste sentido, a “vulgarização” do conhecimento passou a carregar uma conotação pejorativa. Para Sara Albieri o termo *divulgação* parece ter uma melhor receptividade nas Ciências Naturais ou Exatas do que nas Ciências Humanas. Isso não quer dizer, no entanto, que elas estejam o tempo todo preocupadas com a divulgação ou que façam isso com primor para além de suas áreas específicas, basta pegarmos como exemplo as bulas de remédio que, muitas vezes, de autoexplicativas não têm nada! Laurentino Gomes também destaca que a linguagem excessivamente técnica não é um problema específico da História, ou das ciências humanas. Para ele:

¹⁷ Dados retirados da reportagem “Em livros de sucesso, historiadores e jornalistas travam guerra sobre o país”. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/10/28/interna_diversao_arte,220285/index.shtml> [Acesso em: 20 abr. 2015]

[...] O conhecimento no mundo inteiro está se tornando cada vez mais especializado, mais vertical. Então o médico só lê médico, psicólogo só lê psicólogo, historiador só lê historiador, engenheiro só lê engenheiro... E a linguagem vai ficando cada vez mais técnica. Aliás, quanto mais você dominar a linguagem técnica dentro de um determinado grupo, mais você se valida nesse grupo rapidamente. [...]. Então, vira uma linguagem excludente. (GOMES, 2014)

Mas, segundo Albieri, talvez pelo fato do conhecimento das Ciências Naturais ser “altamente matematizado e expresso num jargão bastante hermético” (ALBIERI, 2011, p. 23), faz com que divulgar seja um processo importante para “garantir a compreensão, até mesmo, de acadêmicos de áreas diversas, completamente leigos fora de suas áreas de especialização” (ALBIERI, 2011, p.24). Já no caso das Ciências Humanas, “talvez devido à quase ausência de recursos matemáticos e ao vocabulário semelhante à linguagem comum, tende-se a considerar que o acesso a esse tipo de conhecimento não precisa de mediação” (ALBIERI, 2011, p.24).

Frente a essas dificuldades e desafios, a história pública (além de ser entendida como um fenômeno que abarca as diversas produções por diversos profissionais) destaca a importância em analisar os usos públicos das diferentes formas de reflexão sobre o passado. Nesse sentido, ela também destaca a necessidade de refletirmos sobre nosso papel enquanto historiadores e a importância em expandir nossas produções para o espaço público¹⁸. Ou seja, a história pública e a Didática da História se aproximam e se relacionam na medida em que a Didática da História, enquanto subdisciplina da Ciência Histórica, ao mesmo tempo em que se preocupa com todas as questões referentes ao ensino e a aprendizagem da história (incluindo assim as produções da história pública); também se preocupa com a necessidade de “publicizar” o conhecimento histórico científico, como discutiremos mais adiante.

Além disso, a história pública também é entendida aqui como um dos elementos que compõe o campo da cultura histórica. Apoiados em Rüsen,

¹⁸ Segundo Jurandir Malerba: “desde o final dos anos 1990, nos Estados Unidos, a *Public History* encontra-se institucionalizada dentro das universidades. Em 1996, o *National Council on Public History* (NCPH) já arrolava mais de cinquenta programas de pós-graduação (*graduate studies*, nosso *Stricto Sensu*) voltados, em geral, para cursos principais em História e Administração Pública com habilitações em áreas como História Oral, Administração de Arquivos, Planejamento Urbano e História Ambiental”. (MALERBA, 2014, p. 29.). Ver também: LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? Os públicos e seus passados. In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. O. (orgs). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, em que a autora traça um panorama do desenvolvimento da história pública nos Estados Unidos, Austrália e Grã-Bretanha e como ela esta organizada dentro das universidades.

entendemos a cultura histórica como “uma categoria de análise que permite compreender a produção e usos da história no espaço público na sociedade atual” (SCHMIDT, M. 2012, p. 96). Trata-se de um fenômeno que abarca as diversas reflexões acerca do passado por diversos agentes, do qual fazem parte o “boom continuo de la historia, a la gran atención que han suscitado los debates académicos fuera del círculo de expertas y expertos, y a la sorprendente sensibilidad del público en el uso de argumentos históricos para fines políticos.” (RUSEN, 1994, p. 2). Segundo Rüsen:

La 'cultura histórica' contempla las diferentes estrategias de la investigación científico-académica, de la creación artística, de la lucha política por el poder, de la educación escolar y extraescolar, del ocio y de otros procedimientos de memoria histórica pública, como concreciones y expresiones de una única potencia mental. De este modo, la 'cultura histórica' sintetiza la universidad, el museo, la escuela, la administración, los medios, y otras instituciones culturales como conjunto de lugares de la memoria colectiva, e integra las funciones de la enseñanza, del entretenimiento, de la legitimación, de la crítica, de la distracción, de la ilustración y de otras maneras de memorar, en la unidad global de la memoria histórica. (RÜSEN, 1994, p. 1).

Ou seja, a cultura histórica identifica “a forma como uma sociedade lida com seu passado e sua História” (PANDEL, 2006b, p. 74 *apud* CARDOSO, 2007, p. 77). Ela diz respeito a todas as formas de história, científicas e extras científicas, que contribuem de maneira significativa para a orientação temporal de determinado grupo ou sociedade, incluindo assim diversas produções, tais como “filmes, programas de televisão, romances históricos, peças de teatro, histórias em quadrinhos, pontos turísticos, museus, comemorações de datas históricas, revistas de divulgação científica e outros textos jornalísticos” (CARDOSO, 2007, p. 78). É importante ressaltar que enquanto a história pública se refere às inúmeras produções que chegam ao público, a cultura história diz respeito a todas as formas de produção que atingem, ou não, grande circulação, mas que de alguma forma são significativas para a orientação temporal dos sujeitos. Desta forma, a história pública é entendida não como a própria cultura histórica, mas como uma das fatias (em nossa sociedade atual, talvez ela represente a maior dessas fatias) que compõem o bolo da cultura histórica.

Cultura histórica, portanto, é “la memoria histórica (ejercida en y por la conciencia histórica), que se señala al sujeto una orientación temporal a su praxis vital, en cuanto le ofrece una direccionalidad para la actuación y una auto

comprensión de sí mismo.” (RÜSEN, 1994, p.12). Ou seja, podemos entender a cultura histórica como se fosse um “palco” feito com a consciência histórica dos sujeitos, e onde ela se manifesta de maneira concreta, formando uma espécie de “teia de sentidos coletiva”. Cardoso, apoiado em Rüsen, ressalta que a consciência histórica está a um “pequeno passo” da cultura histórica e afirma que os dois conceitos podem ser apresentados como “duas faces de uma mesma moeda”:

De um lado, a consciência histórica desenvolve-se como um “constructo individual”, “durante processos de internalização e de socialização”. De outro lado, a cultura histórica, enquanto “constructo coletivo”, “desenvolve-se no processo oposto de externalização e de objetivação” (CARDOSO, 2007, p.78).

Em outras palavras, a cultura histórica é, dessa forma, “a articulação, bem sucedida na prática, da consciência histórica no seio da vida social” (MARTINS, 2012, p. 69). E, segundo Rüsen, ela pode ser entendida através de três principais dimensões: cognitiva (estruturação de acordo com critérios de pertinência, verdade), política (articulação em torno de meios de poder e eficácia) e estética (a enunciação discursiva lança mão de recursos estilísticos agradáveis, belos) (MARTINS, 2012, p. 69), as quais serão explicadas no decorrer deste capítulo. Em cada uma dessas dimensões “los procedimientos, factores y las funciones de la memoria histórica se presentan de diferente manera, adquiriendo así ya un perfil los fenómenos de la cultura histórica.” (RÜSEN, 1994, p. 13). Elas atuam em conjunto, devendo haver uma inter-relação necessária entre elas, de modo que uma não se sobreponha a outra. Segundo Rüsen:

[...] las tres dimensiones de la cultura histórica se compenetran mutuamente, y solamente en esa compenetración la conciencia histórica realiza su acción cultural característica, la rememoración histórica. No hay ninguna rememoración histórica que no esté marcada por los tres principios. (RÜSEN, 1994, p. 21).

Ao mesmo tempo que a consciência histórica se manifesta na cultura histórica, por ela é influenciada. Então, caso uma das dimensões se sobreponha a outra, ela acaba se tornando mais decisiva na construção da consciência histórica, podendo comprometer a orientação. Por exemplo, caso haja o domínio da dimensão estética à dimensão cognitiva, pode acarretar a irracionalidade, fragilização da força argumentativa do uso metodológico do intelecto, assim como também se a

dimensão estética se sobrepuser à política, pode gerar uma despolitização, gerando déficits de orientação política. Desta forma, para que a cultura histórica não entre em crise, é necessário que as três dimensões, entrelaçadas, estejam em uma espécie de harmonia.

Já que a consciência histórica se expressa na cultura histórica, ela é, neste enfoque, estudada pela Didática da História. Desta forma, a Didática da História, é pensada em suas três funções, tal como foi proposto por Bergmann: investigar o que é apreendido no ensino da história (tarefa empírica da Didática da História), o que pode ser apreendido (sua tarefa reflexiva) e o que deveria ser apreendido (tarefa normativa). (BERGMANN, 1990, p. 29). Ou seja, a Didática da História tem como preocupação a formação, o conteúdo e os efeitos da consciência histórica num dado contexto sócio histórico (BERGMANN, 1990, p. 29). Ela não está preocupada apenas com a transmissão e o ensino da história, mas com a suma das operações mentais com as quais os seres humanos reconstroem passados para se orientarem no presente e projetarem futuro imediato, de médio ou longo prazo (RUSEN, 2001). Portanto, a Didática da História está interessada em investigar não só as formas da história científica ou escolar, mas como diferentes reflexões sobre o passado influenciam a consciência histórica dos indivíduos, incluindo, como já foi afirmado anteriormente, por exemplo, as diversas produções que ocupam o *hall* da história pública, tais como as produções jornalísticas da história. Como afirma Saddi:

Uma didática dos meios públicos de produção do passado pergunta pelos temas históricos mais tratados na vida pública contemporânea, pelo modo como eles são abordados pelos diferentes atores e veículos, pelos interesses que movimentam essas temáticas e essas narrativas, pelas ideias interpretativas utilizadas para a produção dessas afirmações históricas, pelo vínculo que elas apresentam com a experiência, pela relação dessas narrativas com o acúmulo racional da produção do conhecimento científico e pelo modo como elas produzem uma auto compreensão do presente. (SADDI, 2012, p. 217).

Se a Didática da História “acaba assumindo a produção, circulação e utilização social de conhecimentos históricos como seu objeto de estudo” (CERRI, 2011, p.52), também podemos afirmar que essa disciplina está preocupada em investigar, analisar e, se necessário, interferir, didático-normativamente, na cultura histórica de determinada sociedade.

Partindo dessas premissas, a narrativa jornalística da história, que aqui é representada e analisada através do livro *1808*, é percebida como um produto da

história pública, que, por sua vez, é parte de uma cultura histórica mais abrangente. Portanto, esta pesquisa firma-se como uma pesquisa didático-histórica na medida em que se propõe a realizar uma autorreflexão da cultura histórica, preocupando-se em analisar quais são as influências dessa cultura histórica no livro *1808* e como ela influencia a construção da cultura histórica dos leitores. Por isso, nos propomos analisar o livro tendo como base essas três dimensões da cultura histórica (cognitiva, estética e política), entendendo que elas se entrelaçam constantemente e que não é possível pensar uma dimensão sem a outra. A partir disto, a análise do livro será confrontada com a análise da opinião dos leitores, que é a preocupação do segundo capítulo desta dissertação, já que não estamos interessados apenas em mapear ou entender que tipo de conhecimento produz o jornalista quando escreve sobre história, mas também como os leitores interagem com esse conhecimento.

1.2 SABER 1808: A DIMENSÃO COGNITIVA NA OBRA

Aproximadamente sete anos depois de seu lançamento, o *1808* continua despontando no *ranking* dos livros mais vendidos no país¹⁹. Ao presenciarmos a “explosão” de um grande sucesso de vendas como esse, surgem-nos várias questões, principalmente por se tratar de um livro de história feito por um “não historiador”. O que produz o jornalista quando escreve sobre história? Qual é o impacto dessas produções no processo de ressignificação temporal dos leitores? Qual a diferença entre a história feita por eles e a história feita pelos historiadores? Ou ainda, para que existe a profissão de historiador se outras pessoas também podem escrever (e escrevem) sobre história? Enfim, essas e outras questões não só nos estimulam a tentar entender esse fenômeno, mas também nos convidam a refletir, inclusive, sobre nossa própria prática e função de historiadores.

Tendo sido alvo de inúmeras críticas desde sua publicação, não há um consenso entre os historiadores a respeito do livro *1808*. Alguns compartilham a mesma opinião de André Raboni e encaram a obra como “uma publicação mercenária que visa apenas ganhar dinheiro” (RABONI, 2007). De mesma opinião

¹⁹ Até 01 de julho de 2015 ele ocupa a 13ª posição na categoria de não ficção da revista *Veja*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/livros_mais_vendidos/>. Acesso em: [01/07/2015]. A 5ª posição na categoria de não ficção e a 15ª na lista geral dos livros mais vendidos no Brasil, elaborada pelo site especializado no mercado editorial brasileiro: *PublishNews*, considerado um dos mais importantes sites de referência editorial. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/telas/mais-vendidos/Default.aspx>>. Acesso em: [01/07/2015]

desfavorável, Cecília Helena de Salles Oliveira, a respeito do segundo livro da trilogia, afirma que “edições como esta disparam, sobretudo, um alerta: não educam, desinformam, são conformistas e encontram espaço nos meios de comunicação” ²⁰. Em contrapartida, Jean Marcel Carvalho França, embora se incomode com o fato de que “ele comete o maior pecado para nós, historiadores, que é o anacronismo”, ao mesmo tempo admite que “a popularização é bastante positiva” ²¹ e, em outro momento, ainda comenta que o “autor evita o caricato e o deboche e passa longe de uma certa história jornalística ‘riponga’ e grotesca que anda por aí” (FRANÇA, 2007). Opinião muito próxima, inclusive, com a de José Murilo de Carvalho que afirma que “obras como *1808* não trazem nada de novo. Mas Laurentino achou uma maneira muito atraente de apresentar esses episódios da história para o grande público” ²². Também Mary Del Priori afirma que “além dos episódios históricos apoiados em fontes documentais e nos estudos mais atualizados sobre o tema, o autor faz saltar das páginas os personagens emblemáticos do período” (DEL PRIORI, 2007).

Como se vê, há uma heterogeneidade de opiniões muito grande com relação ao *1808*. Mas, uma das principais preocupações que aparece entre as críticas, tanto as negativas quanto as positivas, é com relação ao conteúdo dessa produção, já que se trata de uma obra de história elaborada sem as mesmas preocupações teórico-metodológicas dos acadêmicos. Isso porque, embora as duas profissões sejam marcadas pela subjetividade, pela busca da aproximação mais real possível de determinado fato e, como no caso dos livros-reportagem, trabalhem com a relação entre passado e presente, há sim uma considerável diferença entre o ofício do historiador e o ofício do jornalista. Os interesses e objetivos que motivam esses dois profissionais a escreverem sobre o passado, assim como os meios e instrumentos utilizados para fazê-lo, geralmente, não costumam ser os mesmos.

Uma dessas diferenças é o fato de que enquanto o historiador está mais submetido aos métodos da pesquisa acadêmica, o jornalista está mais diretamente envolvido com a lógica do mercado (MARCILIO, 2013, p. 43). Bonaldo explica que:

²⁰ Dados retirados do site: <<http://ateliedehistoria.blogspot.com.br/2010/11/resenha-1822.html>> Acesso em: [01 jul. 2015]

²¹ Dados retirados do site: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2011/10/jabut/>> Acesso em: [01 jul. 2015]

²² Dados retirados do site: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1331185-laurentino-gomes-conclui-a-trilogia-de-livros-de-historia-do-brasil-de-maior-sucesso-no-pais.shtml>> Acesso em: [01 jul. 2015]

Nas academias de história existe a figura do orientador ou de uma banca, os quais, enquanto manifestações discursivas do saber-poder institucional, detêm a autoridade de delimitar certos objetos, requisitar a justificativa de uma problemática e, com isso, barrar um projeto, aceitar outro, baseando-se sempre em critérios próprios ao lugar social do historiador. No jornalismo, existem os editores, as hierarquias de redação, os contatos editoriais e, como não poderia deixar de ser, questões e interesses de ordem essencialmente econômicos. Os critérios de produção típicos do lugar do jornalista são dessa forma bem mais íntimos aos critérios do mundo dos negócios. (BONALDO, 2010, p. 49)

Ao trabalhar nessa lógica, o jornalista tem uma preocupação especial com a divulgação de seu trabalho, já que é através dela que ele atrai seu público. Por isso a necessidade de estar atento aos possíveis “ganchos jornalísticos”, isto é, de um motivo ou oportunidade para publicação, e de se preocupar em confeccionar um texto claro, atraente e preciso. Essas preocupações, inclusive, faltam um pouco a boa parte dos historiadores acadêmicos que, com outras inquietações e prioridades relacionadas às etapas da pesquisa, acabam não priorizando as formas de divulgação de seus trabalhos. “Ao produzir ensaios e teses dentro do universo acadêmico, o historiador se dirige a seus pares, outros intelectuais. O texto historiográfico tende a utilizar recursos gramaticais mais elaborados, pendendo a um estilo mais formal de escrita.” (MARCILIO, 2013, p.57). Laurentino Gomes destaca a importância do jornalista no processo de divulgação do conhecimento, para ele:

[...] o jornalista tem uma missão muito importante nesse mundo que é tornar a informação, o conhecimento acessível ao público mais amplo possível. Essa é uma missão, uma prerrogativa fundamental dos jornalistas e o que a gente pode chamar também de um trabalho de divulgação científica. Eu acho que é por isso que eu defino meu trabalho como reportagem. Eu faço livro-reportagem, não faço história acadêmica (com todo o referencial conceitual, com todo o processo de validação em mesas de mestrado e doutorado), o meu trabalho é um trabalho de reportagem, o que me dá uma liberdade narrativa muito grande! Eu acho que o jornalista, ele tem essa outra missão que é ser um decodificador da linguagem técnica pra uma linguagem mais ampla, mais acessível, mais didática. (GOMES, 2014)

Essas preocupações provenientes do jornalismo diário acabam sendo incorporadas também nas narrativas jornalísticas da história. Ou seja, a preocupação em cativar o interesse do público, em utilizar uma linguagem acessível e atraente, em encontrar uma oportunidade de publicação, etc. Gomes, ao escrever seus livros-reportagem sobre história, procurou traduzir de uma forma acessível a “difícil linguagem acadêmica”. Ele ainda afirma que, ao decodificar a linguagem, o jornalista “tem que ser muito didático e tem que inclusive correr riscos. Riscos, por

exemplo, de cair em problemas de natureza teórica, referencial, inclusive.” (GOMES, 2014). Portanto, sem o mesmo rigor e atenção da pesquisa acadêmica, essas narrativas jornalísticas da história, correm o risco de cometerem omissões e deixarem passar certos equívocos, além de poderem reforçar clichês ou preconceitos já superados. (MARCILIO, 2013, p. 57).

Segundo Bergmann, o que diferencia a história científica das outras formas de história é o acréscimo de racionalidade “que está presente na referência a um sistema teórico, no método histórico e no conhecimento histórico”. (BERGMANN, 1990, p. 33). Racionalidade é entendida aqui não como na referência iluminista de algo a ser atingido em uma escala, como uma espécie de luz capaz de preencher a cabeça dos indivíduos que antes viviam na ignorância e na superstição e que agora, iluminados pela razão, atingiram o conhecimento puro e verdadeiro. Entendemos aqui racionalidade em um sentido paradigmático; “razão quer, pois, designar o que caracteriza o pensamento histórico que se processa na forma de um debate movido pela força do melhor argumento” (RÜSEN, 2001, p. 21), admitindo assim, que não há como alcançar resultados definitivos, pois, sabe-se que não há uma verdade absoluta, portanto, essa razão aceita que pode vir a ser superada, ao mesmo tempo, ela não permite o relativismo extremado, em que se nega a possibilidade de qualquer racionalidade. Esse entendimento de racionalidade possibilita “tanto o respeito à diversidade de razões quanto à existência de bases cognitivas para projetos coletivos que possam ir além das verdades particulares. Estas, mesmo respeitadas, não são aceitas como única possibilidade de estruturação do mundo”. (CERRI, 2011, p. 63).

Esse acréscimo de racionalidade pela ciência da história, e através das suas preocupações com a Didática da História, faz com que ela investigue a consciência histórica não só com o intuito de descrevê-la, mas também com a intenção de ajudar a impedir que orientações práticas ou motivações e práticas historicamente superadas ou distorcidas sejam transmitidas, ganhem força e se multipliquem na esfera pública. (BERGMANN, 1990, p.32). Portanto, é isso que torna a Ciência da História a principal responsável por dar o aval final se determinada reflexão sobre o passado pode ou não ser ensinada. Por exemplo, de acordo com esse raciocínio da força do melhor argumento não é possível haver aprovação e circulação nas escolas de um livro didático que ofereça uma visão positiva da ditadura militar, ignorando todas as violações à democracia e aos direitos humanos desse período. Ou ainda,

que ofereça uma visão relativista dizendo que não podemos condenar a opressão militar já que os opositores da ditadura também cometeram crimes contra o regime. Claro que existem algumas exceções, como os Colégios Militares. No entanto, mesmo nesses casos, além das críticas recebidas pela comunidade científica, esses livros produzidos por essas instituições não possuem a aprovação de órgãos como o PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) que adotam critérios científicos para a avaliação de manuais didáticos em todo território nacional. Além do mais, isso também não quer dizer que todos os professores de história responsáveis por utilizar esses materiais em sala de aula, o utilizem de maneira acrítica, sem realizar a devida ponderação e contra argumentação²³.

O fato da Ciência da História possibilitar esse acréscimo de racionalidade, não significa que ela seja a única forma de história a ser considerada, nem que todas as outras formas de produção da história sejam ultrapassadas, distorcidas ou desprovidas de razão. Mas é importante destacar que a história científica, através da reflexão didática e das preocupações teórico-metodológicas, torna-se a disciplina capaz e apta a investigar, refletir e, se necessário, construir um contraponto para essas diferentes formas de produção de história. Isso faz com que a Ciência da História desempenhe uma função importante na dimensão cognitiva da cultura histórica. Segundo Rüsen:

La dimensión cognitiva de la cultura histórica se realiza, en las sociedades modernas sobre todo a través de las ciencias históricas. Con su regulación metodológica de la actividad de la conciencia histórica de percibir, interpretar y orientar se hacen responsables del principio que regula sus operaciones cognitivas: se trata del principio de coherencia de contenido, que se refiere a la fiabilidad de la experiencia histórica y al alcance de las normas que se utilizan para su interpretación. (RÜSEN, 1994, p. 20).

É como se a Ciência Histórica tensionasse as demais produções, já que elas buscam sustentação histórica para terem validade e serem aceitas. Ou seja, se as produções não acadêmicas da história estão preocupadas em ter validade buscando

²³ Para mais informações sobre o livro didático dos Colégios Militares ver: CERRI, Luis Fernando; SOARES, Felipe Bronoski. Educação da educação histórica nos Colégios Militares: um desafio para a Didática da História recente. In: **Revista Eletrônica do Tempo Presente**, Ano 04, N. 01. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5898:educacao-da-educacao-historica-nos-colegios-militares-um-desafio-para-a-didatica-da-historia-recente&catid=95:educacao-do-mes-de-marco-2014&Itemid=229> Acesso em: [11 jul. 2015]. Ver também: **A história ensinada às crianças e adolescentes dos colégios militares**. ANPUH (Associação Nacional de História) [29 jun. 2011]. Disponível em: <http://www.anpuh.org/informativo/view?ID_INFORMATIVO=1864> Acesso em: [11 jul. 2015].

construir suas narrativas baseadas na força do melhor argumento, então elas se importam com o que a história científica tem a dizer, por isso se espelham ou buscam suporte nela, desta forma, ao fazerem isso, essas produções também possibilitam um acréscimo de racionalidade. Esse papel de regulação e “tensão” que exerce a Ciência da História, nos ajuda a entender, por exemplo, o fato da maioria dos livros-reportagem, ao construir suas narrativas, procurarem constantemente justificar ou legitimar suas afirmações buscando se apoiar em historiadores. Mesmo que alguns desses livros acabem utilizando recortes de produções científicas e as compilando de uma maneira que acaba por, intencionalmente ou não, deturpar ou oferecer uma visão simplista ou relativista de determinado assunto.

Já no livro *1808*, por exemplo, percebe-se que seu conteúdo é retirado e embasado em pesquisas feitas anteriormente pelos “estudiosos que se dedicam ao difícil e paciente trabalho de pesquisas em fontes primárias” (GOMES, 2007, p. 24). Assim, o livro “se vale do trabalho destes e de inúmeros outros pesquisadores para descrever o que aconteceu no Brasil dois séculos atrás” (GOMES, 2007, p. 25). Para explicar, justificar e exemplificar alguma ideia ou situação narrada na obra, Gomes usufrui dessas pesquisas e as compila buscando dar legitimidade às suas afirmações. Ou seja, *1808* não trás nada de novo no que se refere aos debates e produções historiográficas a respeito do processo de transferência da corte portuguesa ao Brasil, a novidade talvez esteja na forma diferente de apresentá-las.

Aparentemente, o que Gomes se propõe a fazer então é “traduzir” a “difícil linguagem acadêmica” (GOMES, 2007, p. 22) desses historiadores e “tornar este pedaço da história mais acessível para leitores que se interessam pelos acontecimentos do passado” (GOMES, 2007, p. 22). Demonstrando assim ter uma preocupação em deixar a obra didática. Essa preocupação fica ainda mais evidente com relação à edição juvenil do *1808*. Ao ser questionado sobre por que criar uma edição juvenil ilustrada mesmo com a versão original sendo simples e acessível, Gomes afirmou:

Apesar da linguagem acessível, em tom jornalístico, o “1808” assusta um pouco os adolescentes, não estão habituados a enfrentar um livro de 418 páginas. Ouvi essa observação de vários professores e educadores depois de lançar o livro, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em setembro de 2007. Por isso, decidi fazer uma versão juvenil, mais ilustrada e condensada. O novo livro, com um total de 146 páginas e ilustrado em aquarelas pela artista gaúcha Rita Brooger, é mais lúdico e atraente para esse público jovem. (GOMES, 2008b).

Segundo Gomes, “o principal objetivo da versão juvenil do 1808 é pedagógico.” (GOMES, 2008b). O que demonstra a preocupação em, além de buscar novas estratégias estéticas, adaptar o conteúdo presente no livro. Desta forma, a versão juvenil é mais resumida, as informações foram condensadas e, em alguns momentos, reordenadas, facilitando a compreensão do leitor através de uma linguagem adaptada a esse novo público. Nota-se que, nas palavras do autor, “alguns personagens e situações considerados acessórios” (GOMES, 2008a, p. 10) acabaram não sendo contemplados nesta edição, como, por exemplo, a história do arquivista José Joaquim dos Santos Marrocos. Embora Gomes ressalte na introdução que o livro “é todo fundamentado em referências bibliográficas” (GOMES, 2008a, p. 10), nessa versão juvenil não há um espaço destinado às notas ou referência bibliográficas, e os historiadores aparecem com bem menos frequência durante a narrativa, já que se trata de outro público que mede a confiança e a veracidade das informações de outras maneiras.

Ao contrário da edição original, em que historiadores e demais estudiosos sobre o assunto aparecem constantemente no enredo: “observou”, “avaliou”, “conta”, “relata”, “escreveu o historiador”, “autoridade no assunto”, entre outros inúmeros exemplos em que esses especialistas são evocados para esclarecer, justificar, legitimar alguma ideia ou situação narrada. Como afirma Bonaldo, “atores e agentes na narrativa jornalística – alterando seu sentido e deslizando pela tessitura do enredo – as autoridades historiográficas aparecem como quase personagens da intriga histórica” (BONALDO, 2009, p. 205).

É interessante notar que, se adotarmos como referência a formação acadêmica dos dias de hoje, muitos desses historiadores em quem Gomes se apoia constantemente não são historiadores acadêmicos, mas são cronistas e memorialistas do século XIX. Quanto a isso, também vale ressaltar que, como aponta Silva:

Vale lembrar que, na historiografia brasileira, a identidade entre historiadores e escritores foi regra até boa parte do século XX, mudando principalmente a partir da consolidação de cursos universitários de história, o que não impediu a existência de rigorosos historiadores acadêmicos com perfis de escritores – caso de Sérgio Buarque de Holanda (2010 e 2011). (SILVA, M., 2013, p. 17).

Como assinalado anteriormente, o fato de não serem produzidas por um historiador de ofício não significa que não existam obras com boa qualidade, que se preocupem com questões teórico-metodológicas e em fornecer o melhor argumento, compartilhando os mesmo critérios da ciência e buscando articular outros pontos de vista. O problema reside no fato de Gomes não contextualizar esses autores e suas respectivas produções. Por exemplo, para construir a imagem de D. João, Gomes recorre a vários sujeitos, entre eles Oliveira Lima e Oliveira Martins. No entanto, a maneira como os dois autores constroem a imagem de D. João é quase antagônica. Oliveira Martins (1880), historiador português, é um dos autores responsável por inaugurar um movimento que transforma a imagem do príncipe regente em um personagem depreciativo. Segundo Barra:

Nas últimas décadas do século XIX havia surgido em Portugal uma geração de historiadores que atuou imbuída da missão de crítica contra a situação de estagnação socioeconômica de Portugal e a tradição católica e monarquista. A Geração Nova, ou Geração de 70, consagrou a interpretação depreciativa dos reinados de D. Maria e D. João, [...]. (BARRA, 2006, p. 36).

Essa visão caricata de D. João será incorporada por grande parte dos historiadores republicanos no Brasil, tal como Luiz Edmundo (1957), o qual também é utilizado por Gomes. Em contrapartida, o brasileiro Oliveira Lima, embora tenha buscado inspiração na Geração Nova, ao escrever *D. João VI no Brasil* em 1908 (ano do centenário da abertura dos portos) ofereceu uma visão radicalmente diferente daquela que estava sendo apropriada pelos republicanos, chegando a considerar D. João como o “verdadeiro fundador da nacionalidade brasileira”. O livro de Oliveira Lima “é tido como um marco de revisão histórica do período joanino e de reabilitação da figura de D. João, pelo que representa como alteração de perspectiva em relação a uma personalidade e uma época” (BARRA, 2006, p. 36).

Essas diferentes maneiras de pensar o príncipe regente, inclusive, foram as duas visões que predominaram entre as inúmeras produções que surgiram durante a comemoração de 200 anos da chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 2008, conforme observou José Murilo de Carvalho (2008, p. 554). Gomes, situado neste contexto do bicentenário, embora transite entre as diferentes visões de Oliveira Lima e Oliveira Martins, não explicita ao leitor essas divergências e, mesmo utilizando com frequência Lima, ele opta por reforçar a imagem de um D. João caricato, frouxo

e glutão, aproximando-se muito das representações construídas pela memória republicana.

Desta forma, como Gomes não tem a intenção de realizar uma nova análise ou uma crítica historiográfica, o que ele faz é costurar fragmentos desses historiadores no enredo e assim ir dando legitimidade ao construir sua narrativa, marcada por personagens que, segundo ele, “podem ser sim, inacreditavelmente, caricatos” (GOMES, 2007, p. 21). Essa estratégia de compilar informações é uma das características que aproximam muito o livro *1808* com o jornalismo diário. O próprio autor o classifica como um “livro-reportagem”. Pode-se dizer que o livro-reportagem é ao mesmo tempo um gênero literário e jornalístico. Ou seja, trata-se de uma obra que aborda “acontecimentos ou fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias” (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 144). De acordo com Edvaldo Pereira Lima:

[...] o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, P., 2009, p. 26)

Embora o livro-reportagem obedeça às particularidades específicas da linguagem e de alguns elementos metodológicos do jornalismo diário, ele também se diferencia do mesmo em alguns aspectos, como, por exemplo, o fato de não apresentar periodicidade e de seu conceito de atualidade possuir maior elasticidade do que o que se aplica às publicação periódicas. Isto quer dizer que, além de possuir maior maleabilidade de tratamento, o livro-reportagem explora com mais profundidade temas tratados por meios periódicos (jornais, revistas, etc.), ou ainda, temas por eles desprezados, pelo fato de, por exemplo, não encontrarem interesse imediato entre o grande público. Para Pereira Lima, o livro-reportagem amplia o trabalho da imprensa cotidiana, exercendo “função recicladora da prática jornalística, porque ousa incorporar contribuições conceituais e técnicas provenientes de áreas como a literatura e a história” (LIMA, P., 1998, p. 8).

A respeito de Laurentino Gomes ter declarado o 1808 como um livro-reportagem, em uma entrevista concedida à revista História Viva, ele afirmou:

Antes fazia jornal e revista, agora faço livro. Mas o que eu faço é reportagem. Não é nem um almanaque de curiosidades, porque aí o livro seria irrelevante, nem um livro acadêmico, denso, com um mergulho muito profundo. É uma análise com elementos pitorescos, coisas bem-humoradas, perfis de gente de carne e osso, o que torna a história fascinante ²⁴.

Mesmo declarando não ter a pretensão de ser um livro acadêmico, Gomes não deixa de ressaltar que ele é resultado de “dez anos de investigação jornalística” (GOMES, 2007, p. 15), e que todas as informações do livro “são baseadas em relatos e em documentos históricos, exaustivamente apurados e checados”. Também na versão juvenil, Gomes destaca que mesmo as ilustrações em aquarela, de Rita Bromberg Brugger, foram produzidas “com base em rigorosa pesquisa histórica” (GOMES, 2008, p. 10). Ao mesmo tempo, ele pondera que “mesmo assim, não está isento de eventuais erros, factuais ou de interpretação, que necessitem ser corrigidos no futuro” (GOMES, 2007, p. 25).

No entanto, com exceção de algumas cartas e diários compilados em formato livro, percebe-se que o autor não faz uso de fontes primárias e, quando faz referência a essas fontes, elas aparecem quase sempre sem serem problematizadas. São citações e análises que o autor retira de obras de outros pesquisadores, os quais, como já afirmado anteriormente, aparecem com bastante frequência na obra, quase sempre sem serem contextualizados, sem realizar uma crítica, ou justificar essas suas escolhas historiográficas. Como exemplo, podemos citar a questão central do livro que é a vinda da corte portuguesa ao Brasil. Trata-se de uma transferência ou de uma fuga? Já na introdução, Gomes indaga:

A corte portuguesa mudou ou fugiu para o Brasil? Qual seria o termo adequado para definir o que aconteceu entre novembro de 1807 e julho de 1821, datas da partida e do retorno de D. João VI a Portugal? Os historiadores nunca chegaram a um acordo. Oliveira Lima se refere “transladação da corte”. Luiz Norton chama de “transferência voluntária” ou de “transposição da sede portuguesa”. Ângelo Pereira fala em “retirada da família real para o Brasil”. Tobias Monteiro trata de “transplantação”. Outros usam expressões como “transmigração” ou “mudança”. Este livro chama evento de fuga, substantivo adotado igualmente pelos historiadores Pereira

²⁴ Gomes em entrevista para Claudia Bojunga, disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/7_perguntas_para_laurentino_gomes.html> Acesso em: [09 jul. 2015].

da Silva, Jurandir Malerba e Lilia Moritz Schwarcz, entre outros. (GOMES, 2007, p. 23).

De fato, há um embate na historiografia e não existe um consenso semântico quanto à melhor terminologia utilizada para se referir ao evento da vinda da família real portuguesa ao Brasil. Mas, há que se considerar que, de uma maneira geral, o uso da terminologia “fuga” vem acompanhado de um sentido depreciativo, como uma decisão desesperada, atrapalhada e repentina. Essa visão foi bastante explorada pela acima citada Geração Nova, a qual caracterizou os personagens da monarquia, como D. Maria e D. João, de maneira bastante caricata e consagrou a interpretação depreciativa de seus reinados, “baseando-se na versão da fuga vergonhosa do Príncipe-Regente, do abandono da nação portuguesa às tropas napoleônicas e do favorecimento da colônia que resultara na sua independência” (BARRA, 2006, p. 36).

Nesse sentido, a obra de Oliveira Lima também se coloca aqui como uma espécie de “divisor de águas” na historiografia, buscando reabilitar esse episódio de 1808 declarando que “[...] é muito mais justo considerar a transladação da corte para o Rio de Janeiro como uma inteligente e feliz manobra política do que como uma deserção covarde” (LIMA, O., 1908, p. 37). É certo que essa visão de Lima não era inédita, como afirma Raquel Stoiani, “ela fazia eco àquela defendida um século antes pela Inglaterra, principal aliada portuguesa e principal interessada na vinda de D. João para o Brasil, constituindo-se igualmente em um dos pontos da retórica do poder lusitano recém-instalado na América” (STOIANI, 2009, p. 21), assim como podemos observar através dos escritos de Lord Strangford e do Tenente General Hugh Darymple, oficiais ingleses presentes e envolvidos no episódio da transferência e que o registraram como uma estratégia política que assegurou a continuidade da monarquia portuguesa.

A influência de Oliveira Lima percorre a produção historiográfica mais recente, embora, como atenta Stoiani (2009, p. 21), “uma ‘fuga’ aqui e outra ali pareça escapar de maneira involuntária, como que a revelar a dificuldade de se livrar de certos estereótipos, ainda que não se tenha a intenção em negativar”. Assim, embora Gomes declare optar por se referir ao evento enquanto “fuga”, ele admite que “a mudança da corte para o Brasil era um plano muito antigo de Portugal, mas em 1807 o príncipe regente não tinha escolha: ou fugia ou muito provavelmente seria preso e deposto por Napoleão Bonaparte, [...]” (GOMES, 2007, p. 23).

Entretanto, a conclusão que vem logo a seguir é que: “Se não havia alternativa, também não se justifica o uso de malabarismos semânticos para amenizar ou disfarçar o que de fato ocorreu: uma fuga pura e simples, apressada, atabalhoada, sujeita a erros e improvisações.” (GOMES, 2007, p. 23).

Ao chegar a esta conclusão, Gomes tira o foco da transferência enquanto estratégia política e o confirma como uma fuga súbita e atrapalhada, muito próxima daquela visão retratada pela Geração Nova e pela memória republicana no Brasil. Assim, ao declarar que usará o termo fuga, tal como igualmente fazem os historiadores Pereira da Silva, Jurandir Malerba e Lilia Moritz Schwarcz (GOMES, 2007, p. 23), e, logo em seguida, deixar claro o que ele entende por essa fuga, mesmo que não intencionalmente, ele conduz o leitor a acreditar que essa perspectiva é sustentada também por esses historiadores, quando na verdade, Lilia Schwarcz, por exemplo, embora utilize de fato a expressão “fuga da corte”, ela considera que “foi muito mais planejada do que se imagina” (SCHWARCZ, 2002, p. 35), e ainda afirma:

Estranha é, portanto, a ladainha que corre até hoje entre nós e que conta e reconta a história de um monarca que escapou às pressas de seu reino, sem planejamento nenhum. Difícil imaginar tal cenário, diante de tantos documentos que provam o contrário e evidenciam uma estratégia que implicou, entre outros, o fato de a biblioteca viajar logo em seguida ao monarca. Ao que tudo indica, a fuga não foi tão de última hora, e, entre tantas riquezas, a Real Livraria atravessaria o oceano, distribuída por algumas centenas de caixotes e em três etapas: uma viagem em 1810 e outras duas em 1811. (SCHWARCZ, 2002, p. 35)

Mesmo que Gomes toque na questão a respeito das diferentes terminologias utilizadas para se referir ao mesmo fato que marcou o ano de 1808, ele não explora, compara ou contextualiza essas diferenças historiográficas, apenas as cita, comentando como esses diferentes historiadores se reportam a esse evento. Por mais que, ao longo do enredo, especialmente no capítulo destinado a tal discussão – *A fuga* (GOMES, 2007, p. 31), possamos perceber que Gomes demonstra reconhecer a existência de uma discussão mais complexa, que está além de uma simples questão de escolha semântica e que evidencia muito mais uma estratégia política pensada pela monarquia do que uma fuga feita às pressas. O que nos leva a acreditar que um dos principais motivos dele ter optado pela terminologia “fuga”, no sentido de decisão atabalhoada, se dê por interesses puramente jornalísticos, os quais parecem fazer parte de uma estratégia narrativa e estética para atrair a

atenção do leitor. Já que a fuga é retratada em um sentido caricato, como consequência da fraqueza e da falta de coragem de D. João. Antes mesmo de explicar a fuga da família real, Gomes trata de traçar a personalidade do então príncipe regente:

(...) era tímido, supersticioso e feio. O principal traço de sua personalidade e que se refletia no trabalho, no entanto, era a indecisão. Espremido entre grupos com opiniões conflitantes, relutava até o último momento a fazer escolhas. As providências mais elementares do governo o atormentavam e angustiavam para além dos limites. Por isso, costumava delegar tudo aos ministros que o rodeavam. Em novembro de 1807, porém, Dom João foi colocado contra a parede e obrigado a tomar a decisão mais importante da sua vida. A fuga para o Brasil foi resultado da pressão irresistível exercida sobre ele pelo maior gênio militar que o mundo havia conhecido desde os tempos dos césores do Império Romano: Napoleão Bonaparte. (GOMES, 2007, p. 34).

Gomes reconhece todas as implicações políticas daquele momento em que Portugal precisava quebrar sua neutralidade, enquanto de um lado estava sua antiga aliada Inglaterra e de outro a França com sua sede de expansão terrestre e todo o temor que despertava às monarquias no contexto europeu. Chegando a afirmar na introdução do livro que se tratava de “um plano muito antigo em Portugal, mas em 1807 o príncipe regente não tinha escolha: ou fugia ou muito provavelmente seria preso e deposto por Napoleão Bonaparte, como aconteceu alguns meses mais tarde com a monarquia espanhola” (GOMES, 2007, p. 23). No entanto, ao longo do livro, a imagem que vai construindo é de um príncipe medroso, inseguro e incapaz de tomar decisões e que, por conta desta sua covardia, resolve, às pressas, fugir para o Brasil. Ou seja, a fuga não representa uma estratégia de Portugal para preservar o Império e assegurar a manutenção da monarquia, mas é uma consequência de um governo despreparado e covarde. Segundo Gomes:

Havia, obviamente, uma terceira alternativa, que sequer foi considerada por Dom João. Seria permanecer em Portugal, enfrentar Napoleão e lutar ao lado dos ingleses na defesa do país, mesmo correndo o risco de perder o Trono e a Coroa. Os fatos mostrariam mais tarde que as chances de sucesso nesse caso eram grandes, mas, em 1807, essa opção não estava ao alcance do inseguro e medroso príncipe regente. Incapaz de resistir e enfrentar um inimigo que julgava muito mais poderoso, decidiu fugir. "Preferindo abandonar a Europa, Dom João procedeu com exato conhecimento de si mesmo", escreveu o historiador Tobias Monteiro. "Sabendo-se incapaz de heroísmo, escolheu a solução pacífica de encabeçar o êxodo e procurar no morno torpor dos trópicos a tranquilidade ou o ócio para que nasceu". (GOMES, 2007, p. 36).

Essa terceira opção é reforçada nas páginas que seguem, ao exemplo da 52 e 53, em que discorre sobre como o exército francês e espanhol estavam enfraquecidos ao chegar em Portugal. Gomes, apoiado em alguns dados retirados de leituras já feitas anteriormente com fontes primárias e em fragmentos de historiadores, reforça a covardia de D. João e valoriza a campanha fácil: “**se quisesse**, D. João poderia ter resistido, com boas chances de vencer” [grifo da autora] (GOMES, 2007, p. 52).

“E se...” aparece algumas vezes na narrativa, lançando um exercício de imaginação, convidando o leitor a “profetizar” o passado. Ora, se mesmo uma decisão tomada possui inúmeras consequências e diferentes formas de ser analisada (ao exemplo da fuga da família real), como podemos ter certeza de que algo que não chegou a acontecer seria mesmo daquela forma hipotética? Buscando apoio nesses historiadores, “a verdade” construída na narrativa é que sim, D. João, com sua personalidade fraca, é o maior responsável por Portugal ter se rendido “sem disparar um único tiro” (GOMES, 2007, p. 53)! Sobre essa redução do campo das hipóteses na história da grande circulação, Beatriz Sarlo afirma:

Um princípio organizador simples exerce sua soberania sobre acontecimentos que a história acadêmica considera influenciados por princípios múltiplos. Essa redução do campo das hipóteses sustenta o interesse público e produz uma nitidez argumentativa e narrativa que falta à história acadêmica. Não só a história de massas recorre ao relato, como não pode prescindir dele (à diferença do abandono frequente e deliberado do relato na história acadêmica); portanto, impõe unidade sobre as discontinuidades, oferecendo uma “linha do tempo” consolidada em seus nós e desenlaces. (SARLO, 2007, p. 14).

Desta forma, Gomes faz o que os historiadores não podem fazer, que é a suspensão da dúvida e do juízo sobre boa parte das informações, principalmente as mais saborosas, sem o que fica inviabilizada uma narrativa interessante e, ao mesmo tempo, que pretende ser instrutiva. Isso se evidencia, por exemplo, na medida em que vai traçando e reforçando a caricatura dos personagens, induzindo o leitor a ser atraído e entender essas características psicológicas dos personagens como determinantes da ação histórica, conduzindo, de certa maneira, ao juízo de valor. Por exemplo: D. João era medroso, por isso, a corte fugiu para o Brasil (GOMES, 2007, p. 34). A rainha D. Maria I era louca e muito religiosa, por causa disso e do atraso de Portugal, seu filho D. José, verdadeiro herdeiro do trono, morreu de varíola, já que ela havia proibido os médicos de lhe aplicar a vacina por

motivos religiosos (GOMES, 2007, p. 56). Carlota Joaquina era geniosa, promíscua e mandona, isso ajuda a justificar o fato de D. João ter sido “um homem solitário às voltas com sérios problemas conjugais” (GOMES, 2007, p. 33). A fácil vitória de Napoleão, mesmo com o exército muito enfraquecido, foi resultado da fraqueza do governo português, também do poder que o nome de Napoleão inspirava nessa época. (GOMES, 2007, p. 53).

Esses e outros exemplos sobre a preocupação em “traduzir a linguagem acadêmica”; em adaptar o conteúdo do livro para disponibilizá-lo em outros formatos, tal como na versão juvenil; as opções historiográficas e conceituais do autor; a maneira como se utiliza das fontes e como compila esses historiadores; a forma caricata e humorada de retratar os personagens, enfim, esses e outros aspectos também fazem parte de uma estratégia estética que, como veremos adiante, em alguns momentos, acaba sendo supervalorizada, comprometendo algumas vezes o aspecto cognitivo do livro.

1.3 GOSTAR DE 1808: A CHAVE DA DIMENSÃO ESTÉTICA.

É essencial ter linguagem acessível e fácil de entender. É preciso ter uma boa fórmula de capa e título, para atrair o leitor, algo que até hoje é pouco explorado pelo mercado editorial brasileiro. É bom ter também o senso de oportunidade, aproveitar datas e grandes acontecimentos. E o contato com os leitores é importante. (Laurentino Gomes)

A “fórmula” do que precisa ter um livro para se tornar um bom *best-seller* é ditada por Gomes. Apesar das críticas com relação ao seu conteúdo, não há como ignorar o imenso sucesso que o *1808* obteve com o grande público, principalmente por valorizar esses elementos estéticos: linguagem acessível, boa fórmula de capa e título, contato com os leitores, entre outros. Assim, com uma narrativa fluída, envolvente e bem humorada, *1808* desperta nos leitores o interesse pelo passado e, através dessas suas estratégias estéticas, produz, difunde e colabora para a produção de sentidos sobre a história.

Rüsen, ao discorrer sobre as características de um bom livro didático, comenta sobre o fato de que “a percepção ou experiência da história, tem um poder próprio de fascinação, sobretudo ao nível da contemplação sensível” (RÜSEN, 2010b, p. 119). Neste sentido, o autor chama a atenção para a importância da estética no processo da aprendizagem histórica, entendendo a estética como um

fator de raciocínio (RÜSEN, 2010b, p. 119). No âmbito da cultura histórica, a dimensão estética envolve as mais diversas formas de expressão artística, tais como teatro, romance histórico, letras de música, novela, pintura, dentre outras, que produzem e disseminam sentido histórico. Segundo Rüsen:

En la dimensión estética de la cultura histórica, los recuerdos históricos aparecen ante todo en forma de creaciones artísticas, como por ejemplo novelas y dramas históricos. Parece como si tales creaciones no fueran realmente históricas, como si la dimensión estética fuera por tanto básicamente ajena a la historia. El carácter histórico de tales obras de arte, su recurso a un pasado que también se tematiza o podría tematizarse en la historiografía, se encuentra en una relación tensa con su carácter artístico, con su dignidad específicamente estética. La construcción de sentido y significado que se realiza aquí, parece estar tan lejos de una memoria histórica verdadera como la ficción literaria o plástica (o también musical) se alejan de la experiencia, que la construcción disimula, con las fuerzas de la imaginación, y tiene que anular su importancia como factor condicionante de la praxis de la vida, para poder apurar el potencial de sentido de la ficcionalidad artística. (RÜSEN, 1994, p. 13-14).

Desta forma, a dimensão estética está relacionada “com a eficácia psicológica das interpretações históricas, ou com a parte de seus conteúdos que afetam os sentidos humanos. Uma forte orientação histórica precisa sempre envolver os sentidos” (RÜSEN, 2009, p. 172). Em outras palavras, podemos entender a estética como a forma como um conhecimento é/se faz “entendível” e, assim, envolvendo a criatividade e a subjetividade dos sujeitos, ajuda a despertar, por exemplo, a empatia pelo passado ou o fascínio da alteridade temporal, possibilitando o agir. Sendo assim, ela não deve ser entendida apenas com a função de “traduzir” ou conduzir os conteúdos cognitivos para formas esteticamente agradáveis. “Com isso, a estética é tornada uma didática *a priori*, desprovida de seu peso próprio na cultura histórica” (RÜSEN, 2010a, p.129). Rüsen, também afirma que a cultura histórica como categoria “no debe poner de manifiesto lo histórico en lo estético, sino lo estético en lo histórico y hacerlo visible como algo esencial para el trabajo memorativo que lleva a cabo la conciencia histórica” (RÜSEN, 1994, p. 14).

No que se refere à historiografia, Rüsen (2001), quando idealizou a Matriz Disciplinar²⁵ como fundamento da Ciência Histórica, destacou que as *formas de*

²⁵ Trata-se de um sistema dinâmico em que se explicita a interdependência dos cinco fatores do pensamento histórico determinantes da ciência da História como disciplina especializada. A concepção de uma matriz disciplinar como fundamento da ciência da História, de acordo com Rüsen (2001, p.36), nos permite compreender e analisar como se relacionam a ciência da História e a vida prática dos indivíduos no respectivo tempo, assim como “reconhecer que a História como ciência contribui para as mudanças na vida prática dos homens no tempo, e de que forma, e que essa

apresentação possuem uma função que é tão importante e fundamental quanto os métodos de pesquisa, pois é através delas que o produto da pesquisa histórica voltará para o âmbito da vida prática, às carências de orientação que as originou.

Figura 1 - Matriz Disciplinar da Ciência Histórica



Fonte: Rüsen, Jörn. Razão Histórica. Brasília: Ed. da Unb, 2001, p. 35

Sendo assim, as formas de apresentação do conhecimento histórico científico devem envolver elementos estéticos (forma) ²⁶ e retóricos (eficácia). De acordo com Rüsen (2010a, p.36), “estética e retórica são dimensões da formatação historiográfica mediante as quais o saber histórico adquire as propriedades com as quais pode *inserir-se na vida*”. Pois, de acordo com o autor, a historiografia não se resume em mera agregação dos resultados de pesquisa, regulada metodicamente; tampouco a percebe como um artefato estético, linguístico, desvinculado da

interação é reconhecida, *post festum*, como ‘história’” (RÜSEN, 2001, p. 36), sendo assim, a matriz disciplinar também nos possibilita entender a necessidade que a história tem de ser reescrita frente às mudanças sofridas pelos indivíduos no tempo; além de nos permitir distinguir o pensamento histórico constituído cientificamente do pensamento histórico comum.

²⁶ No que se refere à dimensão estética da historiografia, Rüsen afirma que ela “consiste na inclusão, na formatação do saber histórico, de elementos linguísticos que se referem a dimensões pré e extra cognitivas do discurso histórico. Com esses elementos a subjetividade dos destinatários é interpelada no plano em que lida com a força sensorial, simbólica e representativa da relação com o mundo, da auto expressão e da auto compreensão. Não se trata mais apenas da qualidade literária dos textos historiográficos. A questão está agora na força interpeladora do discurso, na qual, em última instância, também reside a qualidade literária desses textos. Ela torna viável a aptidão a apresentar as constituições de sentido de maneira que suscitem, nos destinatários, sua própria capacidade de constituir sentido, o que leva à ampliação e ao aprofundamento de sua competência para tanto.” (RÜSEN, 2010, p. 30-31).

investigação metódica. Para ele, a historiografia, “apesar de calçada metodicamente, não se resume em facticidade pura, mas abriga em si caracteres poéticos e de cognição, comportando forma e sentido, que estão subsumidos nas definições de planos estético e retórico da historiografia”. (SILVA, R., 2011, p. 35).

Ou seja, estética e retórica, unidas, são fatores importantes para que o conhecimento histórico científico possa se apresentar, se dirigir a um determinado público-alvo (podendo ser um público mais abrangente, não necessariamente especializado em história; um público escolar ou um grupo de pesquisadores, por exemplo). De acordo com Rüsen (2010a, p. 36), “a relevância comunicativa da historiografia se expressa na coerência estética e retórica de cada formatação linguística historiográfica.” Por sua vez, é através da comunicação que o conhecimento histórico “torna-se vivo” e se “insere” na vida prática, de modo sustentável. Neste sentido, se faz importante a reflexão didática ao trabalho do historiador. Segundo Cerri:

A comunicação daquilo que se levantou, apurou e formulou é parte essencial do trabalho do historiador, e ao envolver as necessidades de explicar e convencer, de dar forma ao conhecimento, é exercida a função didática. A reflexão didática, propriamente dita, é bem mais do que isso, mas a necessidade e a prática de comunicar o que se sabe são o núcleo central da Didática da História. O receptor ou interlocutor está presente na formulação, e afeta a mensagem. (CERRI, 2014, p. 371).

Isto é, a Didática da História também desempenha uma função essencial que pode ser entendida como “construir uma ponte de mão-dupla” que conecta o âmbito da vida prática com a ciência especializada. Ou, melhor dizendo, a Didática da História também reflete sobre a necessidade do conhecimento histórico ser “publicizado”, atingir a vida prática e cotidiana, contribuindo assim para que esse conhecimento ajude a satisfazer as necessidades de orientação temporal dos indivíduos. Portanto, “reflexão didática é exatamente a capacidade do profissional de história de pensar as relações entre o seu ofício e seus frutos com as características e demandas da sociedade na qual se insere.” (CERRI, 2014, p. 371). Contudo, vemos que o conhecimento científico, muitas vezes, se transforma no ponto de partida e no ponto de chegada, em que se fecha um ciclo que está acima da linha tracejada da matriz disciplinar, isolado do âmbito da vida prática. Isso talvez se dê, dentre outras coisas, justamente pela falta de uma reflexão didática, e/ou por

entender a estética como uma preocupação secundária, como algo externo à ciência.

Com isso, a história científica acaba participando pouco da esfera pública. Por sua vez, os sujeitos continuam demandando conhecimento histórico e irão buscá-lo em outras fontes, por outros profissionais. Isso ajuda a explicar, por exemplo, o alto consumo das narrativas jornalísticas da história, já que se percebe que, na maioria das vezes, além de se apropriarem de questões que emergem na vida prática para desenvolver suas produções; elas exploram maciçamente elementos estéticos, os quais, além de atingirem os sentidos dos leitores, captando sua atenção e promovendo certo fascínio pelo passado, ajudam a produzir e disseminar sentido histórico. Percebemos assim, de modo geral, no que diz respeito à cultura histórica, uma “supervalorização” da dimensão estética nessas narrativas jornalísticas, o que acaba, algumas vezes, comprometendo a força argumentativa dessas produções. Por sua vez, também há uma “supervalorização” da dimensão cognitiva nas produções científicas, o que compromete sua comunicação e inserção na esfera pública.

No que se refere ao *1808*, por exemplo, já vimos que grande parte de seu conteúdo é retirado e embasado em produções que seguem o método da Ciência da História (lembrando que ele é bastante influenciado por uma cultura histórica marcada por uma memória republicana). Já as formas de apresentação que ele adota, provém do jornalismo diário, o qual valoriza elementos estéticos, que acabam se sobressaindo, como parte de uma estratégia para atrair leitores. Isso gera uma sobreposição da dimensão estética, comprometendo em alguns momentos seu aspecto cognitivo, então, como já vimos anteriormente e veremos adiante, mesmo que seja embasado em historiadores, ele acaba cometendo algumas omissões, equívocos e certos deslizes aos olhos acadêmicos.

Para entender a preocupação que o livro tem com os elementos estéticos, voltemos à fórmula do *best-seller*: Desde a capa e do título, até a linguagem acessível é tudo pensado de uma maneira para atrair a atenção e tocar os sentidos dos leitores. Como parte dessa estratégia estética, que também é uma estratégia de marketing, foram lançadas várias outras versões, procurando atrair novos públicos. Como por exemplo, além da edição juvenil em aquarela, os áudio-livros, edições ilustradas, DVDs, páginas na internet, dentre outros. Segundo Laurentino Gomes:

Nós vivemos numa época em que as pessoas consomem informação, cultura e entretenimento de forma diferenciada no tempo, no espaço e no formato, basta ver as redes sociais. Então, nós precisamos perder a ilusão de que é possível atingir toda audiência possível potencial num único formato: só na televisão, só no rádio, só no jornal, ou só no livro. Então eu sempre trabalho com o conceito de multiformato, eu fiz livro adulto, livro juvenil, áudio-livro, livro digital, tem site na internet, eu tô nas redes sociais, eu participo de *Facebook*, de *Twitter*, fiz um DVD, participo de eventos, vou a feiras literárias, que é parte dessa estratégia multiformato: é você levar o mesmo conteúdo em formatos diferentes. (GOMES, 2011).

Essas inúmeras formas de abordar e disponibilizar um mesmo conteúdo cativam e despertam diferentes sentidos nos leitores, ampliando assim as possibilidades de circulação de sua narrativa. Assim que batemos os olhos no *1808* já somos atraídos pelo seu formato visual. Seu aspecto “clean” é proporcionado por capítulos curtos, com títulos pequenos e incisivos, que vão contando sequencialmente a história da vinda da corte ao Brasil, como uma espécie de linha do tempo, como por exemplo: “1- A fuga”, “2- Os reis enlouquecidos”, “3- O plano”, “4- O império decadente”, “5- A partida”, e assim por diante. Também a narrativa aparece com poucas citações, sem interrupções por referências e notas de rodapé, as quais vão aparecer apenas ao final do livro, fora do corpo do texto.

Tais aspectos proporcionam uma narrativa rápida, fluída e sequencial, que, aliada a construção das caricaturas, lembra muito o visual televisivo e cinematográfico. Desta forma, compartilhamos a mesma opinião de Marcelo Bulhões (2007) quando discorre sobre as proximidades entre factualidade e ficcionalidade nos romances-reportagem (ao exemplo de *Inferno*, *Rota 66*, *Cidade de Deus*, dentre outros) e afirmamos que também o *1808* parece ser sensível à cultura midiática contemporânea. Segundo Bulhões (2007, p. 178), “manifestam-se, assim, sinais de uma narratividade jornalístico-literária disposta a participar da dinâmica e da lógica do mercado cultural, no oferecimento de artigos textuais afinados com a sensibilidade e a percepção do leitor-espectador contemporâneo”.

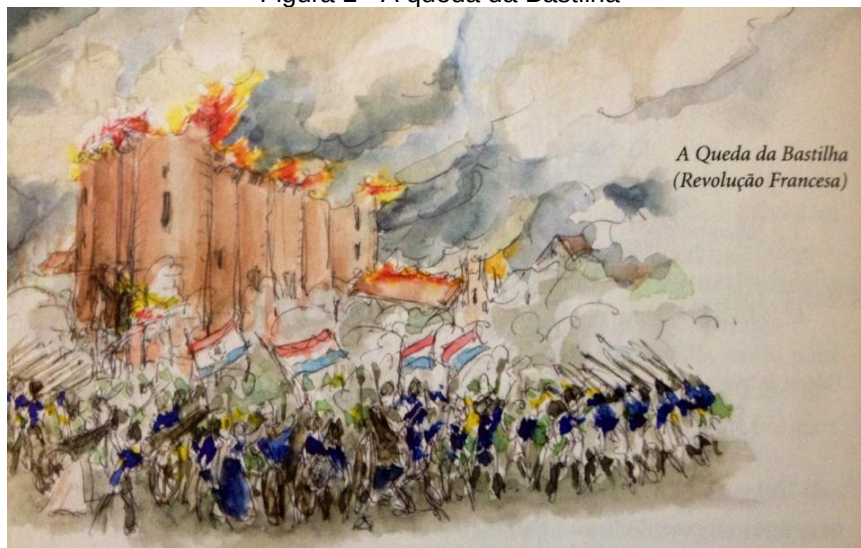
Isso também se faz presente na edição juvenil, mesmo que com algumas mudanças. Por exemplo, nesta edição as referências, citações e notas de rodapés já não aparecem nem mesmo ao final do livro, mas Gomes trata de explicar na introdução de que as duas versões são todas fundamentadas em referências bibliográficas e que para a versão juvenil, o conteúdo do livro original foi preservado, apenas condensado e reorganizado (GOMES, 2008a, p. 10). Desta forma, as 367 páginas organizadas em 29 capítulos do *1808* original foram reduzidas à 147

páginas, separadas por apenas 5 capítulos nesta nova versão, os quais possuem várias pausas proporcionadas pelos subtítulos e imagens. Esses capítulos aparecem com títulos mais longos, antecipando a história em uma espécie de síntese ou “chamada”:

- 1 – Ameaçado por Napoleão, D. João abandona Portugal e foge para o Brasil. Antes de embarcar, raspa os cofres do governo. O povo, traído, chora no cais.
- 2- Afligida por tempestades e infestações de piolhos, a corte atravessa o oceano. A chegada ao Brasil, um lugar ainda selvagem, ignorante e pouco habitado.
- 3- D. João, um rei que tinha medo de trovões e caranguejos, desembarca no Rio de Janeiro. O encontro de dois mundos até então estranhos e distantes.
- 4- Começa a grande transformação. O chefe da polícia tenta colocar ordem na casa. A invasão dos viajantes. A resistência do povo português a Napoleão.
- 5- A corte de D. João se diverte nos trópicos. Portugal, abandonado, se revolta. É hora de retornar. A corte vai embora, mas deixa para trás um novo Brasil. (GOMES, 2008a, p. 7).

Neste sentido, não poderíamos deixar de ressaltar o jogo visual proporcionado pelas imagens. Na versão original elas aparecem em três momentos, separadas do corpo do texto, sem serem incluídas pela paginação, “quebrando” a narrativa. São imagens e gravuras da época feitas por viajantes europeus, como Debret, por exemplo; as quais ganham novas legendas por Gomes. Já na versão juvenil, as ilustrações em aquarela, feitas pela artista plástica Rita Bromberg Brugger, que Gomes ressalta terem sido construídas com base em rigorosa pesquisa histórica, estão em praticamente todas as páginas do livro, ora “enfeitando” o texto, ora ocupando uma ou duas páginas inteiras, oferecendo um visual digno de uma clássica literatura infanto-juvenil. Em alguns momentos elas aparecem deslocadas e “perdidas” da narrativa, como por exemplo, na página 22 em que há uma ilustração da “Queda da Batilha”:

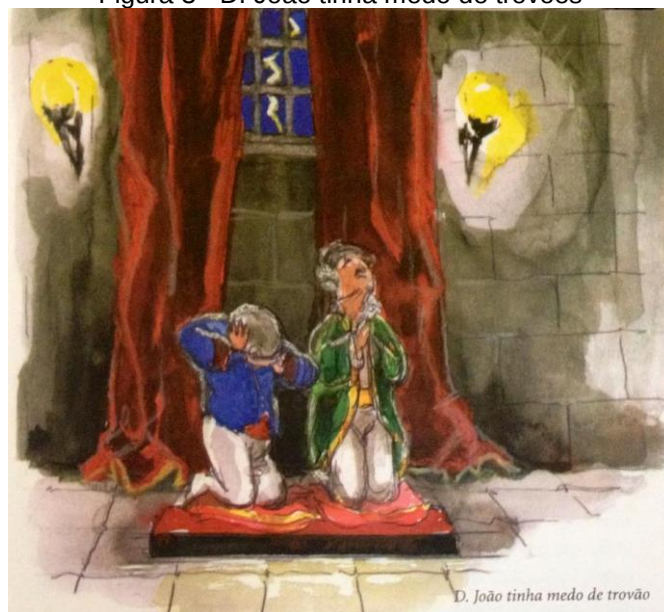
Figura 2 - A queda da Bastilha



Fonte: GOMES, 2008a, p. 22.

No entanto, não há neste capítulo nenhuma explicação ou referência a este episódio da Revolução Francesa. Já na página 91 aparece a imagem “D. João tinha medo de trovões”:

Figura 3 - D. João tinha medo de trovões



Fonte: GOMES, 2008a, p. 91

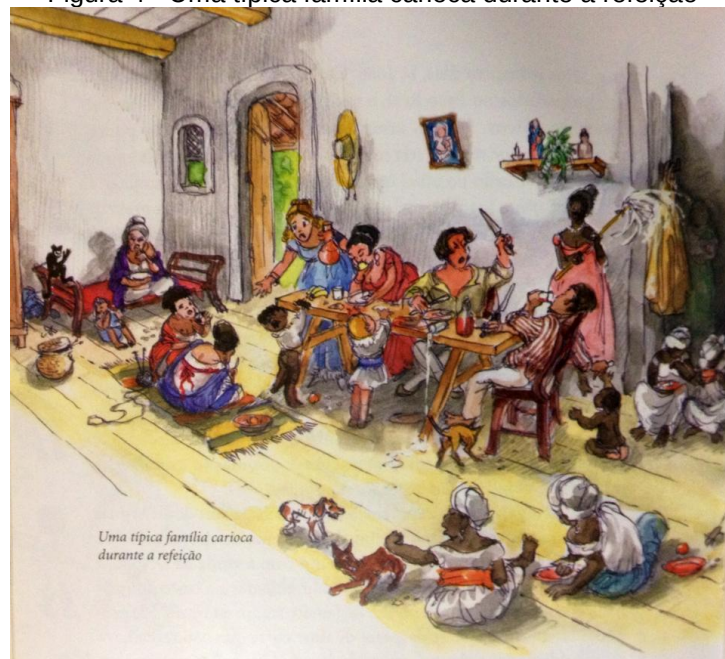
Mas o trecho que retrata o assunto aparece somente na página seguinte, logo abaixo do título “D. João e suas manias”:

Príncipe regente e, depois de 1816, rei do Brasil e de Portugal, D. João tinha medo de siris, caranguejos e trovoadas. Durante as frequentes tempestades tropicais do Rio de Janeiro, refugiava-se em seus aposentos na companhia do roupeiro predileto, Matias Antônio Lobato. Ali, com uma

vela acesa, ambos faziam orações a Santa Bárbara e São Jerônimo até que cessassem os trovões. (GOMES, 2008a, p. 92).

A imagem antecipando o texto aparece em vários outros momentos, algo que aparenta ser uma estratégia para despertar a atenção e atizar a curiosidade do jovem leitor para o que vem logo a seguir, estimulando o interesse para prosseguir com a narrativa. No entanto, em ambos os livros as imagens aparecem como ornamentos sem serem contextualizadas ou problematizadas, o que não é propriamente um problema, já que Gomes não tem a obrigação, tampouco a pretensão, em preocupar-se em demasia com esses detalhes próprios do mundo acadêmico, mas, como ressaltado anteriormente, a imagem, enquanto uma estratégia estética, também fala, e, nossa preocupação, nesse sentido, é que tipo de sentido, de interpretação histórica ela pode oferecer ao leitor? Na edição juvenil elas também se aproximam muito da visão dos viajantes europeus, sendo, em alguns momentos, inspiradas em ilustrações do século XIX ou em relatos desses viajantes. Como, por exemplo:

Figura 4 - Uma típica família carioca durante a refeição



Fonte: GOMES, 2008a, p. 82

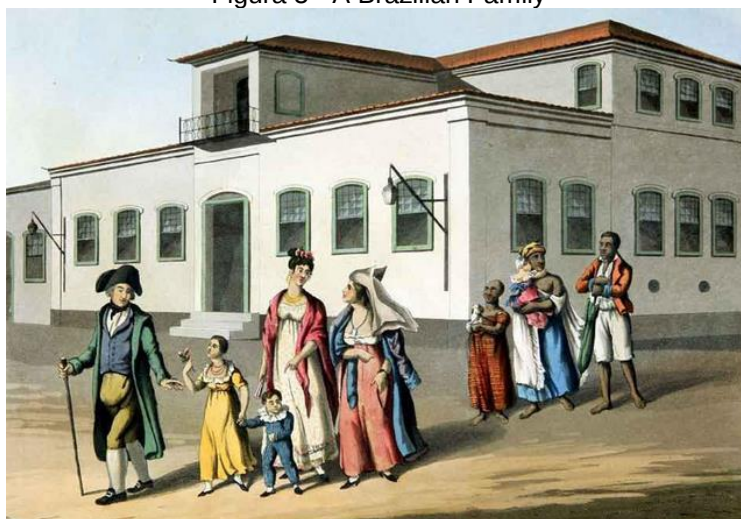
A imagem “Uma típica família carioca durante a refeição” é claramente inspirada no trecho abaixo, da versão original da obra, que aparece resumido e condensado na edição juvenil:

O inglês Luccock faz um retrato divertido dos hábitos dos cariocas. Segundo ele, a família geralmente passava o tempo nos aposentos da parte de trás das casas. As mulheres, sentadas em roda, costuravam, faziam meias, rendas, bordados e outros trabalhos manuais. Era também ali que todos se reuniam para fazer as refeições, usando como mesa uma tábua colocada sobre um cavalete no meio da sala. “A refeição principal ocorre ao meio-dia, por ocasião da qual o chefe da casa, sua esposa e filhos às vezes se reúnem ao redor da mesa; é mais comum que a tomem no chão, caso em que a esteira da dona da casa é sagrada, ninguém se aproxima dela senão os favoritos reconhecidos”, registrou Luccock. “Somente os homens usam faca; mulheres e crianças se servem com os dedos. As escravas comem ao mesmo tempo, em pontos diversos da sala, sendo que por vezes suas senhoras lhes dão um bocado com as próprias mãos. (...)”

O inglês Jean Baptiste Debret, (...), também ficou escandalizado com a falta de boas maneiras dos ricos durante as refeições: “O dono da casa come com os cotovelos fincados na mesa; a mulher, com o prato sobre os joelhos, sentada na sua marquesa, à moda asiática; e as crianças, deitadas ou de cócoras nas esteiras, lambuzam-se à vontade com a pasta de comida nas mãos. (...)”. (GOMES, 2007, p. 145-146).

Desta forma, as ilustrações também ajudam a construir a narrativa, colaborando para a disseminação de sentidos. Assim é também com as imagens da edição original, as quais, mesmo estando separadas do corpo do texto, ao receberem legendas do próprio autor, acabam também servindo para ilustrar a narrativa. Ao exemplo da imagem “*A Brazilian Family*”, de Henry Chamberlain, que aparece com a legenda “Família no Rio de Janeiro de D. João VI, por Chamberlain: uma cidade rica e próspera, mas sem refinamento” (GOMES, 2007, s/p).

Figura 5 - *A Brazilian Family*



Fonte: GOMES, 2007, s/p.

Ou como a imagem “*A Market stall*”, também de Chamberlain, que recebe de Gomes a descrição: “Mercado no Rio de Janeiro: a alimentação era precária e a limpeza da cidade, toda confiada aos urubus” (GOMES, 2007, s/p).

Figura 6 - A Market Stall



Fonte: GOMES, 2007, s/p.

“A limpeza da cidade estava toda confiada aos urubus” (GOMES, 2007, p. 144) é uma frase de Oliveira Lima, citada por Gomes ao descrever o Rio de Janeiro, e aparece acompanhada pelo relato do viajante:

Alexander Caldcleugh, um estrangeiro que viajou pelo Brasil entre 1819 e 1821, ficou impressionado com o número de ratos que infestavam a cidade e seus arredores. "Muitas das melhores casas estão de tal forma repletas deles que durante um jantar não é incomum vê-los passeando pela sala", afirmou. Devido à pouca profundidade do lençol freático, a construção de fossas sanitárias era proibida. A urina e as fezes dos moradores, recolhidas durante a noite, eram transportadas de manhã para serem despejadas no mar por escravos que carregavam grandes tonéis de esgoto nas costas. Durante o percurso, parte do conteúdo desses tonéis, repleto de amônia e ureia, caía sobre a pele e, com o passar do tempo, deixava listras brancas sobre suas costas negras. Por isso, esses escravos eram conhecidos como "tigres". (...). (GOMES, 2007, p. 144).

Portanto, percebe-se que essas imagens pouco ou nada condizem com as legendas ou com as descrições que aparecem na narrativa. Ou seja, quando são acopladas às frases que aparecem no corpo do texto, geralmente acompanhadas por citações de historiadores ou relatos de viajantes, também as imagens na versão original acabam sendo utilizadas para legitimar determinada visão ou argumento. Algo um pouco diferente da versão juvenil em que as descrições do corpo do texto são mais exploradas pela ilustração, como por exemplo:

Figura 7 - A limpeza da cidade estava confiada aos urubus



Fonte: GOMES, 2008a, p.80.

Mesmo assim, nas duas situações as gravuras e imagens servem como extensão do texto e também geram sentido. Como elas não são problematizadas, analisadas e/ou contextualizadas, elas acabam reforçando, em muitos momentos, a visão eurocêntrica sobre o Brasil, além de colaborarem para construir e reforçar as caricaturas, tão presentes no texto.

Neste sentido, vê-se que a caricatura é uma das estratégias estéticas mais marcantes. Já no subtítulo do livro o leitor é provocado por um misto de suspense e curiosidade: *Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*. Que tipo de história é essa em que grandes personagens históricos da monarquia, usualmente abordados pelo “frio” viés político e factual, são retratados de maneira humorada e satírica? Talvez isso também nos ajude a explicar o sucesso deste e dos demais livros da trilogia de Gomes, já que ele escreve sobre personagens que são referências na cultura histórica brasileira, tidos como grandes nomes e heróis. Mas,

diferentes da história “oficial” ou daquela que costumamos ver na escola, esses personagens perdem a formalidade e acabam sendo transformados, com um quê de humor, em “gente como a gente”.

Sendo assim, os grandes personagens envolvidos na história são todos tratados de maneira caricata: D. João – o medroso; D. Maria – a louca; Carlota Joaquina – a geniosa; Napoleão – o bravo. Essas características vão sendo reforçadas ao longo do enredo em momentos distintos. No que diz respeito ao capítulo destinado à D. João, Gomes reforçará a imagem que vem sendo construída até aqui, ao longo da narrativa. Assim, oferece um “cardápio” ao leitor, contemplando uma série de opiniões de diferentes historiadores:

As definições a respeito de Dom João emitidas pelos historiadores costumam ser depreciativas.

Luiz Norton: "Era fisicamente grotesco e a sua obesidade doentia lhe dava um ar pacífico e simplório".

Pandiá Calógeras: "Era querido, mas também carinhosamente e tolerantemente desprezado por sua fraqueza e sua covardia. Com sua opinião ninguém se preocupava, e isto o levava a esconder seus sentimentos, bem como a procurar vencer adiando as soluções, lançando seus conselheiros uns contra os outros, um ministro em oposição a seus colegas. Lograva realizar seus intuitos pela força tremenda da apatia e do adiamento. Triunfava cansando seus adversários".

Lília Schwarcz: "Apagado e sem voz ativa".

Oliveira Martins: "Sofria de vertigens e ataques de melancolia, por padecer de hemorroidas. A má saúde amarelava-lhe a cor do rosto flácido, donde pendia o conhecido beijo, sem vida, peculiar dos Bourbons".

Oliveira Lima: "Baixo, gordo, [...] tinha de aristocrático as mãos e pés muito pequenos, mas de vulgar as coxas e pernas muito grossas mesmo em relação à corpulência, e sobretudo um rosto redondo sem majestade nem sequer distinção, no qual avultava o lábio inferior espesso e pendente dos Habsburgos". (GOMES, 2007, p. 153-154).

O leitor pode então se servir da definição que melhor lhe apetece. Mas, de imediato, apesar de contemplar diferentes historiadores, já percebemos que a essência dos pratos é a mesma: um rei medroso, inseguro e glutão. E é assim que ele é construído e apresentado por Gomes ao longo do enredo, sempre buscando legitimidade ao se apoiar nos historiadores e demais estudiosos no assunto, os quais aparecem sem serem contextualizados, analisados, comparados, etc. Desta forma, mesmo que Gomes destaque que o propósito do livro é “resgatar a história da corte portuguesa no Brasil do relativo esquecimento a que foi confiada e tentar devolver seus protagonistas à dimensão mais concreta possível dos papéis que desempenharam duzentos anos atrás” (GOMES, 2007, p. 21), o que ele faz é se aproximar muito das versões reforçadas e disseminadas pela mídia, ao exemplo do

filme *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* (1995) de Carla Camurati, a quem Gomes, inclusive, tece uma leve crítica, e da minissérie *O Quinto dos Infernos* exibida pela Rede Globo de televisão em 2002.

Vemos assim a opção, estética e cognitiva, pelos *fait divers*. De acordo com Bonaldo (2009, p. 218), “a teoria da comunicação tende a usar esse conceito para a análise de fenômenos midiáticos ou notícias de tendência espetacular, desprovidas de interesse público direto, (...)”. O *fait divers* é uma narrativa total, autossuficiente, independente do mundo, que não precisa de um contexto para ser entendida. (BARTHES, 1964). Bonaldo utiliza este conceito ao analisar o livro de Gomes “para tentar compreender a estereotipização da figura joanina e de como ela desenvolve uma impressão de realidade com base nas sensibilidades do público-alvo, e não, na verossimilhança ou historicização dos eventos documentados.” (BONALDO, 2009, p. 218). Segundo Silva:

O subtítulo do livro de Gomes evidencia grande atenção aos *fait divers* (Barthes, 1964), incluindo dimensões que, para um historiador de ofício, renderiam amplas problematizações: o que são loucura, medo e corrupção no Brasil e na Europa de 1808? Aquela prioridade significa registrar episódios considerados incomuns, que dão certo sabor à narrativa, mas não pretendem atingir um patamar propriamente explicativo. Essa opção pelo *fait divers* foi ainda mais potencializada em seu livro posterior *1822*, que descreve pormenorizadamente detalhes escatológicos da viagem que Pedro de Alcântara fez entre Santos e São Paulo, às vésperas da independência, questão que nada explica sobre o tema, mas poderia ser explorada por um historiador de ofício como tópico de estudo sobre alimentação e viagens de elite (Gomes, 2010). (SILVA, M., 2013, p. 26-27).

Ou seja, ao mesmo tempo em que opta pelos *fait divers* e pela caricaturização, isolando os personagens de seus contextos e historicidade, encerrando-os em narrativas totais, também os “humaniza” e os transforma em personagens de “carne e osso”. Através dessa estratégia, Gomes chama a atenção do leitor despertando sua empatia, na medida em que, ao descolar D. João do processo de transferência, dá uma vida a ele. O príncipe regente perde a formalidade e o caráter de um personagem puramente político e passa a ser o príncipe que come com as mãos, que tem dor de barriga e medo de trovão, que também tem crises e é inseguro. Desta forma, Gomes convida o leitor a entrar na intimidade desses personagens que passam a se tornar mais concretos e reais.

Ao adentrar na intimidade e explorar a “vida secreta” dos personagens, Gomes procura a novidade no passado, movido então pelo instinto jornalístico de

encontrar o “furo de reportagem”. Assim ele especula as traições, supostos casos extraconjugais de Carlota Joaquina e a probabilidade de haver filhos do casal que não seriam de D. João, mas concebidos fora do casamento (GOMES, 2007, p. 165-166). Também relata o suposto relacionamento homossexual que D. João mantinha com seu camareiro (GOMES, 2007, p. 157). Ou ainda por explorar a história do arquivista real Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, a quem Gomes considera, na edição original, “um dos protagonistas centrais²⁷ da história da corte portuguesa no Brasil” (GOMES, 2007, p. 27), e que aparece em vários momentos durante a história. O último capítulo é destinado a desvendar a história da filha que Marrocos teve antes do casamento, “cuja existência era até agora ignorada pelos historiadores” (GOMES, 2007, p. 27).

Ao fazer isso, ao explorar as suspeitas, fofocas e peculiaridades que rondam a vida desses personagens, Gomes vai aproximando a história dos leitores, mexendo com sua curiosidade e imaginação, dando pinceladas de ficção à sua narrativa. Assim, *1808* contribui para popularizar a história de uma maneira muito sedutora, amarrando elementos da factualidade histórica com formas de apresentação que provém do jornalismo e da literatura, o que dá ao leitor a sensação de estar lendo um romance histórico, que se aproxima muito da ficção. Segundo Bulhões:

Importa destacar que a oficina jornalística, tanto das biografias quanto das realizações do chamado romance-reportagem e livro-reportagem, alia-se a paradigmas e composição da fluência narrativa da literatura, na confecção de aspectos fabulativos. Isso redundará em um apelo destinado a provocar fascínio e curiosidade no leitor, convidando-o a percorrer páginas de uma longa narrativa factual como quem percorre as de um romance. (BULHÕES, 2007, p. 195-196).

Desta forma, a narrativa vai ficando cada vez mais saborosa ao passo que Gomes vai descrevendo detalhadamente as situações, como o clima: “O dia 29 de novembro de 1807 amanheceu ensolarado em Lisboa. Uma brisa leve soprava do leste. Apesar do céu azul, as ruas ainda estavam tomadas pelo lamaçal, devido à chuva do dia anterior.” (GOMES, 2007, p. 64); como as emoções: “D. João ficou

²⁷ No entanto, Gomes entra em contradição ao afirmar na edição juvenil que para esta nova versão foram preservados todos os detalhes fundamentais “excluindo apenas alguns personagens e situações considerados acessórios” (GOMES, 2008a, p. 10). Assim, a história de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos não aparece na edição juvenil, perdendo seu caráter de “um dos protagonistas centrais” (GOMES, 2007, p. 27) da história. Mas então, o que seria para Gomes um personagem *acessório*?

apavorado com a lembrança de uma cena (...). Apareceu trêmulo da sacada do Paço Real. Mal conseguiu balbuciar as palavras que lhe ditaram (...)” (GOMES, 2007, p. 282), “Conta-se que o rei embarcou chorando de emoção” (GOMES, 2007, p. 283), etc. Ou também como as cenas do cotidiano, como, ao descrever pedaços da rotina de alguns personagens, por exemplo:

O historiador Tobias Monteiro acrescenta um detalhe pitoresco nesses passeios: o ritual que envolvia as necessidades fisiológicas do rei. Segundo ele, à frente da comitiva ia um moço de cavalaria, a que o povo chamava de "toma largas" - talvez porque abria espaço à passagem do rei ou por usar vestimentas de abas enormes. Esse vassalo montava uma besta, de cuja sela pendiam dois alforjes. Num ia a merenda de Dom João VI. No outro, um penico e uma armação composta de três peças que funcionava como um vaso sanitário portátil, para ser usado em campo aberto. A certa altura do passeio, o rei murmurava alguma ordem, o moço descia da mula e montava o equipamento. "Então", acrescenta o historiador, "o rei descia da carruagem e dele aproximava-se o camarista, que lhe desabotoava e arriava os calções. Diante dos oficiais e outras pessoas da comitiva, até da princesa Maria Teresa, sua filha predileta, quando esta o acompanhava, sentava-se beatamente, como se ninguém lhe estivesse em torno. Satisfeito o seu desejo, vinha um criado particular limpá-lo e de novo chegava o camarista, para ajudá-lo a se vestir." (GOMES, 2007, p. 267).

Ao descrever essas situações e aliá-las às citações de historiadores, imagens e números, o1808 cria uma espécie de “efeito janela”, dando a sensação ao leitor de estar vendo o passado bem à sua frente, podendo bisbilhotar aquilo que parece ser um segredo que até então estava guardado “às sete chaves”, podendo quase tocar esse passado se reportando para lá. Segundo Bulhões:

Mais precisamente, o movimento de assimilação do romanesco tradicional operado pelo jornalismo revela-se muito na opção por um modo de narrar calcado na produção do efeito de neutralidade do discurso, o que produz a impressão de que a história se narra a si mesma, em uma representação que atua como "espelho do real". E há um aspecto particular presente em grande parte dessas narrativas de um jornalismo de livros que merece realce. Trata-se da opção pela focalização onisciente, ou seja, a presença de um narrador dotado de poderes para devassar realidades íntimas, para tudo penetrar, tudo conhecer, atingindo até os motivos e aspirações interiores dos personagens da trama. Ele exerce uma capacidade praticamente ilimitada, faculta as informações que julga importantes para a história e controla, de modo soberano, os fatos relatados, comportando-se como um verdadeiro demiurgo. (BULHÕES, 2007, p. 197).

Assim, ao ir amarrando esses elementos de factualidade com ficcionalidade, a narrativa toca os sentidos dos leitores. E, quem sabe, isso justifique o grande sucesso dos livros-reportagem, já que esses artifícios estéticos se fazem essenciais para entender a história. Assim, é possível se deliciar com uma narrativa em formato

de saga, que lembra muito um romance, recheada de aventuras, personagens atípicos, curiosidades, esquema explicativo de causa e efeito, entre outros elementos, e ao mesmo tempo ter a certeza de estar aprendendo sobre história, já que o autor utiliza elementos para legitimar sua narrativa, tal como frisar que o livro foi resultado de dez anos de pesquisa e o fato de citar constantemente os historiadores. Esse exercício de se voltar ao passado misturando elementos da ficção com a factualidade nos trás algumas implicações. Peguemos como exemplo o trecho que o autor se dirige diretamente ao leitor:

Imagem que, num dia qualquer, os brasileiros acordassem com a notícia de que o presidente da República havia fugido para Austrália, sob a proteção de aviões da Força Aérea dos Estados Unidos. Com ele, teriam partido, sem aviso prévio, todos os ministros, os integrantes dos tribunais superiores de Justiça, os deputados e senadores e alguns dos maiores líderes empresariais. E mais: a esta altura, tropas da Argentina já estariam marchando sobre Uberlândia, no Triângulo Mineiro, a caminho de Brasília. Abandonado pelo governo e todos os seus dirigentes, o Brasil estaria à mercê dos invasores, dispostos a saquear toda e qualquer propriedade que encontrassem pela frente e assume o controle do país por tempo indeterminado.

Provavelmente, a primeira sensação dos brasileiros diante de uma notícia tão inesperada seria de desamparo e de traição. Depois, de medo e revolta.

E foi assim que os portugueses reagiram na manhã de 29 de novembro de 1807, (...). (GOMES, 2007, p. 31). [grifos da autora]

Assim como também ressalta Bonaldo, entre o *imagine que*, *provavelmente* e *foi assim que aconteceu* “existe uma linha essencialista de interpretação cujo ponto de partida e chegada é a própria contemporaneidade.” (BONALDO, 2009, p. 2014), o que pode conduzir o leitor ao anacronismo ou ao juízo de valor, além da já citada redução do campo das hipóteses. Ou seja, ao mesmo tempo que Gomes lança esse convite à imaginação, conduzindo o leitor a um mergulho em tempos distantes, fornecendo assim uma história bastante acessível, ele acaba criando a sensação de estar construindo verdades e, ao trazer o passado para o presente, ou levar o presente até o passado, faz com que o leitor insira valores e sentimentos que são estranhos, ou até mesmo inconcebíveis, para outras épocas.

1.4 1808 PARA QUÊ? A DIMENSÃO POLÍTICA.

No texto “D. João e as histórias dos Brasis”, José Murilo de Carvalho (2008) faz alguns apontamentos sobre as inúmeras produções que “pipocaram” em meio às comemorações dos 200 anos da vinda da corte portuguesa ao Brasil. Em seu texto,

ele aproveita as celebrações para discutir o tema nacional na historiografia brasileira e argumenta que:

(...) o Brasil no século XIX era mais aspiração do que realidade e que sua história foi escrita quase que exclusivamente a partir do centro político localizado no Rio de Janeiro. A partir da década de 1930, São Paulo, via USP, teria disputado exitosamente com a capital a escrita de uma narrativa nacional. (CARVALHO, 2008a, p.551).

O texto de Carvalho, ao discorrer sobre essas inúmeras produções, acadêmicas e não acadêmicas, ligadas às celebrações dos 200 anos, também nos evidencia as disputas de cunho político que permeiam as produções historiográficas relacionadas à temática da transferência da corte. Assim como a produção historiográfica é sempre marcada por disputas políticas, as quais envolvem, por exemplo, as instituições, o lugar social do historiador, o contexto histórico de onde se escreve, dentre outros fatores. Também as lutas políticas pelo poder, institucionais ou de movimentos sociais, buscam legitimidade através do conhecimento histórico. De acordo com Rüsen, o saber histórico é essencial e necessário para que o agir político obtenha legitimidade. “Não é possível pensar nenhum tipo de dominação cuja legitimação não recorra aos saberes históricos”. (RÜSEN, 2010a, p. 127). Com relação à dimensão política da cultura histórica, Rüsen afirma:

La dimensión genuinamente política de la cultura histórica está basada en que cualquier forma de dominio necesita del consentimiento de los afectados; la memoria histórica juega un papel importante en este asentimiento. No es casualidad que el dominio político se presente con símbolos cargados de resonancias históricas. Esto se hace evidente en las fiestas nacionales, que generalmente deben recordar el origen de la comunidad política, de tal manera que muestren una obligación normativa inicialmente establecida como duradera. La rememoración histórica tiene una función genuinamente política de legitimación. Ésta se cumple generalmente en la forma de una consciente construcción y cuidado de las tradiciones, a lo que tampoco pueden renunciar, fundamentalmente, los estados modernos, por mucho que quieran entender su legitimidad jurídicamente como legalidad. (RÜSEN, 1994, p. 18).

Para Rüsen, é necessário haver uma relação entre ciência e poder. Mas, ele também pondera que existe nessa relação uma tendência à instrumentalização mútua. Se isso acontece, se a política absorve a ciência ou a ciência absorve a política, “o poder perde a perspectiva da verdade, torna-se cego, obtuso, fechado sobre sua própria vontade. A ciência torna-se relativista, envolvendo com o véu da

aparente fidelidade aos fatos, as legitimações históricas almejadas politicamente.” (RÜSEN, 2010a, p. 125). Isso gera simplificações e alterações na cultura histórica. No *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* de Fernando Narloch, por exemplo, o aspecto político da obra, marcado por uma ideologia neoliberal, se sobressai ao aspecto cognitivo, o que acaba por comprometer a força argumentativa, perdendo o compromisso com a racionalidade histórica, gerando um discurso relativista que denuncia uma intenção muito mais panfletária do que propriamente informativa²⁸. Portanto, para Rüsen, os interesses políticos e as pretensões científicas não se excluem, nem se absorvem mutuamente, mas mantêm uma relação complexa, “na qual os interesses constituem a nervura da ciência e, inversamente, a ciência se torna a instância crítica das ambições políticas do poder”. (RÜSEN, 2010a, p. 126).

Com relação ao aspecto político da obra de Gomes, podemos citar o fato de o autor optar por discutir em sua trilogia sobre três momentos importantes na construção da identidade nacional brasileira (1808, 1822 e 1889). Mas, ao fazer isso, Gomes passa longe de uma história que procura valorizar e exaltar esses momentos como épicos e grandiosos, e opta por tratá-los de maneira irônica, caricata e quase anti-heroica. Ao buscar constantemente se apoiar nos historiadores e demais estudiosos sobre o assunto, procurando dar legitimidade à sua narrativa, ele recria um passado do qual não temos muito do que se orgulhar, mas que nos ajuda a justificar nosso presente:

Para Gomes, é preciso estudar história para entender o Brasil de hoje. “A história joga luz no passado e ilumina o presente para se construir um futuro de forma estruturada. Somos herdeiros de 1808 e da cultura portuguesa. Os problemas estão plantados no passado e as soluções não são imediatas”, ponderou. (LEMLE, 2008).

²⁸ Segundo Moreno (2013, p. 18): Os “Guias do Politicamente Incorreto” não são uma invenção brasileira, mas fazem parte de um conjunto de ações, ou melhor, de reações de parte da tradição conservadora norte-americana aos embates linguísticos e culturais trazidos pela afirmação do “politicamente correto”. Dentre seus alvos principais, explicitados ou não, estariam as conquistas das chamadas minorias que se processam desde os finais dos anos 1960, como, por exemplo, os direitos civis, as políticas de reparações à escravidão, o feminismo, o discurso ecológico-ambiental, etc. Assim, tem-se *The Politically Incorrect Guide to American History*; *The Politically Incorrect Guide to Islam*; *The Politically Incorrect Guide to Women, Sex, and Feminism*; *The Politically Incorrect Guide to Hunting*; *The Politically Incorrect Guide to The Sixties*; *The Politically Incorrect Guide to the Vietnam War*. A pequena análise que pudemos fazer de comentários sobre essas obras indica que seus autores se aproveitam das fragilidades da história oficial e, especialmente, de uma história “engajada” (com relação à participação popular e às desigualdades sociais) para instaurar um discurso relativista, utilizando, em seus textos, excertos de análises acadêmicas, ou, nas suas palavras, “científicas”.

Assim, estabelecendo alguns ganchos com o presente, *1808* promete, de uma maneira indireta, dar respostas para entendermos nosso contexto atual, apontando os fardos dos problemas mal resolvidos de nossa história que se perpetuam além do tempo, afinal “o Brasil de Dom João VI não se resume a graçolas” (GOMES, 2007, p. 22). Assim, por exemplo, ao abordar sobre a liberdade dos escravos, Gomes afirma: “Livres, no entanto, os negros forros ficavam entregues à própria sorte, marginalizados por completo de qualquer sistema de proteção legal e social” e então conclui que esse é “um problema que, 120 anos depois da abolição oficial da escravidão, o Brasil ainda não conseguiu resolver.” (GOMES, 2007, p. 229).

Também quando fala que os personagens da história da corte portuguesa no Brasil “podem ser sim, inacreditavelmente caricatos, algo que se poderia dizer de todos os governantes que os seguiram, inclusive alguns muito atuais” (GOMES, 2007, p. 22), em tempos de descrença na política institucional, chovem na memória dos leitores as imagens caricatas (e depreciativas) de alguns representantes recentes, inclusive tão exploradas pela grande mídia. Ou ainda, ao afirmar que “o atual Banco do Brasil vive, portanto, a sua segunda encarnação, na qual teve momentos muito semelhantes aos de sua origem, ao financiar, sem garantias, políticos, usineiros e fazendeiros quebrados.” (GOMES, 2007, p. 172). Somando-se isso aos governantes caricatos, à imagem depreciativa do Estado e à máquina burocrática que alimenta políticos parasitas e corruptos, Gomes aparenta sutilmente diagnosticar o Estado como um empecilho que não tem mais jeito. Ou ainda, ao apostar nas caricaturas e simplificar/ reduzir a ação histórica às características psicológicas dos personagens envolvidos na trama, ele personifica o Estado, eliminando-o e o resumindo a pessoas. Embora isso evidencie levemente uma visão marcada pelo liberalismo, isso não chega a ficar evidente no livro *1808*.

Sobre a relação do livro com o tempo presente, ainda cabe ressaltar sobre seu contexto de publicação. O projeto do *1808* era um projeto antigo que havia sido cancelado por falta de “gancho” - “expressão que, no vocabulário das redações, significa motivo ou oportunidade para que uma reportagem seja publicada.” (GOMES, 2007, p. 16). Conforme nos explica Gomes:

Em 1997, Tales Alvarenga era editor da redação da revista *Veja* e eu, seu editor executivo. Inspirado por uma experiência bem-sucedida nas comemorações do primeiro centenário da Proclamação da República, Tales encomendou-me uma série de especiais históricos, que seriam distribuídos com a edição regular de *Veja* como brinde para seus assinantes e compradores de banca. O projeto incluiria o Descobrimento, a fuga da família real portuguesa para o Brasil e a Independência. Dessas três, apenas o primeiro foi publicado, no ano 2000, e distribuído no Brasil e em Portugal junto com as revistas *Veja* e *Visão*, sob o título *A Aventura do Descobrimento*. Quanto ao especial de D. João VI, Tales decidiu cancelá-lo por falta de “gancho”, [...]. (GOMES, 2007, p. 15-16).

Assim, as comemorações do bicentenário da vinda da corte portuguesa ao Brasil se mostraram uma oportunidade perfeita! Essas datas comemorativas trazem a tona o passado e nos obrigam a lembrar, afinal, como afirma Sarlo “propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete até mesmo quando não é convocada” (SARLO, 2007, p. 10). As festividades e a repercussão dos 200 anos da chegada da corte moveram o interesse coletivo pelo passado e acabaram servindo de inspiração às produções de história pública, as quais estão sempre atentas às investidas do presente. De acordo com Sarlo:

(...) a história da grande circulação é sensível às estratégias com que o presente torna funcional a investida do passado e considera totalmente legítimo pô-lo em evidência. Se não encontra respostas na esfera pública atual, ela fracassa e perde todo interesse. A modalidade não acadêmica (ainda que praticada por um historiador de formação acadêmica) escuta os sentidos comuns do presente, atende às crenças de seu público e orienta-se em função delas. Isso não a torna pura e simplesmente falsa, mas ligada ao imaginário social contemporâneo, cujas pressões ela recebe e aceita mais como vantagem do que como limite. (SARLO, 2007, p. 13).

Essas produções atendem a curiosidades e o interesse do público e acabam sendo muito consumidas. Essa preocupação com o gancho jornalístico, aliada a estratégia multiformato destacada por Gomes, evidencia uma preocupação mercadológica que transforma também a narrativa histórica em um produto da indústria cultural, ou seja, inserida em uma lógica de mercado que leva em conta tiragens, versões, disputas editoriais e a própria lógica do consumo. Para tanto, ela se adapta aos interesses dos leitores, oferecendo uma narrativa que, geralmente, não foge muito do senso comum, em que o enredo obedece a uma ordem dos fatos que culminam na produção de uma narrativa histórica singular, não abrindo a novas perspectivas interpretativas, trabalhando com elementos chamativos como as

caricaturas ou os *fait divers*, os detalhes minuciosos, o uso de uma linguagem clara e fluída, enfim, elementos que procuram despertar o interesse do leitor-consumidor.

Para tanto, cabe ressaltar que, como afirmamos em outro momento, enquanto o historiador precisa submeter seu trabalho ao crivo de um orientador e de uma banca avaliadora, por exemplo; no jornalismo existem as disputas e contatos editoriais, as hierarquias de redação, assim como as questões e interesses econômicos (BONALDO, 2010, p.49). Assim, enquanto o historiador está mais preocupado com as questões teórico-metodológicas, o jornalista demonstra estar mais voltado para interesses de ordem econômica. Com relação a isso, Sarlo afirma que:

É verdade que as modalidades comerciais (porque essa é sua circulação nas sociedades midiáticas) despertam a desconfiança, a crítica e também a inveja rancorosa daqueles profissionais que baseiam sua prática apenas na rotina do método. Como a dimensão simbólica das sociedades em que vivemos está organizada pelo mercado, os critérios são o êxito e o alinhamento com o senso comum dos consumidores. Nessa concorrência, a história acadêmica perde por motivos de método, mas também por suas próprias restrições formais e institucionais, que a tornam mais preocupada com regras internas do que com a busca de legitimações externas que, se são alcançadas por um historiador acadêmico podem até originar a desconfiança de seus pares. As histórias de grande circulação, em contrapartida, reconhecem na repercussão pública de mercado sua legitimidade. (SARLO, 2007, p.15).

Ou seja, sem as mesmas “amarras” teórico-metodológicas, Laurentino Gomes se vê mais livre para escrever sobre história, e ao procurar outras estratégias com o intuito de despertar a atenção do leitor, ele colabora para “popularizar” a história. Por mais que, ao focar na valorização de elementos estéticos, ele acabe cometendo alguns deslizes aos olhos acadêmicos, principalmente no que se refere ao aspecto cognitivo da obra, o fato é que os leitores se mostram muito interessados nessa narrativa. Com isso, ao tornar esse pedaço da história brasileira mais acessível, *1808* colabora para a produção e disseminação de sentidos sobre história.

Mesmo entre aqueles leitores que, ao buscar o livro, não estejam interessados propriamente em aprender sobre história, mas principalmente em encontrar uma leitura curiosa e humorada que sirva muito mais como distração e entretenimento do que como instrução, mesmo entre esses leitores, pode ser que, indiretamente, o livro interfira na maneira como leem e interpretam o presente.

Afinal, para Gomes, há uma utilidade prática para o conhecimento histórico, como ele afirma:

[...] a história tem uma função social importante que é ajudar as pessoas entender quem elas são, as pessoas e a sociedade nas quais ela vive. Ou seja, é só olhando para o passado que você consegue entender quem você é hoje e se preparar para a construção do futuro. Então, minha visão da história é muito clara, a história não é um entretenimento, só olhar para o passado em busca de personagens curiosos, pitorescos... A História tem uma função social importante que é de criar uma identidade, a história é uma ferramenta de construção de identidade, aliás, eu acho que é só pra isso que existe a história. (GOMES, 2014)

A partir disso, somos convidados a refletir, por exemplo, sobre que tipo de identidade o *1808* colabora para construir? De que forma o leitor utiliza o *1808* para (re)interpretar o seu presente? Como o *1808* colabora pra o processo de orientação temporal desses leitores? Será que os leitores buscam entender melhor sobre seu passado e suas origens a partir do *1808*, ou eles só estão interessados em encontrar entretenimento? São algumas dessas e outras questões que procuraremos discutir no próximo capítulo, a partir das opiniões dos leitores a respeito da narrativa histórica do *1808*.

CAPÍTULO 2

LEITURAS

2.1 CAMINHOS DA PESQUISA

Até aqui, buscamos identificar e analisar alguns elementos da cultura histórica presentes no livro *1808* e, assim, tentar compreender, dentre outras coisas, como Laurentino Gomes, sem as mesmas preocupações e interesses teórico-metodológicos que os historiadores, constrói sua narrativa e qual conhecimento é possível apreender a partir dela. Frente a grande circulação que a obra atingiu como um *best-seller* nacional e a importância que tem ao contribuir para popularizar o conhecimento histórico de uma maneira atraente, divertida e acessível, também nos interessa saber como o leitor relaciona-se com esse conhecimento.

Assim, este capítulo visa investigar a opinião desses sujeitos com relação à narrativa e ao conteúdo histórico presente no *1808*, partindo da premissa de que o leitor ao relacionar-se com o texto reinterpreta-o subjetivamente. Como afirma a poetisa infanto-juvenil, “o processo de leitura possibilita essa operação maravilhosa que é o encontro do que está dentro do livro com o que está guardado na nossa cabeça” (Ruth Rocha). Ao conter pinceladas de um romance histórico e explorar elementos estéticos, como vimos no capítulo anterior, o *1808* permite o leitor dar asas à sua imaginação. Isso pode fazer com que, apesar de se tratar de um mesmo conteúdo, cada indivíduo dê ênfase, interprete e absorva a narrativa de diferentes maneiras.

A partir disso, procuramos investigar a opinião e interpretação dos leitores com relação ao *1808* através das três dimensões da cultura histórica, tendo em vista que a cultura histórica é a concretização coletiva da consciência histórica e que nos permite identificar pontos comuns e divergentes entre as orientações dos leitores, bem como cruzar essas informações com a análise já feita do livro *1808*. Já que leitores, autor e livro fazem parte de um mesmo ambiente de cultura histórica. Buscamos entender, por exemplo, quais os motivos que atraíram esses leitores para este tipo de narrativa, que fatores que os levaram a considerá-la, ou não, confiável e se eles conseguiram realizar algum tipo de relação entre esse conhecimento e o tempo presente.

Mas, como encontrar esses leitores? Inicialmente havíamos pensado em desenvolver algumas atividades através de um grupo focal com alunos do ensino médio. Para isso, precisaríamos entrar em acordo com professores e direção de colégios, já que a atividade, mesmo que acontecesse no contra turno escolar, demandaria tempo, espaço e material (exemplares do *1808*), mesmo assim, também não teríamos certeza se haveria alunos em quantidade suficiente dispostos a participar. Essa ideia foi se mostrando cada vez mais inviável, principalmente após as alterações no calendário letivo em decorrência da greve prolongada das escolas estaduais do Paraná no início de 2015.

Assim, a internet nos pareceu uma ferramenta bastante eficiente, já que, através de alguns grupos, sites, blogs, perfis, etc., conseguiríamos identificar e chegar diretamente nos leitores. Alguns dados interessantes vieram a confirmar essa ideia: de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia em 2015, constatou-se que aproximadamente metade da população nacional utiliza a internet. Percebeu-se que ela também possui um bom índice de atenção exclusiva, já que 32% dos usuários não realizam nenhuma outra tarefa enquanto estão conectados, como comer, conversar ou assistir TV. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo que a mais utilizada é o *Facebook* (83%)²⁹. Já que esta ferramenta, na atualidade, faz parte do cotidiano e até mesmo da identidade das pessoas, então, por que não utilizá-la como um instrumento de pesquisa e coleta de dados?

A ideia inicial era realizar uma pesquisa, com o auxílio do software SPHINX, em alguns espaços da internet onde possivelmente esses leitores estariam discutindo o livro *1808*. Para isso, consultamos alguns blogs; perfis e grupos nas redes sociais; comentários em reportagens, entrevistas e vídeos em que o autor aparecia falando a respeito do *1808*; o próprio *site* de Laurentino Gomes; dentre outros espaços. No entanto, por mais que o livro ainda permaneça entre listas dos mais vendidos, encontramos dificuldade para mapear esses leitores e encontrar opiniões variadas e argumentadas, que pudessem nos fornecer algumas pistas mais consistentes com relação ao conteúdo do livro. Talvez pelo fato do livro ter tido maior repercussão no momento em que havia sido publicado entre 2007 e 2008,

²⁹ Dados retirados do site Portal Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/cerca-de-48-dos-brasileiros-usam-internet-regularmente>> Acesso em: [01 ago. 2015].

estas discussões “esfriaram” nas redes, já que o tempo na internet é extremamente rápido e efêmero, em que os assuntos estão em constante mudança, sempre atrás da novidade, do excêntrico, da polêmica, enfim, daquilo que pode render “curtidas” ou “visualizações”.

Desta forma, mudamos novamente a estratégia, mas decidimos manter a ideia de trabalhar através da internet, já que esta se mostrou a maneira mais hábil de encontrarmos esses leitores. Como grande parte dos internautas está conectada através de redes sociais, decidimos então elaborar um questionário que pudesse ser aplicado através do *Facebook* e, posteriormente, por pedido e preferência de alguns leitores, também por e-mail. Com o intuito de atrair e identificar alguns desses leitores, o primeiro passo foi criar um grupo público no *Facebook*. O grupo que recebeu o nome de “Livro 1808 – um espaço para discussão” teve como principal objetivo reunir leitores com opiniões diversas, tanto aqueles que gostaram, quanto aqueles que não gostaram da obra. Apesar de contar atualmente com 47 membros, nem todos leram o 1808, na época da coleta de dados alguns participantes ainda estavam iniciando a leitura, outros adentraram apenas para acompanhar a discussão e havia ainda os que estavam ali para auxiliar na divulgação do grupo. Portanto, o número de questionários coletados através deste meio ainda não era suficiente para a amostra que precisávamos reunir.

Foi quando tivemos acesso à lista de participantes do programa “Conversa entre amigos”³⁰, que é um projeto, destinado à Universidade Estadual de Ponta Grossa e à comunidade externa geral, que visa incentivar a leitura. O programa tem como objetivo colocar em contato o leitor de uma determinada obra literária (a qual é encaminhada gratuitamente com antecedência aos participantes) e o autor da referida obra. Em março de 2014, o programa trouxe à Ponta Grossa o autor Laurentino Gomes para participar de uma conversa com os leitores sobre seu recém-publicado livro 1889. Por se tratar do último livro de uma trilogia, pensamos que possivelmente alguns daqueles participantes também teriam lido os livros anteriores.

Nessa lista, então, constavam apenas os nomes completos, sem nenhuma forma de contato dos participantes, como endereço de e-mail, ou número de telefone, por exemplo. Desta maneira, procuramos os nomes, um a um, pelo

³⁰ Para saber mais sobre o projeto “Conversa entre amigos”, ver: <<http://eventos.uepg.br/conversaentreamigos/apresentacao.php>>. Último acesso em: [01 ago. 2015].

Facebook e, na medida em que íamos encontrando essas pessoas, estabelecíamos o contato e mandávamos o questionário. Essa foi uma tarefa relativamente lenta, já que o *Facebook* possui uma espécie de dispositivo de segurança que bloqueia o perfil de um usuário caso ele envie com muita frequência mensagens para pessoas que não são amigas do seu perfil na rede social. Além disso, não conseguimos encontrar todos os participantes que constavam na lista, pois, pode ser que alguns deles não tenham uma conta no *Facebook*, mas também, por se tratar de uma rede social, muitos não utilizam o nome civil completo, optando por apelidos e nome social, por exemplo. Também muitos dos participantes que conseguimos encontrar na rede afirmaram não terem lido o *1808* e, muitos dos que leram acabaram não retornando o questionário preenchido.

A lista de participantes do projeto “Conversa entre amigos” contava com 715 nomes. Destes, procuramos pelo *Facebook* até o número 487 da lista, mas não encontramos todos, devido aos problemas e empecilhos acima relatados. De todas as pessoas que conseguimos encontrar, isto é, somando os nomes presentes na lista do projeto com alguns membros do grupo virtual “Livro *1808* – um espaço para discussão”, conseguimos entrar em contato com aproximadamente mais de 255 pessoas. Destas pessoas, muitas não responderam ao contato inicial ou declararam não ter lido o livro *1808*, algumas ainda não retornaram o questionário respondido. Enfim, uma das vantagens de aplicar questionários pela internet é que proporciona conforto, praticidade e poupa tempo do respondente, em contrapartida, há sempre a falta de envolvimento pessoal e, por isso, não há, necessariamente, um compromisso em responder, já que não se conhece a pessoa que está do outro lado da tela.

Assim, obtivemos um total de 55 questionários completos. Ao elaborar esses questionários, procuramos, dentre outras coisas, investigar as concepções que os leitores trazem da história escolar e comparar com a opinião que emitem a respeito da história apresentada pelo *1808*. Já que partimos do pressuposto de que muitas das concepções, opiniões e maneiras de se relacionar com a história desses leitores vêm das experiências que tiveram com a história escolar, tendo em vista que essa é uma das primeiras formas de contato desses leitores com a história enquanto conhecimento sistematizado. O *1808*, desta forma, não é o responsável por inaugurar a maneira com que os leitores percebem, gostam, confiam na história,

mas ele interage e se alicerça, por assim dizer, nessa espécie de “base”, estrutura criada pela história escolar.

Como no primeiro capítulo havíamos analisado o livro tendo como referência a discussão sobre história pública, a história feita por outros agentes que não historiadores e a história científica, pareceu-nos interessante identificar também na opinião dos leitores as possíveis convergências e divergências entre esses campos. Então, como já visto anteriormente, o livro *1808* é pensado como um produto da história pública, e a escola nos pareceu o local onde os leitores, com graus de escolaridade e formações diversas, mais teriam tido contato com a História científica. Além disso, nossa perspectiva não se esgota em analisar criticamente os conteúdos, mensagens e consequências da obra para a vida prática, mas busca também identificar o aspecto oposto, ou seja, as características de sua recepção, decodificação e uso dos conteúdos do *1808* pelos leitores.

Composto por questões abertas e fechadas, o roteiro ficou definido da seguinte forma:

- 1- Qual a sua idade?
- 2- De que cidade você está falando?
- 3- Qual o seu nível de instrução?
- 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada?
- 5- Qual versão do livro *1808* você leu? A versão original ou a versão juvenil?
- 6- Você já leu outros livros de história? Quais?
- 7- O que é História para você?
- 8- Você gostava de história quando estava na escola?
- 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam.
- 10- Você percebeu diferenças no tipo de história apresentada pelo livro *1808* e a história como disciplina escolar? Explique.
- 11- Quais as formas em que a história aparece em que você mais confia? (pelo professor, livros escolares, livros de história, documentos e outros vestígios, romances históricos, museus, novelas, documentários, filmes, páginas da internet, dentre outros).
- 12- Você acha que conhecer sobre história tem alguma utilidade, faz alguma diferença para sua vida? Por quê?
- 13- Você gostou do livro *1808*?

14- O que fez com que você gostasse do livro 1808?/ O que fez com que você não gostasse do livro 1808?

15- Você acha que a história apresentada pelo livro 1808 é confiável? Por quê?

16- O livro fez alguma diferença, trouxe alguma lição para sua vida?

Vale ressaltar que, em decorrência dos questionários terem sido aplicados através da internet, e como alguns leitores preferiram responder todas as questões de uma só vez e não passo a passo, em conjunto com a aplicadora, percebemos que houve alguns problemas de interpretação das questões por alguns leitores, o que dificultou ou até mesmo inviabilizou a análise de algumas das respostas. Os trechos de respostas retirados dos questionários, utilizados neste capítulo, serão referenciados de acordo com o número dos leitores (já que cada leitor foi identificado com um número), sendo possível conferir um perfil geral desses respondentes no quadro em apêndice nesta dissertação.

Para melhor sistematizar e interpretar esses questionários, utilizamos como ferramenta metodológica a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011). O livro de Bardin oferece um manual claro, concreto e operacional de seu método de investigação, o qual consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, procurando identificar os principais conceitos ou os principais temas abordados em um determinado texto. Segundo Bardin, o método da análise de conteúdo se divide em diferentes fases que, por sua vez, organizam-se em torno de três polos cronológicos, (1) a pré-análise, (2) a exploração do material e (3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2011, p. 125). Assim, seguindo essas etapas através da organização, categorização e interpretação, procuramos revelar os principais conceitos, temas e sentidos manifestos pelos leitores através dos questionários.

Na elaboração do questionário, pensamos as questões a partir das três dimensões da cultura histórica, as quais constituíam categorias *a priori*: dimensão cognitiva, dimensão estética e dimensão política. A partir daí, essas categorias, posteriormente, foram organizadas em subcategorias, como veremos adiante. A função desta pesquisa não é fornecer um panorama estatístico dos leitores de 1808, já que os apontamentos levantados aqui não valem para o universo de aproximadamente 1,5 milhão de leitores; mas valem para este universo de 55

leitores e, a partir daqui, levantaremos alguns apontamentos, reflexões, hipóteses e provocações que podem nos fornecer uma amostra da cultura história desses leitores e servir de inspiração para pesquisas futuras, assim como definir alguns eixos de análise que poderão ser ou não comprovados em estudos posteriores e com outras características ou amostras.

2.2 QUEM SÃO ESSES LEITORES?

A partir das primeiras questões, procuramos traçar um perfil desses leitores e assim identificar qual é o público que é atraído por este tipo de narrativa. Dos 55 participantes, 35 são do sexo feminino e 20 do sexo masculino. A maioria deles é da cidade de Ponta Grossa e regiões vizinhas, já que grande parte dessas pessoas foi encontrada através da lista de participantes do projeto “Conversa entre Amigos”, desenvolvida nessa cidade. Mas, como na internet não existem fronteiras geográficas, o grupo “Livro 1808 – um espaço para discussão” nos possibilitou encontrar alguns leitores de diferentes regiões do país, conforme mostra o gráfico:

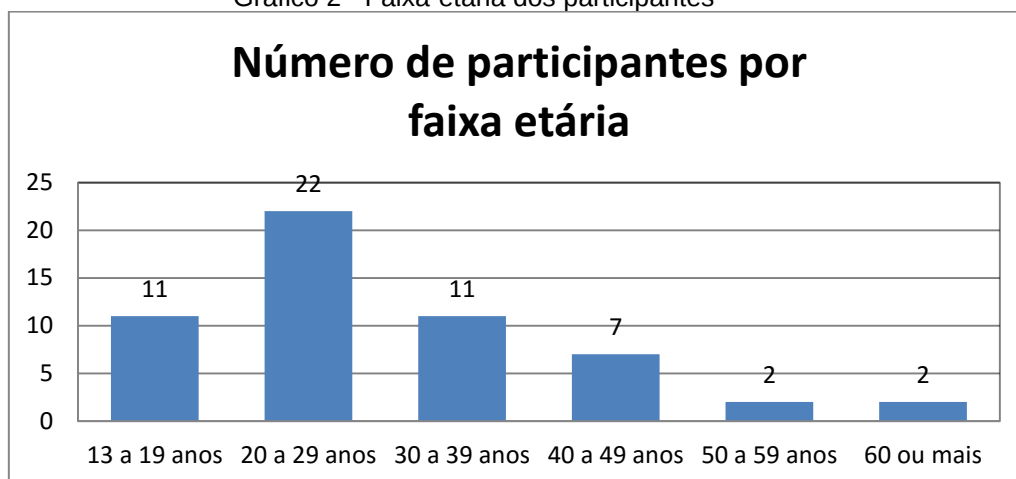
Gráfico 1 - Número de participantes por cidades



Fonte: A autora, 2016.

No que diz respeito à faixa etária dos participantes, encontramos pessoas com as mais variadas idades, desde os 13 até os 62 anos. A maioria desses leitores se concentra na faixa dos 20 aos 29 anos:

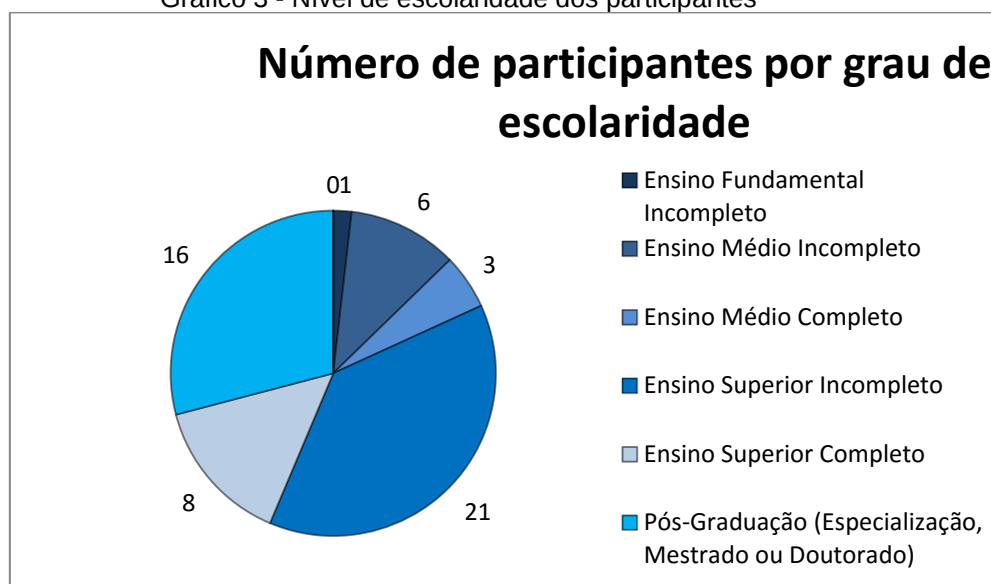
Gráfico 2 - Faixa-etária dos participantes



Fonte: A autora, 2016

Com relação ao nível de instrução, percebemos que a maior parte dos leitores desta amostra já cursou ou está cursando nível superior. 16 pessoas afirmaram ter pós-graduação, dentre as quais algumas especificaram como especialização (3 pessoas), mestrado (4 pessoas) ou doutorado (4 pessoas). Tivemos poucos respondentes jovens em idade escolar, apenas 1 deles afirmou estar concluindo o ensino fundamental enquanto o restante está cursando o ensino médio. Como mostra o gráfico:

Gráfico 3 - Nível de escolaridade dos participantes



Fonte: A autora, 2016.

O fato da maioria dos participantes ter declarado estar cursando nível superior ou ter pós-graduação, provavelmente se dê devido ao encontro “Conversa

entre amigos” ter sido muito divulgado entre o meio acadêmico e ter acontecido nas dependências do campus central da Universidade Estadual de Ponta Grossa, o que nos leva a acreditar que grande parte desses participantes tem algum tipo de vínculo com a universidade, são estudantes ou professores, por exemplo.

Encontrar pessoas com as mais diversas idades e níveis de escolaridade entre os respondentes, nos leva a reforçar a afirmação do livro *1808* como um produto de grande circulação, de grande popularidade. Um adolescente com 13 anos a concluir o ensino fundamental, um senhor de 60 anos com ensino médio, ou um adulto de meia-idade com doutorado, enfim, todos eles tiveram acesso ao conteúdo do *1808* e a maioria gostou de sua narrativa, já que dos 55 participantes, 46 foram bastante objetivos, sem ressalvas, ao alegar que sim, gostaram do livro *1808*.

Dessas pessoas, ninguém afirmou ter lido exclusivamente a versão juvenil ilustrada, todos leram a versão original. Apenas duas participantes afirmaram terem lido ambas as versões. Uma terceira leitora ainda ressaltou conhecer a versão em quadrinhos, mas, provavelmente ela estaria se referindo ao livro *D. João carioca - história em quadrinhos sobre a chegada da Corte portuguesa ao Brasil* de Lilia Moritz Schwarcz em coautoria com a editora Spacca, já que a versão juvenil do *1808*, embora seja inteiramente ilustrada, não possui o formato de HQ, principalmente no que se refere a extensão do seu texto, concluimos assim que possivelmente tal leitora desconhece a versão juvenil.

Além dela, outros 4 participantes também demonstraram não conhecer essa edição, tal como a afirmação feita com um tom de incerteza por um dos respondentes, ao ser questionado sobre qual das versões teria lido: “acho que é a original” (leitor 36). Outros 3 afirmaram desconhecer tal versão: “ainda não existia a juvenil, que nunca vi” (leitor 04); “por sinal, não sabia que havia uma versão juvenil” (leitor 17) e a pergunta feita pelo mais jovem dos leitores, de 13 anos: “como seria a juvenil?” (leitor 5), o que causou certa surpresa, já que o livro é dirigido especialmente para essa faixa etária.

Talvez tenhamos nos deparado com tais resultados por não termos aplicado o questionário em muitos jovens em idade escolar ou professores, já que, segundo Gomes, a versão juvenil do livro foi pensada justamente para esse público, tendo como principal objetivo ser pedagógica, pois nasceu do interesse de professores que leram a versão original e sugeriram que o autor fizesse uma versão mais amigável

para adolescentes dos anos finais do ensino fundamental, inclusive, tendo sido adotado por muitas escolas em todo o país, conforme aponta o próprio autor³¹. A aceitação dessa edição compactada, para Gomes, tem sido muito boa. Ele também afirma que:

Curiosamente, nos diversos eventos, aulas e palestras de que participo em todo o Brasil, estou encontrando muitos leitores adultos que se interessaram pela versão juvenil. No começo estranhei, mas hoje entendo que são pessoas sem muito tempo ou paciência para ler a versão adulta e que encontraram nessa nova edição, mais resumida, uma forma de estudar esse acontecimento da história brasileira. Isso me deixa feliz. Acho que toda a contribuição que ajude essas pessoas a entender melhor o que aconteceu aqui duzentos anos atrás é válida.³²

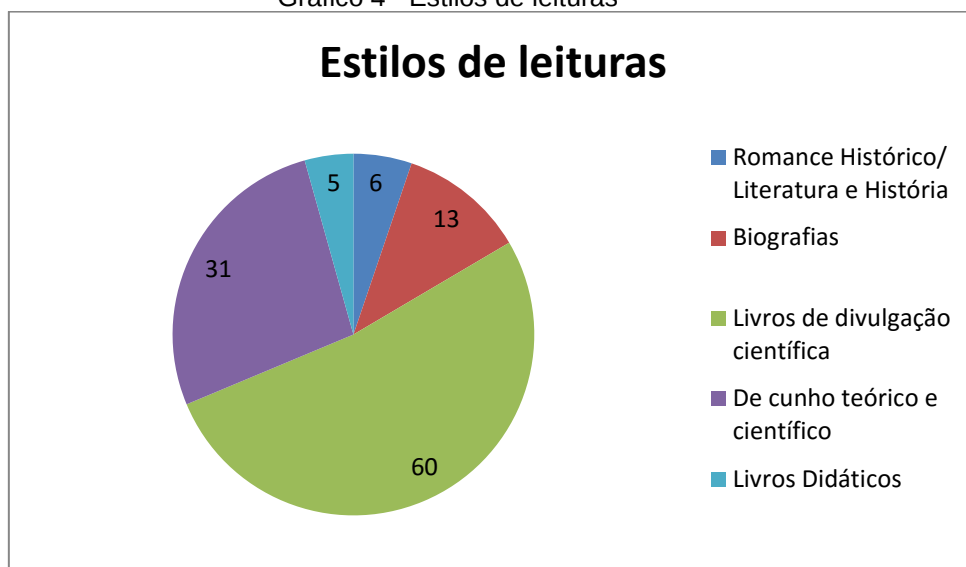
Bem, esse não parece ser o caso desta amostra, já que a edição juvenil demonstrou ter pouca ou quase nenhuma popularidade entre os leitores participantes, sendo até mesmo desconhecida por alguns deles. O tamanho da versão original do livro parece não assustar e intimidar a maioria desses leitores, já que, no caso dos jovens, por exemplo, grande parte dos que procuram leituras de forma independente e assídua, possivelmente são os mesmo jovens que leram coleções como a de *Harry Potter*, *As crônicas de Nárnia*, *Senhor dos Anéis*, *A Saga Crepúsculo*... Ou seja, livros de séries extensas e com grande número de páginas em cada volume.

Especulações a parte, através dos questionários pudemos observar que os jovens participantes desta amostra possuem sim o hábito da leitura: dos 11 jovens entre 13 e 19 anos, apenas 1 afirmou não ter lido outros livros de história. No que diz respeito ao total de leitores desta amostra, apenas 7 pessoas declararam não ter lido outros livros de história além do *1808*. Daqueles que responderam positivamente, 37 pessoas citaram pelo menos um exemplo de livro, tema ou autor. Entre os livros de história já lidos pelos respondentes encontramos uma diversidade muito grande de títulos e estilos de leitura, as quais organizamos, a nosso critério, através de cinco grandes grupos, representados pelo gráfico:

³¹ GOMES, Laurentino. Um '1808' mais amigável. [17 jul. 2008]. Entrevistadora: Marina Lemle. Entrevista concedida ao site da Revista de História da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/um-1808-mais-amigavel>> Acesso em: [01 ago. 2015].

³² Idem.

Gráfico 4 - Estilos de leituras



Fonte: A autora, 2016.

Como se vê, entre os preferidos dos leitores, com maior número de citações, estão os livros de divulgação científica, ou seja, livros que se preocupam em difundir o conhecimento para públicos não especializados. Ou seja, não se tratam apenas de livros de autoria de historiadores, mas reúne autores com os mais variados tipos de formação, inclusive, jornalistas, por exemplo. Essa categoria, portanto, reúne livros de grande circulação, geralmente com narrativa acessível, dirigidos ao grande público. Nesse grupo há uma heterogeneidade muito grande de títulos, temas e autores, dentre os quais, poucos se repetiram/ apareceram mais de uma vez. Encontramos exemplos como: *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*; a série sobre Ditadura de Elio Gaspari; *Uma Breve História do Mundo*; *As veias abertas da América Latina*; Mary Del Priore; Fernando de Moraes; *Os egípcios antigos para leigos*; *O Livro de Ouro da Mitologia* de Thomas Bulfinch; *O queijo e os vermes* de Ginzburg; entre muitos outros. Curiosamente, os exemplos que mais apareceram, não só nesse grupo de divulgação científica, mas também com relação a todas as demais categorias de leitura, foram Eric Hobsbawm e o próprio Laurentino Gomes.

Houve um total de 17 menções aos demais livros de Gomes (5 deles citaram apenas o 1822, 1 apenas o 1889 e 11 fizeram menção a ambos), tendo sido o autor mais citado nesta amostra. Estimamos que esse número pode ser ainda maior, já que a pergunta era aberta e não se referia especificamente sobre as obras de Gomes, desta forma, deduzimos que os leitores optaram por citar, por exemplo,

leituras recentes, preferidas ou apenas as que recordavam no momento em que respondiam ao questionário. Assim como também observamos que em outros espaços do questionário, alguns leitores acabaram demonstrando terem lido outros livros de Laurentino Gomes, porém, como não os assinalaram na pergunta que se referia exclusivamente ao tipo de leitura, eles acabaram não entrando para o gráfico. Mas, esses números já demonstram que o *1808* serviu como uma espécie de “isca”, atraindo e estimulando alguns dos leitores a dar continuidade à trilogia de Gomes.

Outro autor muito mencionado, Eric Hobsbawm, apareceu num total de 6 vezes, a maioria delas através do título *A Era dos Extremos*. Lembrando que Hobsbawm é um historiador muito conhecido pela acessibilidade e fluidez de sua narrativa, o que se evidenciou também nessa amostra fornecida pelos questionários, já que Hobsbawm foi citado por diferentes faixas etárias (dos 17 aos 60 anos) e níveis de escolaridade (ensino médio à pós-graduação).

O segundo grande grupo de leituras aglutina obras mais densas, academicamente falando, com um total de 30 exemplos de títulos e autores. Como pudemos observar em um primeiro momento, a maioria delas são obras de cunho mais teórico e científico, ou seja, específicas de algumas áreas de conhecimento e, portanto, não tão populares fora da academia. Possivelmente encontramos um número expressivo desses exemplos, devido grande parte dos participantes ter vínculo com a universidade, como já ressaltado anteriormente. Isso ficou ainda mais evidente através de alguns leitores que, embora não detalhassem exemplos de leitura, afirmaram ter lido livros de história em decorrência de sua área de formação, por exemplo: “Muitos! Sou da área de Letras, trabalho com Literaturas de Expressão Portuguesa no Ensino Superior e acredito que, sendo assim, obrigatoriamente tenho que conhecer a História. Além do fato de amar História.” (leitor 32); “Como tenho graduação e mestrado em História, posso dizer que já li muitos livros da área.” (leitor 40); “Faço monografia sobre o período colonial e escravidão no Brasil, aborda vários autores.” (leitor 45).

Entre os 30 exemplos dados por diferentes leitores e que foram abarcados nessa categoria, encontramos títulos como: *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* de Darcy Ribeiro; *Muro de Berlim* de Frederick Taylor; *História da Riqueza do Homem* de Léo Huberman; *Apologia da história* de Marc Bloch; *A nova história cultural* de Lynn Hunt; *A escrita da história* de Peter Burke; *Formação*

Econômica do Brasil; História Econômica Geral; Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire; dentre outros.

Os romances históricos e livros que aproximam literatura e história, ou seja, que mesclam e exploram elementos da factualidade e da ficcionalidade, também estão entre os interesses e preferências de alguns leitores. De 6 exemplos citados, encontramos títulos e autores como: *O último voo do flamingo* de Mia Couto, *Os Miseráveis*, livros de Ken Follet, *Os Sertões*, entre outros. Relativamente próximo a esse estilo, o terceiro grupo de livros mais citados se refere ao gênero das biografias. Alguns leitores declararam ter atração e interesse especial por esse tipo de leitura. Dos títulos que apareceram, podemos citar, por exemplo: *Anna Karenina*; *Jean Zay* de Olivier Loubes; *Getúlio*; *Augusto - O Imperador Deus* de Allan Massie; *Coleção Grandes Mestres* da Abril Coleções, entre outros. O *Diário de Anne Frank* foi o livro mais citado nessa categoria, a maioria das vezes por jovens entre os 17 e 22 anos, aparecendo num total de 5 vezes (por sinal, foi o terceiro livro mais citado entre os leitores, de modo geral).

Curiosamente, uma das leitoras, ao mencionar o *Diário*, ponderou entre parênteses: “não sei se é considerado de história” (leitor 16), outra delas o citou como um exemplo de “literatura, mas que tem a ver” com história (leitor 01). Isso nos leva a perceber que o diário escrito pela própria personagem da trama, classificado como uma autobiografia, tem a tendência de ser visto por alguns leitores como um livro muito mais próximo da literatura e do romance-histórico do que da História. Talvez isso ocorra devido ao fato de muitas biografias explorarem mais a vida de personagens, descrevendo cenas cotidianas, sentimentos, desmistificando e transformando os personagens em “pessoas reais”. Benito Bisso Schmidt, ao refletir sobre a produção de biografias no âmbito da história e no do jornalismo, pontua e explora alguns motivos que nos ajudam a entender o sucesso desse gênero:

(...). No que se refere ao contexto, é possível dizer que a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea têm como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente. [...].

Não se pode deixar de mencionar também um certo voyeurismo, mais ou menos velado, que impele muitos autores a investigar minuciosamente a vida privada dos outros, sobretudo dos personagens destacados, a fim de demolir mitos (transformando-os em “gente como a gente”) ou simplesmente para saciar a curiosidade dos leitores. Como ressalta o romancista João Ubaldo Ribeiro, “nas biografias existe o consolo do defeito (...). O leitor se sente confortado ao descobrir que grandes personalidades

também cometeram deslizes e tiveram problemas" (*apud* Mayrink e Gama, 1994:104). Isso ajuda a explicar o grande sucesso editorial das biografias. De acordo com Ângelo (1995: 127), a biografia é um "gênero que os editores do mundo inteiro derramam sem parar nas livrarias e que os livreiros expõem nos melhores pontos da loja exatamente porque há novos leitores à procura de novas biografias". (SCHMIDT, B., 1997, p. 4-5).

Essa sensação de estar "convidando" o leitor a espiar o passado pelo buraco de uma fechadura e ver por detrás da porta personagens sendo transformados em "gente como a gente", como afirma Benito Bisso Schmidt, ou nos dar a possibilidade de desmistificar grandes fatos e desbravar um mundo de curiosidades sobre o passado, não é uma característica presente apenas nas biografias. De maneiras diferentes, em maior ou menor intensidade, também os romances históricos fazem isso ao misturar elementos da realidade com a ficção, assim como muitos livros de grande circulação, principalmente no que diz respeito aos livros-reportagem ao estilo do 1808, como pudemos ver no capítulo anterior. Esse tipo de leitura, marcado por narrativas acessíveis e envolventes, como ficou evidenciado através dos questionários, de uma maneira geral, parece ser a preferida ou a mais procurada pelos leitores do 1808 que participaram desta amostra.

Por fim, alguns leitores, 5 no total, também destacaram os livros didáticos, sendo que para dois deles, os livros didáticos se mostraram os únicos livros de história lidos além do 1808. Uma das pessoas chegou a mencionar um exemplar em específico, alegando que: "Também foi marcante a coleção Nova História Crítica, do Mario Schmidt, que eram os livros adotados pela rede pública quando fiz o Ensino Fundamental e sedimentaram meu gosto pelo estudo da História, além de, por seu caráter multidisciplinar, serem, segundo creio, muito instrutivos mesmo para leitores mais velhos." (leitor 54)

Em muitos casos, o livro didático é um dos primeiros livros com que os alunos têm contato, e, muitas vezes, ele serve como uma espécie de guia para as aulas de história e seleção dos conteúdos. Sem entrar em uma discussão profunda sobre livros didáticos, podemos afirmar que ele tem uma importância considerável na aprendizagem da história, ajudando a influenciar a maneira como os sujeitos perceberem e se relacionam com a disciplina de História. A influência do ensino de história escolar se mostrou presente também em relação aos temas históricos preferidos pelos leitores, já que a maioria deles citou conteúdos presentes no

currículo escolar e nos livros didáticos. Com relação à apresentação dos conteúdos escolares, Bezerra afirma que:

Preponderante ainda na maioria das escolas brasileiras, o tempo, considerado em sua dimensão cronológica, continua sendo a medida utilizada para explicar a trajetória da humanidade. A periodização que se impôs desde o século XIX – História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea – está presente em grande parte dos livros didáticos; retrocede-se às origens, estabelecendo-se trajetórias homogêneas do passado ao presente, e a organização dos acontecimentos é feita com base na perspectiva da evolução. (BEZERRA, 2010, p. 39)

Segundo Bezerra, mais recentemente há uma tentativa de superação dessa perspectiva de história linear e sequencial, através da chamada História integrada, “em que América e Brasil figuram juntamente com outros povos da Pré-História, assim como a presença da África” (BEZERRA, 2010, p. 39). Assim como também há propostas diferenciadas em que os conteúdos são abordados através de eixos temáticos. Através dos questionários, pudemos perceber a presença dessas três vertentes, sendo a de história temática a menos frequente, com citações como: gênero, religiosidade, mitologia, entre outros. Sobre História integrada, observamos temas como: História das Américas, América Latina, História dos Reinos Africanos, Mundo Árabe, e outras. Uma parte considerável dos leitores possui grande influência da periodização da História, assentada no modelo quadripartite, como, por exemplo: Civilizações Antigas, Egito Antigo, Antiguidade Clássica, Idade Média, Primeira e Segunda Guerra Mundial, História Moderna, História Contemporânea, Revolução Francesa, Revolução Industrial, etc.

Encontramos também temáticas relacionadas ao ambiente acadêmico, possivelmente relacionadas ao ofício e às temáticas de pesquisa de alguns dos participantes, como, por exemplo: Teoria da História (3 pessoas), História Cultural (2 pessoas), História Social, Memória, Abordagens Imagéticas, Ensino de História, etc. Poucos leitores também citaram temas relacionados à atualidade (como: “política atual”, “história da atualidade”) e ao cotidiano (exemplo: “História da minha cidade natal”, “História de Ponta Grossa”, “Gosto de objetos históricos, gosto de locais que tem história envolvida, gosto de visitar locais históricos e saber sobre.”).

Enfim, houve uma infinidade de temas citados pelos leitores, mas, o que nos chamou mais atenção foi o número de pessoas que citou a História do Brasil como tema de preferência. Já que não só o *1808*, mas toda a trilogia de Gomes refere-se

a três momentos importantes da história do Brasil e da construção da identidade nacional. Ao total, foram 31 menções sobre temas relacionados ao Brasil:

- História do Brasil (12 pessoas)
- História Indígena Brasileira
- Era Vargas
- Sistema político brasileiro
- Coronelismo
- História do Império do Brasil (2 pessoas)
- Independência brasileira (2 pessoas)
- História do Brasil colônia (2 pessoas)
- Descoberta do Brasil
- Colonização do Brasil
- Cultura Africana no Brasil
- História da Arte no Brasil
- Brasil enquanto monarquia
- História do Brasil, sobretudo o período republicano
- Brasil do século XX
- Década de 70 (principalmente futebol no Brasil nesse período)
- História Brasileira das décadas anteriores

Também no que se refere aos temas citados sobre História do Brasil, podemos observar uma forte influência dos conteúdos escolares, marcados principalmente pelo viés político. Também é interessante notarmos que uma parte considerável desses exemplos tem relação com os temas abordados por Laurentino Gomes em sua trilogia. Pode ser que alguns desses leitores tenham sido atraídos pelo *1808* por conta da sua temática; como pode ser também que eles tenham desenvolvido o gosto pelas temáticas a partir da leitura do *1808*. Tal como uma das leitoras, apesar de não ter citado temas de preferência, chegou a afirmar: “Com a leitura dos livros de Laurentino Gomes aprendi a gostar de História, mas ainda gosto muito mais de matemática” (leitor 16).

Através desse perfil, traçado inicialmente, de uma maneira geral, podemos constatar que a maioria dos leitores que responderam a esse questionário, gosta e se interessa pela história e por livros que falam sobre história. Também pudemos

confirmar a percepção do *1808* como uma leitura muito acessível e popular, sendo procurado por pessoas com as mais diversas idades, níveis de formação e com os mais diversos interesses e gostos pela história. A partir disso muitas dessas questões levantadas até aqui, nos ajudarão a compreender, dentre outras coisas, como esses leitores se relacionam com a narrativa do *1808* e de que forma interagem com esse conhecimento.

2.3 FORMAS E MOTIVOS DE APRECIÇÃO DO *1808* PELOS LEITORES: A DIMENSÃO ESTÉTICA.

Como discutimos no primeiro capítulo, a dimensão estética não se refere apenas à beleza, ao ato de “transpor” o conteúdo histórico para formas esteticamente belas e agradáveis, mas se refere também à maneira com que determinado conteúdo histórico envolve e atinge os sentidos humanos e colabora para a apreensão histórica e produção de sentido. Como vimos anteriormente, no que diz respeito ao *1808*, os elementos estéticos, ao serem sobrelevados em alguns momentos como parte de uma estratégia para atrair e envolver o leitor, exercem considerável influência na maneira como os interlocutores se relacionam e assimilam o conteúdo presente no livro.

Ao elaborarmos as questões com o intuito de investigar essa relação entre os elementos estéticos do *1808* e a apreensão de seu conteúdo pelos leitores, buscamos traçar algumas comparações também entre as formas com que a história é apresentada na escola. Já que, como discutimos anteriormente, a história como disciplina escolar é uma das primeiras formas de contato dos indivíduos com a história como produção do conhecimento sistematizado, assim, é dela que grande parte dos leitores trazem muitas das concepções, conceitos, gostos pela história que podem influenciar a maneira com que se relacionam com o conteúdo do *1808*.

Quando elaboramos as questões, partimos da hipótese de que a maioria dos respondentes destacaria como principais diferenças entre a história escolar e a história do *1808* justamente as formas de apresentação entre elas, ou seja, características relacionadas aos elementos estéticos. As questões relacionadas a essas preocupações foram: “8- Você gostava de história quando estava na escola?”; “10- Você percebeu diferenças no tipo de história apresentada pelo livro *1808* e a

história como disciplina escolar?"; "13- Você gostou do livro *1808*?" e "14- O que fez com que você gostasse do livro *1808*?".

Através das respostas pudemos constatar que o número das pessoas que responderam afirmativamente gostar de história na escola e gostar do livro *1808*, foi praticamente semelhante e se refere à maioria dos leitores, como veremos adiante. Um número muito pouco expressivo de leitores afirmou taxativamente, sem ressalvas, não gostar de uma ou de outra. Assim, com base nesse montante, procuramos selecionar as justificativas dadas pelos respondentes para tais afirmações através das questões 10 e 14. Por se tratarem de questões que possibilitavam respostas mais abrangentes e subjetivas, procuramos identificar se havia e quais seriam as similaridades entre os argumentos fornecidos pelos leitores. Desta forma, foi possível formarmos 6 grandes categorias com as respostas da questão 10, e 5 grandes categorias da questão 14, as quais aglutinaram opiniões, temáticas, comparações, justificativas semelhantes desses leitores.

No que se refere à questão 10, ou seja, às diferenças entre a história escolar e a apresentada pelo *1808*, as seis categorias de respostas foram organizadas conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 1 - Categorias das comparações entre a narrativa do *1808* e a narrativa da história aprendida na escola

Categoria	Principais características	Número de aparições
Complemento da História escolar	Reuniu leitores que afirmaram perceber o <i>1808</i> como um complemento da história escolar, apresentando uma narrativa composta por mais detalhes, recheada de personagens e curiosidades. Mais específica e realista do que a história apresentada na escola.	17
Narrativa atraente	Agrega percepções do <i>1808</i> como uma história mais prazerosa, sedutora e envolvente e, por isso, mais fácil de entender e aprender.	15
História lupa	Engloba visões da história escolar como uma narrativa mais geral e generalista, não tão detalhista e com poucas ou quase nenhuma curiosidades.	11
História do <i>1808</i> mais realista/ verdadeira	Reúne leitores que julgaram o <i>1808</i> como uma história mais neutra e sincera, que mostra "a verdade" que a história na escola não mostra.	11
História escolar mais realista/ verdadeira	Agrupa opiniões que consideram a história escolar como uma narrativa mais séria, mais formal, ou ainda marcada por "nomes e datas".	07

Ênfase na formação dos autores.	Diz respeito aos leitores que justificaram as diferenças entre a história escolar e a história apresentada pelo <i>1808</i> através da formação de seus autores, alegando que uma é um produto de profissionais específicos da área, da Ciência Histórica, e a outra representa uma narrativa jornalística.	05
---------------------------------	---	----

Fonte: A autora, 2016.

Com relação à questão 14, a qual pede para o leitor pontuar alguns dos motivos que o levou a gostar (ou não) do *1808*, a maioria dos motivos elucidados pelos respondentes se agruparam nas seguintes subcategorias:

Quadro 2 - Categorias sobre a apreciação do *1808*

Categoria	Principais características	Número de aparições
Narrativa prazerosa	Engloba opiniões que destacam a narrativa do livro como prazerosa, fácil e fluída.	36
Aquisição de conhecimento	Reúne afirmativas que possuem relação com o gosto de obter conhecimento por parte dos leitores.	16
Detalhes e Curiosidades	Diz respeito aos leitores que afirmaram gostar dos detalhes e das curiosidades presentes na narrativa.	11
Humor	Reúne opiniões que destacaram a maneira humorada e cômica pela qual os fatos e personagens históricos são retratados.	07
Presença de personagens	Agrega respostas que apontam positivamente para uma história composta por personagens.	08

Fonte: A autora, 2016.

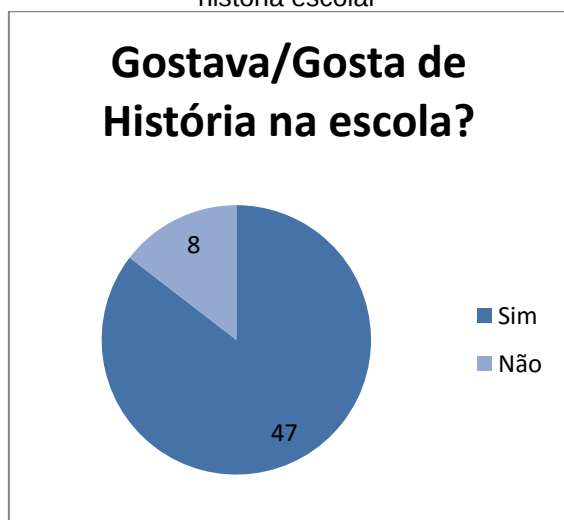
Com base nessas categorias, os diferentes elementos e informações encontradas nas respostas puderam ser mais bem sistematizados e agrupados conforme as características comuns entre elas. Desta forma, foi possível nos ater não em casos isolados, mas nas principais questões compartilhadas entre os leitores, possibilitando-nos assim, traçar um perfil comum entre elas. Em alguns momentos, em uma só resposta foi possível encontrarmos diferentes elementos e informações, as quais foram fragmentadas, organizadas e alocadas em diferentes categorias, como, por exemplo: uma resposta da questão 10 foi organizada da seguinte forma: “Sim, te diria que a história apresentada **no livro** do Laurentino **é muito mais prazerosa de ler e até aprender [categoria “Narrativa atraente”]**... É

uma narrativa que te prende, ao contrário da disciplina que ainda se vê **na escola, que trata de nomes e datas [categoria “História escolar mais realista/verdadeira”]**. (leitor 02)” (grifo da autora). Por isso, em muitos momentos, essas categorias possuem relações uma com a outra, e, como veremos a seguir, algumas vezes, as informações abstraídas delas podem ser melhores entendidas se cruzadas e comparadas umas com as outras.

2.3.1 Escola: formação de público leitor de divulgação histórica?

Como dito anteriormente, o número de pessoas que alegaram gostar de história na escola e gostar da história apresentada pelo *1808* foi muito semelhante. Por se tratarem de questões mais objetivas (questão 8 e 13), a maioria dos leitores respondeu diretamente de forma positiva ou negativa, mas ainda houve algumas poucas pessoas que usaram esse espaço para tecer alguma justificativa ou comentário complementar às suas afirmações ou negações. Em um primeiro momento, a semelhança entre esses dados nos ajudam a confirmar os pressupostos que tínhamos ao elaborar o questionário sobre as relações entre a história como disciplina escolar e a história apresentada pelo *1808*. Já que, o fato da maioria dos leitores responder afirmativamente para ambas as questões, demonstra que o gosto pela história não é resultado posterior à leitura de Laurentino Gomes, mas vem de experiências anteriores, como mostra os questionários, desde a época da escola, por exemplo.

Gráfico 5 - Apreciação dos leitores pela história escolar



Fonte: A autora, 2016.

Gráfico 6 - Apreciação dos leitores pelo livro *1808*



Fonte: A autora, 2016.

Como podemos ver nos gráficos acima, de 55 pessoas, 47 responderam que gostavam/gostam da disciplina de história na escola, enquanto 46 pessoas afirmaram, sem ressalvas, gostar do livro *1808*. Desta forma, a afirmação feita por uma das respondentes que com a leitura dos livros do Laurentino Gomes aprendeu a gostar de história (mesmo ressaltando ainda gostar muito mais de matemática), mostra-se como um caso isolado, ao menos nesta amostra. Para a maioria dos leitores, o *1808* não é o responsável por fazer com que gostem ou não de história. Esse gosto pela disciplina vem de experiências anteriores, podendo ser fortemente influenciado pela disciplina de história na escola, mas também por outras produções de história pública, por exemplo.

Para responder a questão de número 8, diferentes palavras foram usadas pelos leitores, as quais demonstram, por exemplo, a intensidade com que se relacionam com a disciplina, expressões como: “amava/amo”, “sempre gostei”, “adorava”, “gostava muito”, foram algumas das que mais apareceram depois de “sim, gostava” de história na escola. Dos 3 leitores que alegaram não ter gostado do livro *1808*, todos disseram que gostavam da disciplina de história na escola. Das 6 pessoas que fizeram algum tipo de ressalva com relação ao livro, afirmando gostar mais ou menos/em partes, do *1808*, apenas 2 delas afirmaram não gostar da história escolar. Nenhum dos participantes respondeu negativamente para ambas as opções, ou seja, afirmou não ter gostado do livro *1808*, tampouco da disciplina de história. Ao que se refere, gostar e se interessar por história é uma característica comum entre esses leitores, o que nos leva a acreditar que, possivelmente, um dos principais motivos pelo qual o *1808* é muito procurado pela maioria das pessoas é, justamente, por ser um livro que fala sobre história.

Alguns leitores (8, no total) relataram não perceber diferenças entre o livro e a disciplina escolar. E, embora a questão se referisse às diferenças entre a história apresentada pelo *1808* e a história apresentada na escola, alguns desses leitores preferiram destacar as semelhanças entre elas. Por se tratarem de poucos leitores, assim como de motivos diferentes, não foi possível traçarmos um panorama com pontos em comuns entre eles. Houve leitores que ressaltaram pontos positivos como, por exemplo, que os dois formatos, as duas maneiras de apresentar a história revelam um esforço em serem didáticas. Assim como houve também leitores que destacaram pontos negativos entre elas, alegando que tanto o livro quanto a

disciplina escolar, falam sobre fatos e personagens históricos conhecidos, através de uma perspectiva um pouco mais acrítica.

As principais diferenças destacadas entre esses tipos de história (ou seja, o livro *1808* e a disciplina escolar) foram organizadas em categorias de acordo com a proximidade entre as respostas, como vimos anteriormente. As opiniões e elementos mais citados pelos leitores referem-se à categoria “complemento da história escolar” e “narrativa atraente”, as quais, como veremos, possuem características muito semelhantes e que, em determinados momentos, se complementam. Com maior número de citações, 17 no total, a categoria “complemento da história escolar” reuniu leitores que destacaram como principais diferenças entre o *1808* e a escola o fato de Laurentino Gomes apresentar uma narrativa mais detalhista, explorando mais os personagens e curiosidades do período.

Para muitos leitores, essa narrativa recheada de curiosidades e pequenos detalhes torna o livro *1808* uma espécie de complemento da história escolar, como pudemos ver através de respostas como: “O livro trouxe conteúdos a mais que eu não tinha aprendido até então.” (leitor 03); “o livro mostra detalhes que a história apresentada nas escolas não mostra, (...)” (leitor 39); “(...) o livro do Laurentino traz curiosidades que nunca imaginei” (leitor 47). Essas e outras respostas nos mostram que, para alguns leitores, é como se o livro acrescentasse conteúdos e detalhes à história escolar, que, por sua vez, é marcada por uma narrativa mais geral e que visa fornecer uma “base” de determinados conteúdos, focando naquilo que é essencial e fundamental sobre determinado contexto, não explorando tanto os detalhes e curiosidades como o livro faz.

Isso fica ainda mais evidente quando comparamos essas respostas com a categoria “história lupa”, o qual reúne opiniões de leitores que frisam esse aspecto mais “geral” da história como disciplina escolar em contraposição à narrativa mais detalhista do *1808*. Por exemplo: “A história da sala de aula é bem menos detalhista, apresenta mais os fatos relevantes do período, não seus pormenores como o livro faz.” (leitor 13); “(...), a história como disciplina escolar é generalista, nunca buscando entrar em pormenores nos fatos históricos, (...)” (leitor 41); “Uma das coisas que me vem à cabeça agora, e que acho que mais chamou a atenção, foi que no *1808* a história era apresentada mais como crônica/anedotas dos personagens históricos, coisa que eu via com bem menos frequência na história como disciplina

escolar, que era mais ‘técnica’ e abrangente (do tipo ‘todas as pessoas daquela época faziam tal coisa’).” (leitor 01).

Como a maioria dos nossos leitores se referiu à história apresentada nas escolas de maneira genérica para responder a questão 10, há que se considerar inúmeras variantes, tais como as diferenças entre as idades e os níveis de formação desses leitores e, conseqüentemente, os diferentes contextos históricos e concepções de ensino com que tiveram contato durante sua formação escolar, bem como suas experiências pessoais e afetivas com a escola e, mais precisamente, com o ensino de história. No entanto, sem a intenção e a possibilidade (com base nesta amostra de questionários) de nos aprofundarmos nessas questões, pudemos perceber que parte considerável dos leitores pareceu relacionar a “história apresentada nas escolas” aos livros didáticos.

Enquanto 9 pessoas fizeram menção direta aos livros didáticos para ressaltar as diferenças entre a história escolar e a história apresentada pelo *1808*, apenas 2 citaram a atuação dos professores nas aulas de história, por exemplo. Também 2 dos respondentes que ressaltaram não perceber diferenças entre a história escolar e a apresentada pelo *1808*, alegaram que seus professores de história, durante o ensino médio, ensinavam “muito mais do que apenas o conteúdo que constava nos livros didáticos”. Essas informações nos ajudam a compreender um pouco melhor esses leitores quando afirmam que o livro de Laurentino Gomes contém mais detalhes e curiosidades do que a história escolar, que é mais geral e não tão detalhista. Pois, se esses leitores tomam por base os livros didáticos para se referir à história escolar, é conveniente lembrarmos que os manuais didáticos tendem, geralmente, a apresentar grandes sínteses dos conteúdos históricos, explorando pouco ou muito pouco os pequenos detalhes e curiosidades sobre determinados assuntos.

Esse pode ser um dos principais fatores que levam esses leitores a afirmar que o *1808* é um complemento ou ainda, mais completo que a história escolar, já que Laurentino Gomes acrescenta à abordagem política da transferência da corte uma série de curiosidades interessantes sobre o contexto, descrevendo cenas do cotidiano, costumes da época, características íntimas e sentimentos dos personagens, por exemplo. Muitas vezes, ele faz isso com base em relatos de época ou em interpretações feitas *a posteriori* por outros historiadores. Não nos esqueçamos, porém, que muitas dessas curiosidades são especulações e hipóteses

a respeito do contexto e dos personagens envolvidos na trama, como, por exemplo, o caso homossexual de D. João e as inúmeras traições de Carlota Joaquina. Ou ainda que misturam ficção e factuality, conduzindo, mesmo que não intencionalmente, o leitor ao anacronismo ou ao juízo de valor, como destacado no capítulo anterior.

Embora algumas dessas estratégias sejam teórica e metodologicamente evitadas e até mesmo consideradas inaceitáveis pela Ciência Histórica e pela história escolar, elas acabam atraindo muito a atenção do leitor e despertando até mesmo certo fascínio pelo passado. São justamente essas inúmeras curiosidades e pequenos detalhes que tornam o livro *1808* uma narrativa agradável e atraente para a maioria dos leitores. A categoria “narrativa atraente”, segunda com maior número de frequência, com um total de 15 citações, reuniu leitores que afirmaram perceber como principal diferença entre a história escolar e a do *1808*, a narrativa mais fluída e atraente presente no livro. Opiniões como: “(...) achei que o livro trouxe uma maneira mais apaixonante, me fez ler e me interessar.” (leitor 21); “*1808* tem uma linguagem acessível, com uma narrativa envolvente.” (leitor 05); “O livro *1808* apresenta-se de forma dinâmica e atrativa.” (leitor 32), demonstram que Gomes disponibiliza a narrativa histórica em uma leitura prazerosa e interessante, que, com diferentes estratégias, de fato, instigam o leitor prosseguir com a leitura.

Alguns respondentes relacionaram a narrativa do livro *1808* com o fato de misturar elementos estéticos provenientes da literatura e do romance, dando a narrativa um ar mais descontraído, envolvente, e, conforme uma das leitoras, “mais rápido”. Por exemplo: “A história foi romanceada, ou seja, tomou contornos de romance, de literatura, o que torna a leitura mais prazerosa.” (leitor 26); “O livro explora a história de uma maneira mais interessante, envolvendo o leitor com os personagens, como em romances, o que desperta uma vontade de leitura e torna o aprendizado algo inerente a ela. (...)” (leitor 09). Essa fluidez de narrativa, segundo alguns leitores, é responsável por facilitar o aprendizado da história e torná-la até mesmo prazerosa: “(...) com o *1808* foi diferente, alguma coisa me prendeu nele e eu acho que foi exatamente o fato de eu não perceber que estava aprendendo história.” (leitor 53); “a história do livro parece mais simples de ser compreendida.” (leitor 29), como veremos adiante, aprender o conhecimento de uma forma prazerosa e aparentemente mais simples, também é um dos motivos pelos quais alguns leitores pontuaram gostar do *1808*.

Ainda sobre a narrativa adotada por Gomes, houve leitores (5, no total) que, ao tentar explicar as diferenças entre a história escolar e a apresentada no livro *1808*, procuraram justificar através das diferenças entre o ofício do historiador e o do jornalista, como, por exemplo: “A história da escola apresenta uma forma diferente de abordagem, partindo da historicidade enquanto o *1808* abrange a história de forma jornalística.” (leitor 35); “A principal diferença é a narrativa, o que pode ser explicado pelo autor ser jornalista e não historiador. Assim, a sua formação é voltada para a comunicação, ao contrário dos historiadores que, para ter sua pesquisa aceita pela Academia e se fazer entender por seus pares, apresenta um texto que dialoga com correntes historiográficas e carregado de jargões.” (leitor 48). De uma maneira geral, esses leitores afirmaram que enquanto o historiador possui preocupações de cunho mais teórico-metodológicas, o jornalista está mais preocupado com a divulgação do seu trabalho. Alguns leitores afirmaram ainda que o historiador apresenta uma narrativa mais séria, formal e de difícil acesso, e que o jornalista, usando como referência o trabalho de Gomes, é mais acessível para o público geral.

No entanto, houve também quem tenha percebido essa preocupação de Gomes em dar fluidez à narrativa de forma um pouco negativa, segundo um dos leitores: “É perceptível o estilo de narrativa jornalística no *1808*. Além disso, há uma tentativa mau executada a meu ver, de dar um ar literário à narrativa. (...)” (leitor 08), muito embora ele não explique porque não concordou com a aproximação da narrativa histórica com a literatura e tenha, inclusive, elogiado Gomes pela tentativa de popularizar a história. Mas, esse foi um caso específico, já que, no geral, a maioria dos leitores afirmou ser esse um dos principais motivos que fizeram com que gostassem do livro *1808*: a narrativa jornalística acessível, marcada por fluidez, detalhes e curiosidades. Isso ficou muito evidente através das respostas da questão 14, em que os leitores justificaram os motivos pelos quais gostaram ou não do *1808*.

O principal motivo, com maior número de aparições, pelo qual os leitores afirmaram ter gostado do livro *1808* diz respeito, justamente, à sua narrativa. Houve um total de 36 menções sobre esse aspecto do livro (categoria “narrativa prazerosa”). Alguns foram mais sucintos e objetivos, outros detalharam mais suas respostas, mas a maior parte dos leitores destacou a narrativa fácil, sedutora e envolvente. Surgiram respostas como: “É um livro gostoso de ler e não cansa, é bem escrito.” (leitor 44); “Penso que seja o estilo do escritor que me agrada muito, a

forma como ele expõe os fatos é muito atraente.” (leitor 32); “Pelo modo com que é conduzido os fatos, é uma leitura leve, que desperta aquela vontade de ler cada vez mais pra saber ‘o que vai acontecer no final’.” (leitor 27).

Algumas pessoas também chamaram a atenção para os detalhes e passagens cômicas e humoradas presentes no livro (categoria “humor”): “É um livro cativante, não apenas pela escrita bem acessível, mas particularmente pelo tom hilário que o autor adota para apresentar a família real no Brasil.” (leitor 50); “(...). A forma cômica com que o livro conta algumas passagens também me fez ter grande interesse pela leitura.” (leitor 09); “A forma como os acontecimentos são narrados, algumas vezes ironizando ou transformando em algo engraçado, satirizando os personagens antes tão glorificados nos livros didáticos. O livro ensina a vermos a família real e outros personagens da história como pessoas de carne e osso.” (leitor 35).

Pudemos perceber, não só nas passagens acima, mas também em outros momentos, que boa parte dos leitores que chamaram a atenção para a narrativa marcada pelo humor, relacionou-a com a presença dos personagens. Parece que para alguns desses leitores, ao retratar os personagens históricos de uma forma humorada e satírica, Gomes desmistifica-os como grandes nomes históricos, como personagens políticos e transforma-os em “gente como a gente”, em pessoas de carne e osso. Isso parece criar uma aproximação e envolvimento do leitor com os personagens do enredo, muito próximo como em um romance histórico, em que muitas vezes há um envolvimento afetivo e empático dos leitores com os protagonistas da trama. Para alguns leitores, esse foi um dos principais pontos que o fizeram gostar do livro: “(...) a apresentação de figuras históricas nunca lembradas em livros de história e de uma humanização daqueles que conhecemos.” (leitor 31); “(...) na riqueza da descrição dos personagens.” (leitor 43); “(...) principalmente porque tem anedotas legais de personagens históricos.” (leitor 01); “O fato de ele apresentar a história de uma maneira diferente (...), por exemplo, como vivia a sociedade brasileira na época, a visão que os portugueses tinham de sua colônia, uma noção psicológica dos personagens e como isso afetou suas decisões, etc. Esses detalhes dificilmente assimilamos em uma aula.” (leitor 53).

Esse exercício de humanizar os personagens históricos pode ser positivo na medida em que, dentre outras coisas, torna-se um instrumento interessante para criar certa empatia nos leitores ao voltar-se para o passado, além de estimular o

interesse e facilitar a compreensão do conhecimento histórico. Mas também pode ser um tanto quanto perigoso ao passo que, ao apostar nas caricaturas dos personagens, o *1808* também pode conduzir o leitor a cometer determinados juízos de valores, ou ainda a reduzir e simplificar os fatos históricos ao colocar o perfil psicológico dos personagens como determinantes da ação histórica, como, por exemplo, “o rei fugiu porque era medroso e inseguro” (assim como vimos no primeiro capítulo e como também observamos no parágrafo acima, em alguns trechos dos leitores).

Os pequenos detalhes explorados por Laurentino Gomes que envolvem os personagens e episódios históricos também é uma das características do *1808* bem vistas pelos leitores (categoria “detalhes e curiosidades”). 11 leitores ressaltaram que esse foi um dos principais elementos dos quais gostaram no *1808*, e, para alguns deles, essa riqueza dos detalhes muitas vezes revela curiosidades e fatos desconhecidos até então, já que, como alguns destacaram, são detalhes e curiosidades que raramente costumam ver na escola. Esses elementos estéticos aliados, ou seja, uma narrativa fluída e envolvente, os personagens caricatos, o humor e o tom satírico e os detalhes presentes na narrativa, como pudemos ver através dos questionários, são as características do *1808* mais citadas, elogiadas e até mesmo preferidas pela grande parte dos leitores que participaram desta amostra.

Para parte considerável desses leitores, inclusive, essas são as principais características que diferenciam a história apresentada no livro *1808* da história como disciplina escolar, já que, juntas, as categorias “complemento da história escolar” e “narrativa atraente”, que se referem a esses elementos (narrativa mais prazerosa, fluída, detalhista, com curiosidades e personagens...), representam 32 citações. Embora apenas 8 pessoas tenham alegado não gostar de história na escola, muito poucos respondentes ressaltaram pontos positivos da história escolar no que se refere aos elementos estéticos. Além de muitos alegarem que a história escolar costuma ser mais geral e não tão detalhistas, como vimos através da categoria “história lupa”, alguns leitores também relacionaram a disciplina escolar como uma história que foca e valoriza mais os nomes e datas (categoria “História escolar mais realista/ verdadeira”): “A simples relação entre fato e data, ocorrência comum nos livros de história escolar, é aborrecida e pouco eficiente. Já o traço romancado permite ver um prisma do que chamo de história consequente: atos individuais ou

coletivos e seus reflexos imediatos, inclusive no plano dos próprios personagens.” (leitor 43); “Na escola os professores atribuem mais importância a nomes e datas, no livro temos mais detalhes sobre quem foram essas pessoas, e o que realmente levou a tomarem certas atitudes.” (leitor 52); “(...) Já a disciplina possui caráter pedagógico, foca em datas, fatos e tomadas de decisões que definiram os rumos da colônia, (...)” (leitor 38).

Para alguns desses leitores, a história na escola é vista como “decoreba”, ou, como ainda afirmou uma das leitoras: “(...) algo que sou obrigada a estudar para passar de ano (...)” (leitor 15). Curiosamente, dos 7 respondentes que fizeram essa relação, apenas um deles afirmou não gostar de história na época da escola. Além dessas 7 respostas reunidas na categoria “História escolar mais realista/ verdadeira”, mais 2 leitores afirmaram em outro espaço do questionário que não gostavam muito de história na escola porque não gostavam de decorar nomes e datas. Através da idade desses leitores, percebemos, portanto, que desse total de 9 pessoas que relacionaram a história na escola como “decoreba”, 4 delas possivelmente estiveram nos anos finais da escola durante o período da Ditadura Militar, ou seja, em uma época em que a disciplina de História estava reduzida a, basicamente, estudar de maneira acrítica os grandes nomes, datas comemorativas, símbolos nacionais, etc.

Diferente desses leitores que passaram pela escola durante o período militar, as outras 5 pessoas parecem ter vivenciado seus últimos anos escolares a partir da segunda metade da década de 1990, sendo que a mais jovem delas (17 anos) estava concluindo o ensino médio no ano em que respondeu ao questionário. Então, de acordo com as mudanças que ocorreram no ensino de história após o período militar, essas 5 pessoas, supostamente, tiveram contato com uma disciplina de história mais crítica e plural, que dá menos atenção aos grandes nomes e datas do que a história tradicional, por exemplo. No entanto, mesmo assim, embora todos os 5 tenham respondido gostar de história na escola, eles relacionaram a disciplina à decoreba.

Não descartamos a hipótese de esses leitores terem relacionado “nomes e datas” a uma abordagem mais política, ou ainda, mais formal. Normalmente grande parte dos livros escolares aborda a transferência da corte portuguesa ao Brasil dando maior ênfase, por exemplo, às relações políticas e econômicas entre Inglaterra, França e Portugal, e, obviamente, na quebra do pacto-colonial e início do processo de independência do Brasil. Quando esses leitores se reportam ao 1808,

pressupomos que eles estão mais interessados em saber “como uma rainha louca, um rei medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história do Brasil e Portugal”, do que analisar esse processo político que envolve a transferência da corte.

Através dos questionários não foi possível encontrarmos outros indícios que nos possibilitassem entender melhor porque isso ocorre, os motivos que levaram esses leitores a fazer tais afirmações. O fato é que praticamente quase todos os 9 leitores destacaram como ponto positivo do *1808* a maneira como ele apresenta a história através de uma narrativa prazerosa e interessante, em contraponto à história escolar que ao focar em nomes e datas se torna mais desinteressante e até mesmo fastidiosa. Isto é, embora o livro *1808* também se refira a uma grande data e a grandes nomes, ele busca acentuar os elementos estéticos, como detalhes, curiosidades e caricaturas, por exemplo. Isso transmite ao leitor, como pudemos ver através de algumas respostas, a sensação de estar vendo uma “outra face” da história.

Em vários e diferentes momentos, percebemos que boa parte dos leitores relaciona esses elementos estéticos com a eficácia do aprendizado da história. Para eles, são essas características que tornam o livro acessível e interessante, facilitando a compreensão do conteúdo histórico. Alguns leitores chegaram a relatar que era como se estivessem presenciando o passado através da leitura do *1808*: “Os detalhes descritos pelo autor te transportam para aquela época” (leitor 11); “O livro faz a gente viajar na história, consegui me teletransportar pra história e realmente entender a história do Brasil, como tudo aconteceu, os objetivos lusitanos.” (leitor 21); “Eu gostei do livro porque que ele aborda um assunto que eu já estava saturada de ouvir na escola de uma maneira bem diferente. Admito que até então eu não gostava nem um pouco da parte da história que envolve o Brasil. Porém esse livro me botou como uma espectadora ativa da história, e não apenas como uma leitora de um livro; os detalhes e a escrita simples me prendiam à leitura, e me ajudaram a aprender, facilitaram a minha compreensão (o que muitos professores não conseguiram fazer com esse assunto em especial) desse período histórico tão importante na formação do Brasil. (...)” (leitor 15).

Não nos esqueçamos, porém, que o leitor, ao relatar conseguir se reportar até o passado, corre o risco de levar junto de si valores, sentimentos que são estranhos e até mesmo inconcebíveis para essa outra temporalidade. Isto é, ele

corre o risco de “presentificar” o passado, como vimos no capítulo anterior. Ou seja, Gomes, através dessas estratégias estéticas, demonstra, de fato, despertar a empatia e simpatia dos leitores pelo passado, facilitando, inclusive, a apreensão do conteúdo histórico. No entanto, ao fazer isso sem o devido cuidado e alerta ao leitor, há, junto com isso, uma grande chance de conduzi-lo a perigos como o anacronismo e juízo de valores, que, nas palavras de Marc Bloch, representam “pecados imperdoáveis” para o historiador (BLOCH, 2001, p. 144). Mesmo essa “presentificação” do passado aparentar aproximar, seduzir e agradar o público, ela pode ser perigosa na medida em que, ao fazer o leitor levar para o passado sentimentos e valores próprios do presente, pode contribuir, por exemplo, para a perpetuação de certos estereótipos e na manutenção de alguns preconceitos.

Ao que parece, essas estratégias de descrever detalhadamente situações como o clima, emoções, cenas do cotidiano, as características íntimas e psicológicas dos personagens e etc., aliam-se ao fato de Gomes se apoiar constantemente nas “autoridades historiográficas” e em documentos históricos, revestindo assim o *1808* com uma aparência de neutralidade e legitimidade acadêmica. Cria-se assim uma espécie de “efeito janela”, como já dito no primeiro capítulo, e para o leitor é transmitida a sensação de poder ver e presenciar o passado bem à sua frente, podendo quase tocá-lo. Esse efeito janela pode conduzir rapidamente o leitor a interpretar aquilo que ele pode “ver” como uma “verdade”.

Foi o que pudemos perceber através de algumas afirmações feitas em diferentes momentos pelos leitores (categoria “história do *1808* mais realista/verdadeira”), como, por exemplo, de que o *1808* apresenta uma história mais “realista” ou ainda, mais “verdadeira” do que a da escola, tais como: “Muita coisa que a professora ‘escondeu’ de mim eu aprendi no livro” (leitor 12); “O livro parece que ‘conta a verdade’, a disciplina escolar tende a ocultar algumas coisas.” (leitor 42); “Os fatos apresentam-se de maneira menos tendenciosa que os livros didáticos.” (leitor 46); “Principalmente pela pesquisa histórica que o livro apresenta, reunindo vários autores com abordagens diferentes.” (leitor 51); “Fiquei indignada, enganada. Como o brasileiro vai mudar se nas escolas não falam a verdade sobre o nosso passado... (...).” (leitor 19); “Os livros didáticos não são tão francos quanto a retratação da família real, enquanto o livro *1808* nos relata (talvez até com certo exagero) a preguiça de D. Pedro, a loucura de sua mãe e a promiscuidade de sua esposa.” (leitor 06).

Como pudemos perceber, para algumas dessas pessoas, a maneira como a narrativa é construída, principalmente ao estar constantemente ancorada em referências historiográficas, transmite a impressão de que o *1808* apresenta uma história neutra e verossímil. Curiosamente, das 10 pessoas que fizeram essa relação positiva do *1808* como uma história “verdadeira” ou mais realista (já que 1 delas destacou isso como ponto negativo), 7 ressaltaram como pontos positivos, ou como motivos que os levaram a gostar do *1808* o fato de estarem aprendendo com ele ou ainda de terem a possibilidade de conhecer melhor, ou “o que de fato” aconteceu no passado (categoria “aquisição de conhecimento”), algumas vezes, inclusive, traçando relações entre o passado (que tiveram acesso através da narrativa do *1808*) e o tempo presente. Respostas como: “O modo como foi retratada a vinda da família real, **a verdade escancarada** sobre os integrantes da família real a sua comitiva. (...)” (leitor 06); “O modo como ele é escrito, que dá a capacidade de todo mundo entender, compreender e **saber a fundo o que aconteceu** naquele período.” (leitor 14); “O que me fez gostar foi a forma cômica **e realista** de expor os fatos. Aparentemente sem ilusões românticas e nos fazendo encontrar o mesmo perfil de pessoas e locais ainda hoje no Brasil.” (leitor 07); “O nosso passado não é um conto de fadas. (...)” (leitor 19). [grifos da autora].

Esse é um dos perigos presente no *1808* que, ao supervalorizar os elementos estéticos, acaba, algumas vezes, comprometendo a força argumentativa e a dimensão cognitiva da obra. Quando Laurentino Gomes não deixa claro e acessível ao leitor suas escolhas historiográficas e a crítica ao documento, fica a sensação de que as informações contidas na narrativa são inquestionáveis, afinal, foi o que os historiadores e demais especialistas disseram, ou ainda, foi o que as fontes disseram! Pelo que pudemos observar através de algumas respostas dos questionários, o leitor tem a sensação de estar vendo o passado através de um buraco de fechadura e tendo a possibilidade de finalmente poder descobrir o que aconteceu. Para esses mesmo leitores, a história escolar não parece ser tão verdadeira, talvez pelo fato de justamente não fornecer verdades, já que tende a relativizar mais as fontes e algumas afirmações sobre o passado e trabalhar com um campo de hipóteses e não de certezas.

Esse, inclusive, foi um dos motivos criticados por alguns leitores a respeito do livro. No total 12 pessoas destacaram algum ponto negativo ou de que não gostaram no *1808*, delas, 5 ressaltaram apenas pontos negativos, nenhum positivo

com relação ao livro. Embora entre essas pessoas, muitas tenham elogiado a linguagem utilizada por Laurentino Gomes e até mesmo a maneira como popularizou a história, 7 delas criticaram a falta de aprofundamento crítico ou a maneira como ele demonstra construir “verdades” no livro. Comentários como: “Não tem um aprofundamento crítico dos fatos e suas fontes são de origem duvidosa, como a *Wikipédia*.” (leitor 23); “(...). Para a divulgação da história é super válido, porém não para um estudo mais aprofundado e analítico.” (leitor 20); “(...) a obra deixa transparecer a falta do rigor histórico, compreensível, a partir do momento em que o próprio autor afirma tratar-se de pesquisa jornalística.” (leitor 50); “(...). O Laurentino, ao invés de no mínimo estabelecer pontes com a teoria da História, se fecha em seu papel de jornalista. Os poucos momentos em que ele estabelece diálogo com a História concebendo-a como fonte de dados inquestionáveis. Ele parece dar as costas ao fato de o conhecimento ser uma construção humana, e assim encara as narrativas históricas como uma verdade absoluta. Consequentemente, ele deixa subentendido que o seu livro, *1808*, traz também uma verdade indiscutível; ele vende a impressão de que tudo o que está no livro realmente aconteceu, o que é no mínimo de uma grande mentira.” (leitor 47).

Ou, como ainda ressaltou uma das leitoras a respeito das diferenças entre a história escolar e a história apresentada no *1808*, a qual assinalou como ponto negativo a construção de “verdades”: “Acredito que a história como disciplina escolar ajuda cada estudante a encontrar seus próprios sentidos para as narrativas, a partir do diálogo entre suas experiências (do aluno), os conhecimentos veiculados na aula (fontes, materiais didáticos) e as narrativas, atitudes e tomadas de decisão dos professores. Já no *1808*, sentia que o autor já possuía todas as respostas para a interpretação das fontes e me bastaria aceitá-las. Não havia possibilidade aberta (diretamente, pelo autor) de outras interpretações. (...)” (leitor 04). Ao que parece, alguns desses leitores nos dão alguns indícios de reconhecer que Gomes aparenta reduzir o campo das hipóteses, como afirmamos no capítulo anterior, baseados em Beatriz Sarlo (2007). Com isso, o autor oferece aos leitores mais certezas do que hipóteses, artifício, inclusive, que ajuda a sustentar o interesse dos leitores, produzindo uma nitidez argumentativa e narrativa que falta à história acadêmica (SARLO, 2007, p. 14).

O que chamou nossa atenção foi que das 7 pessoas que estabeleceram esse tipo de crítica, 6 alegaram estar cursando ou terem cursado História na

graduação. Fato curioso, tendo em vista que não havia nenhuma pergunta a respeito da formação ou da área de atuação desses leitores, mas, alguns deles, especialmente os formandos ou formados em História, destacaram isso em algum momento do questionário, ou até mesmo antes de respondê-lo, durante a aplicação do mesmo. Ou seja, dos leitores que criticaram o *1808* pela falta de rigor historiográfico, ou que ajuda a construir e disseminar verdades, apenas 1 não tinha formação na área de História. Isso nos leva a supor que para um leitor leigo, que não é familiarizado com o método, teoria e conceitos próprios da história científica, fica difícil perceber essas questões com relação ao *1808*, no que se refere à crítica às fontes e referências historiográficas, bem como a construção do conhecimento histórico como algo desprovido de certezas absolutas, por exemplo.

Essas questões nos levam a reafirmar que, embora Laurentino Gomes deixe claro que não tem a pretensão de escrever um livro acadêmico e que o *1808* se trata de uma pesquisa jornalística, de um livro-reportagem, o fato é que é ele se propõe a falar sobre história, portanto, ele está sujeito a ser analisado e criticado também pelo ponto de vista, pelos critérios da Ciência da História. Nós, historiadores, reconhecemos positivamente o *1808* como um veículo de popularização do conhecimento histórico, principalmente devido a sua linguagem fluída e atraente e a valorização de elementos estéticos (preocupação que muitas vezes nos falta no meio acadêmico). Ao mesmo tempo, também reconhecemos que esses mesmos elementos, ao serem supervalorizados em determinados momentos acabam afetando a dimensão cognitiva da obra, acarretando em alguns problemas como os que pontuamos ao longo desta dissertação, com base na análise do livro, bem como na opinião de alguns leitores.

2.4 COMO E POR QUE CONFIAR NO *1808*: A DIMENSÃO COGNITIVA A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS LEITORES.

Como vimos, a dimensão cognitiva da cultura histórica se refere aos argumentos racionais que garantem validade ao conhecimento histórico. Como Rüsen afirma “se trata del principio de coherencia de contenido, que se refiere a la fiabilidad de la experiencia histórica y al alcance de las normas que se utilizan para su interpretación” (RUSEN, 1994, p. 20). Vimos também que, embora não se refira apenas ao conhecimento histórico científico, a Ciência Histórica tem um peso muito

grande nessa dimensão, já que é como se ela tensionasse as demais produções históricas de acordo com a sua regulação metodológica das atividades da consciência histórica.

No primeiro capítulo buscamos analisar, dentre outras coisas, como o livro *1808* se relaciona com a Ciência da História e de que forma ele constrói e valida o conhecimento histórico presente em sua narrativa. Neste capítulo, procuraremos identificar e analisar de que forma, ou os motivos pelos quais o leitor do *1808* mede/avalia a confiabilidade com relação ao seu conteúdo histórico. Para isso, elaboramos três questões com o intuito de entender, primeiramente, o que o leitor entende por história e quais as formas em que a história aparece em que ele mais confia para, por fim, comparar essas questões com os motivos que o levaram a achar, ou não, o *1808* confiável.

Desta forma, as questões selecionadas para analisarmos essa confiabilidade ficaram da seguinte forma: “7- O que é história pra você?”, “11- Quais as formas em que a história aparece em que você mais confia? (pelo professor, livros escolares, livros de história, documentos e outros vestígios, romances históricos, museus, novelas, documentários, filmes, páginas da internet, dentre outros)”³³ e “15- Você acha que a história apresentada pelo livro *1808* é confiável? Por quê?”. Da mesma forma como as questões anteriores, que se referiam à dimensão estética, aqui também agrupamos as respostas de acordo com as semelhanças entre elas, com a diferença de que cada uma foi vinculada a apenas uma categoria.

Sobre a definição de história pelos leitores, dos 55 questionários, apenas 3 foram considerados inclassificáveis, ou por não terem respondido a questão, ou pela incompreensão das respostas. As categorias ficaram organizadas da seguinte forma:

Quadro 3 - Categorias para as narrativas dos participantes referentes ao aspecto cognitivo da história no *1808*

Categoria	Principais características	Número de respostas
Passado – Presente	Leitores que estabeleceram relações entre o passado e o presente. Para eles, o presente é mais bem	19

³³ Essa questão foi inspirada na questão 4 do questionário de estudantes do projeto “Jovens e a História no MERCOSUL”. O projeto é “um levantamento sobre a consciência histórica, cultura política e percepções da aprendizagem escolar de História de jovens entre 15 e 16 anos na América do Sul”. Para saber mais, ver: <http://gedhiblog.blogspot.com.br/p/jovens-e-historia-no-mercosul.html>. Acesso em: [19 abr. 2016].

	compreendido através do conhecimento do passado.	
Passado	Esta categoria reuniu respostas que relacionavam a história ao conjunto de fatos que aconteceram e ficaram no passado. A história é o passado.	14
Homens no tempo	Leitores que definiram a história como a relação dos homens no tempo. Demonstrando reconhecer uma relação entre os três tempos: passado-presente-futuro.	13
Ciência	Leitores que destacaram o papel da Ciência da História, exploraram a questão da construção do conhecimento histórico, relação com método, teoria, contextos, etc.	06

Fonte: A autora, 2016.

Com relação à confiança dos leitores pelo *1808*, as respostas ficaram organizadas em 4 categorias, sendo que apenas 4 respostas foram consideradas inclassificáveis, pelos mesmos motivos anteriormente citados:

Quadro 4 - Categorias sobre a confiabilidade do *1808*

Categoria	Principais características	Número de respostas
Confiável, pois possui referências.	Leitores que consideram o livro confiável, principalmente pelo fato do autor ter pesquisado e se embasado em outras fontes.	17
Confiável, mas com algumas ponderações.	Leitores que consideraram o livro confiável, mas estabeleceram algumas ressalvas, relativizando algumas vezes a possibilidade de um conhecimento plenamente confiável.	14
Não/não muito confiável.	Leitores que consideraram o <i>1808</i> não confiável ou não muito confiável.	13
Confiável, pois condiz com o que já sabia.	Leitores que consideraram o livro confiável porque apresentava um conhecimento semelhante com aquilo que já sabiam ou já tinham ouvido a respeito.	07

Fonte: A autora, 2016.

Devido à quantidade e diversidade, não foi possível organizarmos em categorias as respostas da questão que se refere às formas em que a história aparece em que o leitor mais confia, mas, medimos a frequência de aparições dos diferentes formatos de história citados pelos leitores. Para isso, tomamos como base as opções de fontes históricas que havíamos colocado como exemplos no enunciado (“professor, livros escolares, livros de história, documentos e outros vestígios, romances históricos, museus, novelas, documentários, filmes, páginas da internet, dentre outros”), tendo em vista que a maioria dos leitores acabou se espelhando nesses formatos para responder a questão. A frequência que apareceram nos questionários ficou da seguinte forma:

Quadro 5 - Formatos da história em que os leitores mais confiam

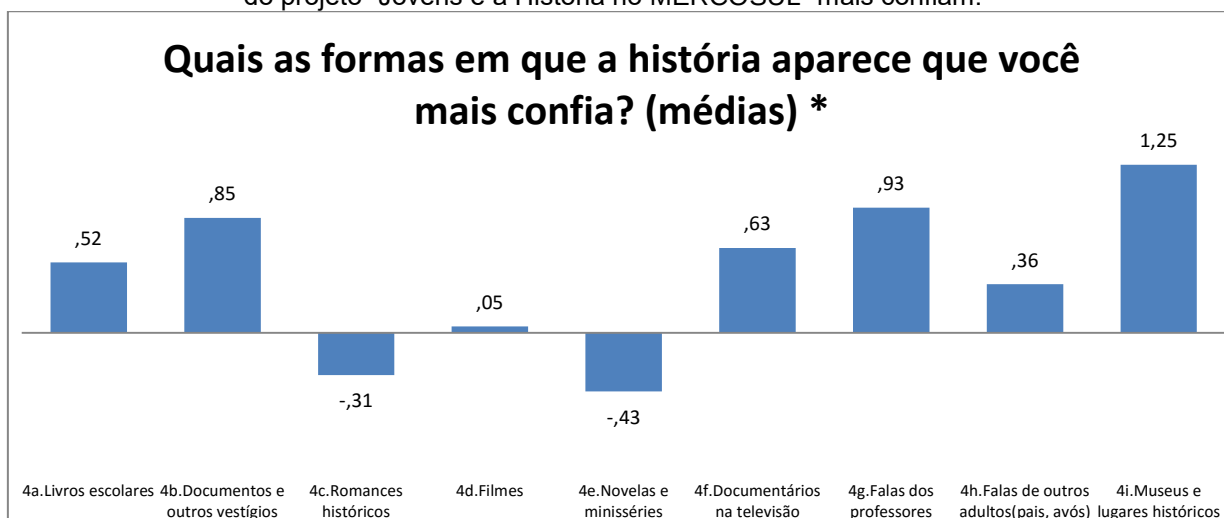
Formato da história	Frequência
Livros (de História e/ou escolares)	31
Professores	16
Documentos e outros vestígios	20
Documentários	12
Museus	11
Historiadores ou obras acadêmicas/de cunho científico	09
Romances históricos	04
Relatos de pessoas	03
Outros (formatos que foram citados somente 1 ou 2 vezes)	09

Fonte: A autora, 2016.

A opção “outros” reúne diferentes formatos do conhecimento histórico que foram citados apenas uma ou duas vezes, como filmes, páginas da internet, biografias, documentos oficiais, fotografias, entre outros. Percebemos que dos 55 respondentes, 32 citaram pelo menos um formato em que a história aparece e em que mais confiam. 16 pessoas também citaram pelo menos um formato de história, porém, salientaram algumas observações e/ou relativizaram a relação das fontes com a credibilidade de seu conteúdo. 6 pessoas não citaram nenhum formato, apenas relativizaram ou fizeram algum tipo de ressalva à confiabilidade das fontes históricas, como veremos adiante. Para esta questão, apenas 1 das respostas foi considerada inclassificável, tendo em vista que uma das leitoras acabou não respondendo à pergunta.

É interessante notarmos que, de acordo com o gráfico abaixo, é possível perceber que, apesar de algumas diferenças, o resultado geral é consistente com aquele encontrado em 2013 na pesquisa Jovens e a História no Mercosul, na qual esta questão foi inspirada.

Gráfico 7 - As formas em que a história aparece e que os estudantes respondentes do questionário do projeto “Jovens e a História no MERCOSUL” mais confiam.



* Número de depoentes – 2420 estudantes brasileiros entre 15 e 16 anos em 22 cidades das 5 regiões do Brasil. Médias dentro da escala Likert de -2 (confio muito pouco) até 2 (confio muito).

Fonte: dados do projeto “Jovens e a História no MERCOSUL”. 2013.

2.4.1 Concepções de história, definições e critérios.

Através destas respostas pudemos perceber que, de fato, a Ciência Histórica joga um peso muito grande com relação à validade dos argumentos históricos, tendo em vista que muitos dos respondentes, além de se espelharem nas discussões trazidas pela disciplina escolar para definir o que é história, também destacaram os professores e livros de história e/ou livros escolares como algumas das fontes mais seguras/ confiáveis (juntos, esses elementos apareceram 47 vezes). Além disso, alguns leitores demonstraram se balizar na Ciência Histórica para julgarem a confiabilidade do livro, já que muitos justificaram o *1808* como confiável com o argumento de que ele é resultado de anos de pesquisa, estando embasado em outros estudos e fontes. Em contrapartida, houve também quem tenha criticado a confiabilidade do *1808* justamente pelo fato de ter sido escrito por um não historiador e, por isso, não demonstrar ter a mesma preocupação teórico-metodológica que os acadêmicos, como veremos adiante.

Com relação às definições de história pelos leitores, identificamos que a maioria deles dividiu-se, sobretudo, em duas grandes categorias: aqueles que definiram a história como “o passado” (categoria “passado”), e aqueles que definiram a história destacando as relações entre passado e presente (categoria “passado-presente”). No total, 19 leitores afirmaram que o presente pode ser mais bem compreendido através do recurso à sua história, como pudemos ver através de

respostas, como: [A História é] “Uma forma de compreender o funcionamento do mundo.” (leitor 15); “A ciência que estuda o passado, é muito importante ter esse conhecimento para entendermos melhor o presente.” (leitor 49); “(...) se você não sabe do passado, você também não compreende o que acontece nos dias de hoje, (...)” (leitor 12); “É a melhor forma de entender o que passamos hoje, visto que vivemos o reflexo e consequência da ação do homem na terra.” (leitor 03). Ou seja, ao que parece, para esses leitores, a história não se ocupa em estudar apenas o passado pelo passado. Mas, é através do conhecimento histórico que nos é possível encontrar respostas e indícios que nos possibilitem entender melhor determinados fatos e relações no presente.

Esse conjunto de respostas tem uma relação muito próxima com os argumentos reunidos na categoria “Homens no tempo”, em que 13 leitores definiram a história como a “ciência dos homens no tempo”. Desses 13 leitores, alguns demonstraram apresentar a expressão “ciência dos homens no tempo” como uma espécie de “frase pronta”, visto a semelhança entre as respostas, como, por exemplo: “É o estudo das relações e ações dos homens no tempo.” (leitor 02); “O estudo dos homens e sociedades no tempo” (leitor 10); “É uma ciência social que estuda o desenvolvimento do homem do tempo através de pesquisas e investigações de fontes materiais e artísticas. (aprendi na escola).” (leitor 41). Mas também encontramos respostas como: “É um movimento dinâmico, onde humanos e não humanos relacionam-se no tempo e no espaço, um conhecimento sobre esse processo sempre em construção.” (leitor 48); “A História para mim é uma narrativa cambiante e problemática fundamentada em modelos de percepção e significação do tempo que abarcam inter-relações temporais entre passado, presente e futuro - e que busca sanar as necessidades de orientação temporal e espacial das pessoas.” (leitor 47).

Ainda que encontremos diferentes níveis de argumentação, essas respostas se unem ao demonstrarem compreender a história como um processo contínuo de mudanças, além de também evidenciarem perceber as relações temporais entre passado-presente, ou ainda, passado-presente-futuro. Ao definirem a história como “ciência dos homens no tempo”, esses leitores, ainda que alguns deles não saibam, estão fazendo uma alusão direta às ideias do historiador Marc Bloch, autor da frase acima. Um dos integrantes da Primeira Geração dos *Annales* - movimento que contribuiu para a ampliação da noção de fontes históricas e de defender a

aproximação da História com outras ciências - Bloch, ao proferir essa frase, defendia a ideia de que a história é feita a partir dos anseios e questões do presente, e que o conhecimento do passado é necessário para a compreensão do mais recente (BLOCH, 2001, p. 55-56). Assim como Bloch, esses leitores (categoria “homens no tempo”), como também aqueles que foram reunidos na categoria “passado-presente”, parecem se desvincularem da ideia de que a história é exclusivamente uma ciência do passado.

Apesar de todas as mudanças trazidas, sobretudo a partir do movimento dos *Annales*, essa noção, com influência da historiografia do século XIX, criticada por Bloch, de que a história é a ciência do passado e de que é possível resgatarmos através dos documentos o passado tal como aconteceu, parece ter deixado alguns vestígios. Como pudemos ver nas respostas reunidas na categoria “passado” (segunda categoria mais numerosa, com um total de 14 pessoas), muitos leitores definiram basicamente a história como: “tudo aquilo que aconteceu no passado” (leitor 29); “o conteúdo referente ao passado do mundo” (leitor 06); “o resgate do passado” (leitor 38). Nenhuma dessas 14 pessoas registrou de forma explícita as relações entre passado e presente, pelo menos não neste momento em que eram convidadas a definir o que é história. Dessas 14 pessoas, a maioria afirmou achar a história apresentada pelo *1808* confiável e citou os livros de história juntamente com os documentos e outros vestígios como fontes mais seguras da história.

No entanto, percebemos que nem todas elas parecem acreditar que é possível resgatar esse passado “tal como aconteceu”. Algumas dessas pessoas, ainda que poucas, explicitaram que a história é feita sobre a ótica de alguém e que as fontes históricas ou que o próprio livro *1808* não é totalmente confiável. Ao compararmos essas respostas com aquelas que vimos anteriormente, ao discutirmos sobre a dimensão estética, sobre as pessoas que afirmaram que o livro *1808* apresenta uma história mais realista ou ainda, mais verdadeira que a história escolar, percebemos que apenas 3 delas se enquadram nessa categoria que definiram a história como o passado, e dessas 3 pessoas, 2 ainda relativizaram as fontes, afirmando, por exemplo, que: “Acredito que todas elas tem um fundo de verdade, basta saber filtrar a obra para retirar o que é verídico. (...)” (leitor 06); “Não confio totalmente em uma via de informação, apenas vou juntando informações que tive acerca de um mesmo assunto e vou construindo meu pensamento. Em geral,

dou bastante credibilidade a alguns professores que conheci (...). Mas não tomo como verdade absoluta, penas uma parte de uma visão sobre o todo.” (leitor 09).

Ou seja, embora essas 14 pessoas tenham definido a história como uma ciência que estuda tudo aquilo que aconteceu no passado, não significa que elas acreditem cegamente nas fontes, ou ainda que através dessas fontes seja possível reconstruir o passado “tal como aconteceu”. Lembrando, por exemplo, que a questão que se referia à credibilidade das diferentes formas em que a história aparece pedia apenas para o leitor enumerar as que ele julgava mais confiáveis, ou no caso do 1808, os motivos que o levou, ou não, a julgá-lo crível. Relativizar a relação entre as fontes como construção humana e a validade, confiança do conteúdo histórico não era o que estava sendo questionado no enunciado da pergunta, mesmo assim, percebemos que alguns leitores sentiram a necessidade de fazê-lo.

Verificamos através dos questionários que, de uma maneira geral, as pessoas que definiram a história estabelecendo relações entre passado e presente, tenderam a relativizar ou desconfiar mais das fontes históricas. Das 22 pessoas que fizeram algum tipo de ressalva com relação à credibilidade das fontes, 18 se encaixam em alguma das categorias que demonstraram perceber a história, dentre outras coisas, como um processo de permanências e rupturas, como uma ciência que parte dos anseios do presente para entendê-lo melhor através do conhecimento do passado: categoria “passado-presente”, “homens no tempo” e “ciência”. Muitos desses leitores demonstraram uma desconfiança com relação à confiabilidade das fontes históricas, ou ainda demonstraram perceber que o conhecimento histórico é produzido em um determinado contexto a partir da visão de alguém, e as fontes nada mais são que construções humanas no tempo, portanto, não podem ser percebidas como portadoras da verdade absoluta, mas apenas como uma visão de um determinado acontecimento.

Para alguns leitores é necessário, portanto, confiar e desconfiar das informações fornecidas através das fontes, olhá-las criticamente, filtrá-las e compará-las com outras fontes para então poder tirar alguma conclusão. Segundo algumas afirmações feitas nesse sentido, como, por exemplo: “(...) tudo pode ser confiável e desconfiável ao mesmo tempo, o que fará a diferença será o olhar que lançaremos a essa forma de história que nos é mostrada, (...). Tudo deve passar pelo processo de crítica e análise. (...)” (leitor 40); “(...) Qualquer das fontes pode ser

confiável ou não, só acho válido uma análise crítica de tudo que se lê e ouve. (...).” (leitor 13); “(...), cada um tem uma visão, mas acho que a História nada mais é que você escutar vários lados, ir se informar e construir seu próprio ponto de vista, (...)” (leitor 17); “(...) Livros não são totalmente confiáveis, tem de saber quem é o autor, sua formação e qual sua ideologia. Documentários, idem. E internet é temerária. Mas, eu leio ‘de um tudo’. E depois faço uma crítica e tiro minhas conclusões.” (leitor 34).

Logo abaixo conseguimos visualizar essas diferenças. No quadro 6 especificamos quantos dos leitores de cada uma das categorias (que se referem às diferentes definições que esses leitores fizeram da história) relativizaram ou fizeram alguma ressalva quanto à credibilidade das fontes históricas e do 1808. Lembrando que apesar de algumas diferenças, as categorias “passado-presente”, “homens no tempo” e “ciência” se aproximam na maneira como entendem a história, já que, dentre outras coisas, os três reúnem respostas que demonstram reconhecer a funcionalidade do conhecimento histórico para o tempo presente:

Quadro 6 - Relação de confiabilidade nas fontes históricas e no 1808 por leitores de cada categoria de análise

Categorias	Nº total de pessoas	Nº de pessoas que relativizaram ou mostraram alguma desconfiança com relação às fontes históricas	Nº de pessoas que relativizaram, fizeram alguma ressalva ou demonstraram não confiar no 1808
Passado-presente	19	09	09
Passado	14	04	03
Homens no tempo	13	04	07
Ciência	06	05	06
Respostas inclassificáveis, que não foram vinculadas a nenhuma das categorias acima.	03	-	02

Fonte: A autora

Segundo esses dados, ao que tudo indica, as pessoas de nossa amostra que entendem a história como uma ciência que se dedica estudar os seres humanos no tempo e que nos ajuda a compreender melhor o tempo presente tendem a duvidar mais, ou a relativizar mais as fontes históricas, pois parecem as entender como uma construção humana em um determinado tempo e espaço, reconhecendo

assim a impossibilidade de serem neutras e de ser possível resgatar o “verdadeiro” passado através delas (categoria “passado-presente”, “homens no tempo” e “ciência”). Já a maior parte daqueles leitores que definiram a história como “o passado”, ou a ciência que se ocupa em estudar tudo aquilo que já aconteceu, tendeu a apenas citar as fontes que julgavam mais confiáveis, sem estabelecer ressalvas ou explicitar algum tipo de desconfiança com relação a elas (categoria “passado”). Como dito anteriormente, como estamos limitados às informações obtidas nos questionários, portanto, não significa que isso seja uma regra, ou ainda que esses leitores que associam a história ao passado acreditem piamente nas fontes e/ou que acreditem que seja possível resgatar o passado tal como aconteceu.

Ainda com relação à questão 11, que se refere às formas em que a história aparece em que o leitor mais confia, também consideramos a hipótese de que alguns leitores tenham se referido às formas em que a história aparece em que eles mais gostam e não necessariamente que mais confiam. Observamos que alguns leitores chegaram a dar ênfase que preferem umas fontes a outras porque gostam mais delas, mas não que sejam totalmente confiáveis, como, por exemplo: “(...), os filmes me chamam muito a atenção também, mas nem sempre são fiéis.” (leitor 21); “(...). Então gosto e me deixo seduzir por romances históricos. Quando vou ler um romance histórico, e vejo que o autor é gabaritado, acabo confiando mais nesse tipo de livro, mas sempre considerando que é uma ficção qual o autor fez um trabalho de pesquisa historiográfica, obviamente. Mas não só. A literatura tem muito a dizer. Mas é preciso tomar cuidado com a ficção, (...)” (leitor 08); “Acho que todos esses meios são importantes, mas como pesquisadora de ficção, costumo voltar-me mais frequentemente para os textos literários e audiovisuais, (...)” (leitor 31).

Assim como esses leitores demonstraram ressaltar suas preferências com relação ao gosto, também não descartamos a hipótese de outros o terem feito. Mas, de uma maneira geral, para a maior parte dos leitores, as formas em que a história aparece em que eles mais confiam são os livros, reunindo um total de 31 aparições. Dessas 31, 16 foram especificadas como “livros de história” e 5 como “livros escolares”, as demais, foram citadas genericamente como apenas “livros”. Embora não estejam especificados pelos leitores, pressupomos que não se tratam apenas de livros escritos por historiadores, mas, de qualquer livro que trate sobre história. Tendo em vista também os exemplos de leituras pontuadas por eles no questionário

que, como pudemos ver, entre os mais citados pelos leitores estão os livros de divulgação científica.

Os documentos e outros vestígios aparecem 20 vezes, sendo a segunda fonte mais citada pelos leitores. Curiosamente, 1 dos leitores, ao citar essas fontes, seguramente afirmou: “eu confio mais em documentos e vestígios. Afinal, contra fatos não há argumentos”. Pode ser que, para esse leitor, os documentos e outros vestígios transmitam a ideia de que o conhecimento está “cru” na fonte, livre de interpretações posteriores por se tratarem de documentos produzidos na época em questão. Embora se trate apenas de 1 dos 55 leitores, tal comentário nos aponta algumas questões, as quais não são possíveis responder através das informações obtidas neste questionário, mas que nos convidam a refletir: o que esses leitores entendem por “documentos e outros vestígios”? Quantos desses leitores recorrem diretamente aos documentos e vestígios quando querem saber sobre algum fato histórico? Ou será que esse é um critério adotado por eles para medir a confiabilidade de uma narrativa, ou seja, o conhecimento disponível é confiável porque demonstra se apoiar em documentos e vestígios?

A terceira fonte mais citada pelos leitores são os professores. Curiosamente foi a fonte que apareceu com maior número de contradições, isto é, ora eles aparecem como fontes extremamente seguras, ora aparecem como fontes um tanto quanto duvidosas. Comentários como: “Seria por professores, mas como não tenho mais contato com professores de história, acredito que por documentários.” (leitor 42); “Acredito que a mais confiável seja primeiramente pelo professor, depois livros e documento.” (leitor 02); “(...), porém, o professor certamente quando nos apresenta dados confiáveis, a palavra dele se torna lei.” (leitor 45); “(...). Professores que tenham estudado história, bem entendido!” (leitor 04); “Os professores passam a historia segundo sua visão. É o que acontece hoje, quem está no poder faz a sua cartilha e teremos uma juventude aprendendo dessa maneira. Tive um professor que na época da ditadura vivíamos numa DEMOCRACIA CONTROLADA. Não podia dizer que vivíamos numa ditadura. Os documentos são mais confiáveis.” (leitor 18). Enquanto alguns leitores demonstraram reconhecer na imagem do professor uma fonte inquestionável, enquanto “difusor” da Ciência Histórica. Outros o afirmaram como alguém passível de erros, questionando a confiabilidade do conhecimento transmitido por ele, a qual depende de sua formação e do contexto político em que leciona, por exemplo.

Outros formatos que foram citados pelos leitores de forma expressiva foram os museus (11 pessoas) e documentários (12 pessoas). É interessante observarmos que esses espaços se legitimam como discursos de verdade: os museus relacionados a peças da cultura material, a versão tridimensional do documento histórico, e socialmente reconhecida como guardador do passado. Os documentários, idem, pelo efeito de realidade das imagens de época e que, muitas vezes, estão associadas a um narrador que assume uma postura “neutra” e, aparentemente, baseada em argumentos científicos.

Houve pessoas que ressaltaram que é possível aprender história a partir de todas as fontes citadas no enunciado da questão, e que elas podem ser consideradas confiáveis na medida em que são filtradas e analisadas criticamente. No entanto, alguns leitores que usaram esse tipo de argumento, afirmaram que, apesar disso, as fontes acadêmicas são, para eles, as mais confiáveis. Ao todo, encontramos 9 referências à historiadores, pesquisas e artigos científicos, livros e demais obras acadêmicas. Essas fontes foram citadas por 9 pessoas diferentes, sendo que 3 dessas pessoas também estão vinculadas ao categoria “Ciência”, o qual reúne leitores que definem a história sob o ponto de vista das preocupações teórico-metodológicas da ciência. Segundo esses leitores, a história é: “(...) uma ciência preocupada em construir narrativas com pretensão de verdade, a partir de carências de orientação do presente, com o objetivo de lançar luzes a processos identitários ou para a constituição de projetos de futuro. (...)” (leitor 04); “(...) é o estudo do passado a partir do enfoque de correntes de pensamento. Ela esta ligada a formação do historiador. É essa formação que vai determinar escolhas, modos de fazer. (...)” (leitor 50); “(...) é um campo de construção do conhecimento histórico científico, fundamentada teórica e metodologicamente em critérios próprios e com diversas fontes e abordagens de estudo, (...)” (leitor 28).

De acordo com esses leitores, são essas preocupações da história acadêmica que faz com que suas produções sejam mais confiáveis, tendo em vista que ela tende a explicitar mais seus objetivos, referências teóricas, metodológicas, conceituais que todas as demais formas de produção do conhecimento histórico. Também boa parte (6 pessoas) desses 09 leitores que consideraram as produções acadêmicas de história como fontes mais confiáveis, fez algumas ressalvas quanto à confiabilidade do *1808*. Entre eles, alguns apontaram que o fato de Laurentino Gomes ser um jornalista, faz com que o livro *1808* evidencie uma falta de

preocupação teórico-metodológica, o que faz dele uma produção não ou não muito confiável de História. Mas também houve alguns leitores que afirmaram ser possível confiar no *1808* na medida em que ele demonstra estar embasado em outras pesquisas e fontes históricas, mas ressaltam que devemos ter cautela já que seu conteúdo pode estar comprometido devido a forte e evidente preocupação do autor em usar determinados artifícios para cativar o leitor.

Inclusive, de modo geral, esses foram os principais argumentos utilizados pela maioria de todos os leitores que afirmaram que não confiam ou que confiam em partes no *1808* (categoria “Confiável, mas com algumas ponderações” e “Não/não muito confiável”). Para muitos deles, o principal motivo para desconfiarmos da confiabilidade do livro é justamente o fato de lhe faltar rigor teórico metodológico, ou dele ter sido escrito por um jornalista. Segundo alguns desses leitores: “(...), trata-se de um livro de história comercial, direcionado ao público leigo, sem embasamento teórico, metodológico e documental. (...)” (leitor 28); “O autor é um jornalista, o que já é um fato para questionarmos a confiabilidade da história. (...)” (leitor 11); “(...). Um livro de história que enquanto foi escrito o autor se preocupou mais em ser lido, do que construir uma narrativa histórica calcada em métodos científicos, deve ser no mínimo questionável. (...)” (leitor 47).

Percebemos que para alguns deles, a falta de preocupações teórico-metodológicas também está associado ao fato do *1808* ser considerado um produto da indústria cultural, ou seja, de transformar a narrativa jornalística em um produto vendável e, para atrair leitores, se preocupar em demasia com artifícios estéticos, como narrativa fluída e engraçada. Alguns leitores afirmaram que embora considerem o livro confiável na medida em que demonstra ter embasamento em pesquisas e fontes, essa preocupação com elementos estéticos para tornar a narrativa atraente pode comprometer em alguns momentos a validade de sua argumentação, do conteúdo histórico. De acordo com algumas respostas: “(...) mesmo achando que livros de história confiáveis podem ter anedotas, julguei o conteúdo histórico dele não-muito-confiável e pouco profundo, e acho que o livro ser um best-seller propagandeado DEMAIS só piorou isso.” (leitor 01); “(...). Creio que haja toques de exagero de criatividade para tornar a leitura interessante, (...)” (leitor 09); “Creio que tem alguma ficção, mas no geral é crível. (...)” (leitor 34); “Eu acredito que sim, ela é confiável. Mas não duvido que tenha partes exageradas ou

maquiadas. Afinal, é o que a comunicação de massa faz, usa seu poder para manipular determinada situação.” (leitor 06).

Já no que diz respeito aos principais motivos que levaram os leitores a considerarem confiável a história apresentada no livro *1808*, está o fato de Gomes demonstrar estar apoiado em outros autores, pesquisas e fontes, que, como vimos no primeiro capítulo, é algo constante em toda a narrativa. Isso, tanto para aqueles leitores que só pontuaram motivos pelos quais consideram o livro confiável (categoria “confiável, pois possui referências”), quanto para aqueles leitores que, além de considerarem motivos que o tornam confiável, também pontuaram algumas razões que acreditam tornar seu conteúdo histórico suspeito/ questionável (categoria “Confiável, mas com algumas ponderações.”). Segundo alguns desses leitores: “A confiabilidade da obra está na sua extensa bibliografia.” (leitor 05); “(...) ele apresenta dados históricos, ele faz pesquisas para mostrar as informações, tem detalhes de jornais da época, cartas, etc.” (leitor 39); “(...) pois o Laurentino traz inúmeras referências de onde ele tirou as informações.” (leitor 03). São vários os exemplos em que esses leitores demonstram confiar no conteúdo do *1808*, alegando que Laurentino Gomes se apoia em inúmeras referências bibliográficas, cartas e outros documentos da época, inclusive que ele visitou, foi até alguns lugares em que descreve no livro, etc.

Além desses, outro fator considerado por alguns leitores é o tempo de pesquisa que Gomes levou para elaborar o livro, conforme ele mesmo assinala na introdução do *1808*. Muitos leitores deram repostas semelhante à dessa leitora que afirma que considera o livro confiável porque: “pelo que li, Laurentino Gomes fez pesquisas durante cerca de 10 anos para publicar seus livros.” (leitor 25). No entanto, cabe ressaltar que, como vimos no capítulo anterior, Gomes praticamente não vai diretamente até as fontes primárias, aquelas que são citadas por ele são retiradas de interpretações de outros livros. Além disso, também percebemos que ele utiliza as referências bibliográficas para fortalecer e dar validade à sua argumentação, mas que não especifica aos leitores suas diferenças, recortes e escolhas historiográficas.

Houve também alguns leitores que julgaram o livro confiável alegando que o conhecimento transmitido pelo *1808* conferia com aquilo que eles já conheciam sobre o assunto (categoria “confiável, pois condiz com que já sabia”). Esses leitores afirmaram, por exemplo, que o *1808*: “é confiável por apresentar uma história que

bate com meu conhecimento, veio acrescentar, somar.” (leitor 24); “(...) já havia ouvido tais relatos de professores e até mesmo visto em outros livros.” (leitor 30); “confio bastante, pois já conhecia parte da história apresentada e a bibliografia que embasou o livro, (ao que eu soube) é bastante fiel aos fatos.” (leitor 22); “(...) Pois tudo o que eu leio é sempre confirmado pelo professor Henrique” (leitor 12). Ou seja, para eles, o livro é confiável porque traz um conteúdo semelhante, ou ao menos não muito destoante, àquele que tiveram acesso na escola ou ainda, que conheciam através de outros meios midiáticos (principalmente através da minissérie *O Quinto dos Infernos* e do filme *Carlota Joaquina*, que, como vimos, o *1808* relata os personagens de forma caricata muito semelhante ao dessas mídias). Como já tínhamos visto no capítulo anterior, o *1808* de fato, não traz nada de novo com relação ao conteúdo referente ao episódio de transferência da corte portuguesa ao Brasil, mas os apresenta de uma forma muito atraente, além disso, funciona de modo associado com o que se conhece em termos de ensino escolar e de cultura de massas, de modo que estabelece uma relação de familiaridade, que vai melhor com a credibilidade que o estranhamento.

Como observamos, a maioria dos leitores citou os livros, documentos e outros vestígios e professores como os formatos em que a história aparece em que mais confiam. Ao que parece, de acordo com grande parte dos leitores, essas também são algumas das fontes que fazem com que eles julguem a história apresentada no *1808* confiável, ou seja, a presença constante de referenciais historiográficos e de alguns documentos históricos, assim como um conteúdo próximo daquilo que foi transmitido pelo professor de história. Igualmente a maneira como os leitores demonstram entender a história, também interfere, em alguns momentos, no modo com que eles se relacionam com o conteúdo histórico presente nos diferentes tipos de fontes, assim como no *1808*. Ao exemplo do caso dos leitores que definiram a história como uma ciência preocupada em reconstruir o passado a partir do presente, por meio de preocupações teóricas e metodológicas; muitas delas também fizeram algumas ressalvas com relação ao *1808*, destacando a necessidade de filtrar seu conteúdo e olhá-lo criticamente.

Embora nem todos os leitores tenham mencionado a história acadêmica para elaborar suas respostas, percebemos que, como foi dito anteriormente, ela serve muitas vezes, como um parâmetro para esses leitores na hora de julgar a credibilidade do *1808*. No entanto, como muitos desses leitores não possuem

formação específica em História, eles se atentam ao fato de Laurentino Gomes explorar e citar constantemente referências historiográficas e demais documentos da época para considerar o livro crível. Mas, como inclusive foi reconhecido por um dos respondentes, a tarefa de olhar criticamente e analisar as fontes e as referências historiográficas, conseguindo filtrar aquilo que é conhecimento histórico e aquilo que é ficção, romance, pode ser uma tarefa muito mais difícil e complicada para um leitor leigo no assunto.

2.5 UTILIDADE(S) DO *1808* PARA OS LEITORES: A DIMENSÃO POLÍTICA.

Como vimos, de acordo com Rüsen (1994), a dimensão política da cultura histórica consiste em que qualquer forma de domínio político, não necessariamente institucional, necessita do assentimento dos indivíduos, e que para isso a memória histórica joga um peso importante. Segundo Rüsen a dominação política busca legitimidade através do conhecimento histórico, isto se evidencia, por exemplo, nas festas nacionais, “que generalmente deben recordar el origen de la comunidad política, de tal manera que muestren una obligación normativa inicialmente establecida como duradera. La rememoración histórica tiene una función genuinamente política de legitimación.” (RUSEN, 1994, p. 18).

Com relação à dimensão política do *1808*, procuramos investigar, dentre outras coisas, as formas com que o livro relaciona passado e presente e, com isso, se e como ele possibilita vislumbrar uma perspectiva futura para o presente. Para tanto, buscamos investigar através dos questionários a opinião dos leitores quanto à eficácia do conhecimento histórico para a vida prática, ou seja, se consideram útil para o presente conhecer sobre história. Em seguida, a mesma coisa para o conhecimento disponível no *1808*, isto é, se a leitura teve alguma utilidade para suas vidas, fez alguma diferença na maneira como enxergam e interpretam o presente. As questões selecionadas para isso foram: “12- Você acha que conhecer sobre história tem alguma utilidade, faz alguma diferença para sua vida? Por quê?” e “16- O livro fez alguma diferença, trouxe alguma lição para sua vida?”.

As respostas foram organizadas em 10 categorias, algumas delas com características muito próximas, como é possível ver nos quadros abaixo. Em ambas as questões, houve um número considerável de respostas que foram julgadas inclassificáveis, ou seja, as quais não foram possíveis serem categorizadas. Na

questão 12, por exemplo, 5 pessoas argumentaram de forma abrangente que “todo conhecimento é útil” (leitor 19), ou ainda que “é de extrema importância ter conhecimento sobre os nossos antepassados” (leitor 27), porém, não explicaram porque pensam isso. Além disso, percebemos que 3 pessoas responderam essa questão se referindo especificamente ao *1808* e a utilidade do conhecimento histórico possível através dele, quando essa questão se referia especificamente à história de uma maneira mais abrangente.

Ainda sobre a questão 12, todos os leitores afirmaram que a história é importante e, de alguma forma, útil para a vida prática, mesmo aqueles que não foram organizados em categorias responderam afirmativamente à questão. As categorias ficaram organizadas da seguinte forma:

Quadro 7 - Categorias sobre a utilidade da história para a vida prática dos leitores

Categoria	Principais características	Número de leitores
Compreender melhor o presente.	A história é útil na medida em que é possível compreender melhor o presente através do conhecimento do passado.	13
Ser mais crítico e agir no presente.	A história serve para dar uma visão mais crítica, transformar e agir no presente.	13
Aprender com o passado.	A história nos ensina a não cometer os mesmos erros, ou, ainda, nos possibilita “prever” o futuro.	10
Identities.	O conhecimento histórico nos ajuda a responder os anseios relacionados às nossas identidades, como, por exemplo, a entender “quem sou eu”.	05
Pessoal/profissão.	Respostas de cunho mais pessoal e específico. O conhecimento histórico é necessário para desempenhar melhor minha profissão.	04

Fonte: A autora, 2016.

Já sobre o livro *1808*, muitas pessoas responderam que ele não trouxe propriamente utilidade ou lição para suas vidas, mas citaram algumas características e elementos que consideraram ter sido possível captar através de sua leitura. Como na questão anterior, aqui também algumas respostas não foram organizadas em categorias devido ou a especificidade dos argumentos, ou ainda, à falta de explicação dos leitores que nos permitissem compreender por que ele considerou ou

não o livro útil para sua vida. Assim, as categorias relacionadas à questão 16 ficaram organizadas da seguinte forma:

Quadro 8 - Categorias sobre a utilidade do conhecimento histórico disponível no 1808 para a vida prática dos leitores

Categorias	Características das respostas	Número de leitores
Formato diferente de história	Pude ver uma forma diferente de contar a história, no que se refere ao estilo narrativo do texto.	14
Aprender/ conhecer mais	Pude conhecer mais sobre história	12
Justificar/ compreender melhor o Brasil	Explicar melhor o Brasil, o cotidiano, nossa herança política e cultural.	07
Pluralidade de interpretação.	Reconhecer outras visões e outros modos de contar a história.	09
Sem utilidade	Apenas responderam que não, não trouxe nenhuma lição, nenhuma utilidade para minha vida.	05

Fonte: A autora, 2016.

2.5.1 O conhecimento histórico entre o entretenimento e a instrução.

Como já afirmado anteriormente, percebemos que todos os leitores declararam que o conhecimento histórico é importante/ tem alguma utilidade para a vida prática dos indivíduos. Os motivos pelos quais afirmaram isso são distintos, mas observamos que muitos desses motivos se assemelham com as definições que a maioria dos leitores fez sobre História na questão 07 (O que é História para você?). No total, 13 pessoas afirmaram que a História tem utilidade na medida em que o conhecimento do passado nos possibilita compreender melhor o nosso presente. Para elas, saber sobre história: “nos ajuda a compreender fatos da atualidade e o mundo em que vivemos.” (leitor 51); “tem utilidade para entender melhor o povo e os costumes de hoje em dia.” (leitor 07); “pois através da História compreendo a sociedade em que vivo.” (leitor 30); “Saber sobre História nos faz entender melhor sobre política, religião, fronteiras...” (leitor 06).

A partir dessas respostas, percebemos que para muitos leitores, conhecer sobre história não é apenas uma distração ou um mero passatempo, mas ela também é uma ferramenta importante que nos possibilita desnaturalizar as relações sociais, instituições, tradições, enfim, dentre outros fenômenos sociais e entender que eles nem sempre foram assim, mas resultam de uma construção histórica. Isso

fica ainda mais evidente a partir das respostas organizadas na categoria “ser mais crítico e agir no presente”, as quais revelam que historicizar os fenômenos sociais nos possibilita sermos mais críticos e questionadores no presente. Segundo alguns desses leitores: “(...), conhecer a história contribui muito para sermos eleitores mais conscientes.” (leitor 52); “Conhecer os processos históricos nos proporciona uma forma diferente de encarar os acontecimentos que vivenciamos, ou somos informados. Além da ‘desconfiança’ de informações que nos são apresentadas como fatos dados. É sempre questionar.” (leitor 48); “te traz uma visão mais ampla do contexto que você está inserido, te faz revisar e ter um olhar mais crítico seja nos acontecimentos rotineiros, nas mídias que são apresentadas... Enfim.” (leitor 02); “(...). Conscientizei-me que cada ser humano está inserido em um contexto e possui referenciais próprios, pelos quais vê/constrói o mundo. Respeitar e compreender as singularidades presentes nas coletividades é um diferencial que a História proporciona-me cultivar.” (leitor 28).

Alguns desses leitores da categoria “ser mais crítico e agir no presente” também destacaram que é com base no conhecimento do passado, que podemos melhor agir e transformar o presente. Ou seja, desnaturalizar e historicizar os fenômenos sociais também é importante para aprimorarmos nossas opiniões, atitudes e valores para melhor agir e transformar, individual ou coletivamente, a sociedade em que vivemos. Respostas como, por exemplo: “(...) o presente não surgiu do nada, ele foi construído. Logo, entender esse processo de construção lhe dá base para uma melhor construção do presente.” (leitor 08); “Considero o conhecimento de história o mais importante de todos. A história desenvolve o senso crítico. As pessoas que se dedicam à história tem maior capacidade de interpretação. Sem conhecer a história não é possível promover transformações.” (leitor 35). “(...), em meu caso pessoal, sim, pois me auxilia a entender o mundo de forma mais ampliada, com maior profundidade, como disse Hannah Arendt. Entender, posicionar-me e agir sobre o mundo, completando.” (leitor 04); “A história nos ajuda a criar um pensamento crítico, tirando-nos da posição de vítimas para nos inserir como construtores das situações em que vivemos. Quando compreendemos melhor de onde viemos, podemos trabalhar melhor as ações para chegar onde queremos.” (leitor 09).

No entanto, para alguns leitores (10, no total – categoria “aprender com o passado”), a história tem uma espécie de efeito moral, pois, para eles, é através do

conhecimento histórico que podemos analisar os erros cometidos no passado e tentarmos evitá-los no presente. Segundo esses leitores: “O tigre tem de aprender a ser tigre todos os dias, ao passo que o ser humano recebe da história quase todas as lições que precisa para viver melhor e não cometer os mesmos erros do que aqueles que o precedeu.” (leitor 22); “(...) quem não aprende com os erros da história está fadado a repeti-los...” (leitor 43); “(...) A história da humanidade deveria ser utilizada muito mais para evitarmos os erros do passado e construirmos um futuro melhor.” (leitor 41); “(...) sabemos do nosso passado para sabermos melhorar o nosso futuro e não o repetir.” (leitor 14).

Alguns desses leitores da categoria “aprender com o passado”, ainda depositam na história a função de “profetizar” o futuro. Ao que parece, para eles, através do conhecimento do passado podemos entender como a sociedade funciona, compreender melhor o presente e, a partir disso, ter uma previsão, um prognóstico de como as coisas podem acontecer futuramente. Segundo alguns desses leitores: “saber história me ajuda a compreender o mundo de atualmente, saber o porquê das coisas serem como elas são, e até ‘prever’ o futuro, me atrevo a dizer.” (leitor 15); “(...) é uma forma de compreender a sociedade e quem sabe até mesmo o futuro já que, como se diz, a história se repete.” (leitor 55); “Como economista é fundamental uma compreensão histórica. Tanto para contextualizar e compreender o presente, como para ‘prever’ o futuro. (...)” (leitor 13).

Por fim, ainda houve 5 leitores que relacionaram o conhecimento histórico como algo importante para a constituição de suas identidades (categoria “identidades”). Para alguns deles, a história: “(...) nos proporciona capacidade de reflexão e rudimentos para a construção autoconsciente da nossa própria identidade.” (leitor 54); “(...) eu tento dar um significado à minha própria existência aqui a partir de tudo o que aconteceu (...)” (leitor 01); “Toda a nossa existência e o modo de se relacionar com a realidade que construímos se fundamenta na ideia de tempo, de progressão e de história. Acredito que esse conhecimento é uma das bases para sabermos quem somos e lutarmos pelo que queremos ser, individual e coletivamente.” (leitor 10). Aparentemente, para essas pessoas é através do conhecimento do passado que conseguimos sanar anseios e questões que surgem no presente, relacionados às nossas identidades.

Também relacionado às identidades, alguns poucos leitores (4, no total), afirmaram que o conhecimento histórico é importante por uma questão pessoal,

quase todos relacionaram às suas atividades profissionais (categoria “pessoal/profissão”). Por exemplo: “(...) eu jamais poderia ensinar Literatura sem desconhecesse a História à qual está inserida.” (leitor 32); “(...) se não fosse o meu amor pela história, não teria despertado em mim um sentido crítico das coisas e não teria abraçado minha profissão” (leitor 34); “para conhecimento pessoal e para cultura. Conhecer e passar adiante o que se sabe.” (leitor 24); “Justamente por trabalhar com literatura, tenho que recorrer com frequência aos dados históricos, para conhecer as questões em que os fatos ficcionais narrados se inserem.” (leitor 31).

Com base nessas categorias, pudemos observar que mesmo por motivos diferentes, todos os leitores participantes desta amostra consideram que conhecer sobre história faz alguma diferença/ tem utilidade para vida prática, seja individual ou coletivamente. No entanto, quando procuramos investigar se esses mesmos leitores consideram ter apreendido alguma coisa com o livro e se perceberam alguma funcionalidade para esse conhecimento (como por exemplo, se/como ele influenciou a maneira de interpretar o presente, fundamentar suas opiniões, etc.), percebemos que parte considerável dos leitores demonstrou não reconhecer, ao menos de imediato, uma utilidade para o conhecimento histórico através do *1808*.

Alguns leitores (5, no total), foram objetivos ao responder apenas que “não”, alegando que o livro não fez diferença/ não trouxe nenhuma lição para suas vidas. Também teve algumas pessoas que, mesmo respondendo negativamente a essa questão, destacaram alguns elementos que julgaram positivos e que puderam perceber como diferencial da leitura, como, por exemplo: “Não, lição não! Mas eu me diverti sim!” (leitor 11); “Não, não trouxe. Foi apenas uma leitura agradável. (...)” (leitor 40); “Lição pode dizer que não, mas mais conhecimento sobre a verdadeira história do Brasil, sim.” (leitor 14). Houve ainda algumas respostas mais abrangentes como, por exemplo: “Todo conhecimento traz alguma coisa para nossa vida, mesmo que não consigamos reconhecer isso imediatamente.” (leitor 53); “Ah, todos os livros inconscientemente trazem uma lição, acho que até é esta a ‘jogada’ das diversas obras que vemos por aí.” (leitor 17).

Entre os principais motivos destacados pelos respondentes o mais citado é a categoria “formato diferente de história”, reunindo um total de 14 respostas. Para esses leitores, o livro possibilitou conhecer a história através de uma abordagem positivamente diferente, relacionada ao estilo do texto. Por exemplo: “(...), a história

pelo viés que o autor apresenta é de fácil entendimento.” (leitor 45); “Foi uma leitura prazerosa, conheci um jeito diferenciado de escrever um fato histórico, muito mais legal.” (leitor 02); “(...). A fluidez da narrativa, as passagens cômicas e as caricaturas, tudo isso ficou na minha memória. 1808 é uma ilustração, uma complementação do episódio de transferência da família real portuguesa (...)” (leitor 05). Desses 14 leitores, apenas um deles se referiu negativamente ao estilo do texto, para ele, a principal diferença trazida pelo 1808 foi: “porque demorei pra ler um livro de história novamente, vi a história como algo chato e maçante, só fui retomar o interesse por livros de história na faculdade.” (leitor 13).

Mas, com exceção do leitor 13, as respostas reunidas nessa categoria “formato diferente de história” destacam que o principal diferencial que puderam perceber através do 1808 foi a maneira prazerosa e fluída da narrativa. Muitos leitores ressaltaram que o fato da narrativa fascinar e cativar a atenção, facilitou a assimilação e compreensão do conhecimento histórico. Nesse sentido, algumas pessoas ainda realçaram as diferenças (principalmente estéticas) entre o conhecimento histórico escolar e o disponível no 1808, alegando que: “(...) o autor narra a história de forma diferente, prazerosa, mostrando que é bacana estudar história.” (leitor 49); “Percebi que a história pode ser contada e ensinada de uma forma mais atraente.” (leitor 25); “O modo como ele foi escrito me fez perceber que se eu não gosto de certa parte da História como matéria, é apenas porque essa parte me foi contada/ensinada da ‘forma errada’.” (leitor 15); “Ver o trabalho de um autor que se propôs a estudar a história do Brasil e difundir essas experiências traz uma nova ótica ao deficitário ‘conto’ da história nas escolas. (...)” (leitor 20).

A categoria “aprender/conhecer mais”, reuniu 12 leitores que afirmaram que através da leitura do 1808 puderam conhecer mais sobre a história do Brasil, ou ainda sobre algumas curiosidades e detalhes que não conheciam até então. Por exemplo: “Consegui aprender um pouco mais sobre uma parte da história que ainda é um pouco confusa para mim.” (leitor 36); “Me trouxe informação nova. Muita. (...)” (leitor 43); “Permitiu que (...) eu aprendesse mais sobre o período histórico que retrata. Portanto, deu-me o que eu esperava dele.” (leitor 54); “(...) foi uma leitura bastante proveitosa, eu desconhecia muitos dos fatos que foram apresentados!” (leitor 32); “Ajudou-me a conhecer melhor parte da história do Brasil.” (leitor 52). Algumas dessas 12 pessoas também demonstraram sentir que após a leitura tiveram acesso ao que “realmente aconteceu”, afirmando, por exemplo, que o livro

trouxe “(...) mais conhecimento sobre **a verdadeira** história do Brasil, (...)” (leitor 14) (grifo da autora), ou ainda que: “Na escola mentem muito para os alunos.” (leitor 26).

Ao contrário desses leitores que demonstraram sentir ter acesso ao “conhecimento verdadeiro” após a leitura do *1808*, algumas pessoas afirmaram que um dos principais aprendizados que tiveram após a leitura, foi reconhecer outras perspectivas e possibilidades de contar a história, ou ainda, a partir disso, sentiram-se estimuladas ao debate (categoria “pluralidade de interpretação”), por exemplo: “(...) percebi a diversidade de percepções e fundamentações para determinado fato, processo e contexto histórico – a História ciência não é a única forma de entender e produzir história.” (leitor 28); “Que sempre existe outras versões para um fato histórico, devemos buscar mais informações sempre.” (leitor 39); “Agora eu questiono tudo, procuro sempre uma segunda opinião, mesmo que eu não concorde com ela, mas sempre somo, temos visões diferentes do mesmo assunto.” (leitor 19); “(...), ter debatido história (sem entrar no mérito de certo ou errado) com outras pessoas na ocasião. Esse foi o grande trunfo do autor, trazer a história à tona.” (leitor 51).

Algumas pessoas também atentaram ao fato de que o livro não parece ser tão confiável, talvez pelo fato de terem comparado com outras abordagens históricas, elas afirmaram que: “(...) Hoje, recordo dos personagens caricatos delineados pelo autor e pondero que é preciso ter cuidado quanto abordar personagens históricos em seus processos dessa forma.” (leitor 48); “(...) Acho que valeu como parâmetro para confiabilidade de livros de história (se alguém chegava com o papo de que ‘é tipo 1808’, eu já desconfiava...).” (leitor 01). Mas, mesmo assim, alguns leitores não deixaram de destacar que é um bom livro para despertar o interesse pela história e ser um “ponto de partida” para discutir sobre o período e conhecimento abordado, por exemplo: “(...), porém mostrou que há outras formas de se conhecer a história e pode ser um livro muito útil para desenvolver o gosto pela história do Brasil.” (leitor 35); “É uma obra diferente. Somado a outros estudos, pode representar para o professor, um material significativo, no que se refere especialmente a ‘criar’ nos alunos um gosto pela história. Ou seja, um ponto de partida para se ensinar história.” (leitor 50). “Não sei se trouxe alguma lição, mas foi positivo tê-lo lido para poder conversar com as pessoas que leram (principalmente, alunos do ensino médio) e verificar outras interpretações positivas. Devo dizer que muitos alunos sentiam-se satisfeitos com o livro porque eles sentiam que, depois da

leitura, sabiam ‘exatamente o que tinha acontecido’, ou ‘como era o Brasil’. E para isso eu aproveitava para discutir sobre outras interpretações, inclusive as que apareciam nos materiais didáticos que estávamos usando, ou em outros tipos de representações, como a HQ ‘Independência ou Mortos’. (...)” (leitor 04).

Ou seja, aparentemente, para algumas pessoas o livro mesmo não sendo totalmente confiável, possui pontos positivos na medida em que chama a atenção dos leitores com sua narrativa divertida, fluída e envolvente e que isso pode ser positivo para estimular o aprendizado histórico, mas também ponderam para a necessidade de não absorver essa narrativa como a única forma de interpretação dos fatos históricos, ou ainda como uma “verdade absoluta”. Como pudemos ver em algumas respostas acima, alguns leitores destacaram a presença de um professor para mediar esse debate, mas, isso nem sempre é possível, tendo em vista que muitos leitores do *1808* já estão fora do ambiente escolar. Assim, sem a mediação de um professor, ou o contato com outras formas de produção que possibilitem aos leitores reconhecer outras abordagens e interpretações históricas, o *1808* pode conduzir alguns leitores, como pudemos ver através de alguns questionários, há interpretá-lo como a única possibilidade de análise, ou como o porta-voz daquilo que “realmente aconteceu no passado”.

Por fim, a categoria “justificar/compreender melhor o Brasil”, reuniu um total de 07 leitores que demonstraram relacionar o conhecimento histórico apreendido no livro *1808* para interpretar o presente e fomentar algumas de suas opiniões a respeito da política e sociedade brasileira. Opiniões como: “Percebi que a corrupção, cargos políticos... São heranças políticas.” (leitor 16); “Fez-me enxergar o porquê e o Brasil ainda ser o que é. Acho que o livro apresenta a nossa herança comportamental. Temos que mudar o nosso jeito de ser. Têm muita coisa pra mudar.” (leitor 38); “(...) E por incrível que pareça hoje aumentou a minha rejeição por Portugal, não pelos portugueses. Infelizmente eles só exploraram o nosso país. O mesmo que fazem nossos atuais políticos. Chegaram a quebrar o Banco do Brasil e os atuais querem fazer o mesmo com a Petrobrás, (...). Os atuais políticos tem a mesma posição deles. Povo em educação é melhor para eles.” (leitor 18); “(...)”, trouxe um melhor entendimento sobre a forma de viver e tirar proveito de tudo do nosso povo. O sentimento de ‘que pena que foram os portugueses’ vem sempre que se viaja para fora do país quando nos deparamos com o estilo Portugal de viver e a diferença para os demais países que se visita. No aeroporto já é percebido o porquê

de o Brasil ter vivido do jeito que vive, a sensação que as coisas não funcionam são claramente vistas em Portugal e em mais nenhum outro país. Nem mesmo naqueles países da América do Sul colonizados por outras Nações. Isso fica bem demonstrado no livro e comprovado em viagens em pouco tempo de observação.” (leitor 07).

Através dessas respostas, percebemos que entre esses leitores vigora uma ideia pessimista do presente baseada em uma visão depreciativa do Brasil e, sobretudo, na descrença pela política. Esse pensamento destrutivo do presente é muito próximo, inclusive, dos conhecidos clichês de que o “Brasil não é um país sério”, “já começou errado”, ou ainda de que “o povo brasileiro é um povo pacífico e cordial”, os quais parecem ser legitimados pelos leitores através do recurso ao conhecimento histórico disponível no *1808*. Ou seja, a ideia de que fomos colonizados por anti-heróis, por um povo “fujão”, extremamente caricato, medroso e covarde (além de possibilitar sutilmente um sentimento anti-lusitano), parece justificar a ideia de que o Brasil é um país de espertos, onde vigora a corrupção, impunidade e a injustiça, denunciando assim uma descrença com relação ao funcionamento do Estado e das instituições políticas, bem como a impossibilidade de mudar esse quadro.

De uma maneira geral, entre os leitores participantes desta amostra, percebemos que essas respostas que justificam o presente de uma maneira pessimista embasados no conhecimento histórico presente no *1808*, não foram tão expressivas quanto àquelas que apontam que a principal serventia do livro foi possibilitar o acesso à uma narrativa divertida e prazerosa, a qual é recheada de curiosidades e detalhes inéditos. Aparentemente, para a maioria desses 55 leitores o livro não teve outra utilidade prática, senão proporcionar diversão, ser um passatempo. Talvez isso tenha relação com o fato do *1808* ser um produto da cultura de massas, transformando a narrativa histórica em um produto mercadológico e que, portanto, na busca por oferecer uma narrativa atraente e conquistar popularidade, disponibiliza um conhecimento que não foge muito do senso comum desses leitores e que também dialoga com aquele disseminado pela grande mídia (ao exemplo do *Quintos dos Infernos* e de *Carlota Joaquina*), concordando, portanto, que os personagens envolvidos na trama “podem ser sim inacreditavelmente caricatos, algo que se poderia dizer de todos os governantes os seguiram, inclusive alguns muito atuais” (GOMES, 2007, p. 21-22).

Essas questões com relação a opinião dos leitores sobre o *1808* se assemelham a análise que fizemos sobre o livro no primeiro capítulo desta dissertação, por sua vez, elas também dialogam com questões trazidas pelos leitores da escola e/ou da grande mídia. Percebemos, por exemplo, que, tanto quando a pessoa passa a gostar de história na escola quanto quando ela se opõe ao modo como lhe ensinaram história, pelo positivo ou pelo negativo, nossa amostra indica que a história ensinada é um forte fator de criação de público para esse tipo de livro-reportagem sobre história. Os elementos estéticos do *1808* mostraram-se o ponto forte do livro, estando entre os principais fatores e motivos pelos quais os leitores declararam terem sido atraídos e gostarem da narrativa. Muito embora, como vimos, esses elementos, ao serem supervalorizados, acabam conduzindo os leitores a alguns perigos interpretativos, como o juízo de valor e o anacronismo.

Como dito anteriormente, o conteúdo disponível no *1808* parece não destoar muito do senso comum desses leitores, oferecendo uma narrativa de causa e efeito que oferece mais certezas do que hipóteses. Isso se dá, sobretudo, pela maneira com que Gomes mescla elementos estéticos que misturam ficção e factuality, com a maneira com que se apoia constantemente em historiadores e demais estudiosos sobre o assunto. Aliás, esses fatores estão entre os principais motivos que levam os leitores a acreditar na confiabilidade do *1808*, induzindo a alguns desses leitores, inclusive, a acreditar que ele revela “a verdadeira” história do que aconteceu no passado. E, embora tenhamos percebido que a maioria dos leitores, aparentemente, procura o *1808* com o principal objetivo de encontrar entretenimento e não propriamente com o intuito de adquirir conhecimento histórico, ele pode sim, indiretamente, a curto ou longo prazo, interferir de diferentes formas na maneira com que os leitores interpretam e se relacionam com o presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nem mocinhos, nem vilões. Se é nítido que os jornalistas não possuem as mesmas preocupações e interesses que os acadêmicos quando escrevem sobre história e se deixam transparecer as suas limitações historiográficas e a falta de rigor metodológico em suas obras, também é certo que eles encontram sucesso entre o público leigo, atingem grande circulação e colaboram para popularizar o conhecimento histórico. Com uma linguagem clara, acessível e fluída, aliada a outras estratégias estéticas, eles aguçam os sentidos e curiosidade dos leitores, despertando neles certa empatia e interesse pelo passado.

Também há que se considerar que essas narrativas jornalísticas da história, embora tenham algumas características em comum, são muito heterogêneas. Como vimos, por exemplo, seria injusto igualar o *Guia politicamente incorreto da História do Brasil* de Leandro Narloch com um dos quatro livros da coleção *A Ditadura* de Elio Gaspari. Enquanto Gaspari demonstra produzir uma narrativa sustentada nos fundamentos do método histórico e preocupada com a racionalidade científica, Narloch ignora completamente essas questões e, apoiado em trechos de historiadores, produz uma história deturpada, carregada de preconceitos e de uma ideologia conservadora, com casos evidentes de manipulação de fontes para servir aos interesses argumentativos do autor. Não é, portanto, o mesmo jornalista escrevendo sobre história, não é o mesmo perfil de livro-reportagem.

Apesar dessa heterogeneidade, percebe-se que a maioria desses jornalistas, autores de livros-reportagem que falam sobre história, não estão preocupados em tornarem-se referências historiográficas. Aparentemente, eles não têm a intenção, nem o objetivo de defenderem teses e desenvolverem novas hipóteses e problemáticas de pesquisa, mas demonstram estar mais preocupados, em primeira instância, com questões relacionadas a interesses mercadológicos como, por exemplo, em cativar a atenção dos leitores-consumidores. E, como vimos, há muitos leitores interessados em história e nesse tipo de narrativa! Esse é o caso de Laurentino Gomes que, atingindo mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos, tornou-se um fenômeno de vendas, mostrando ser muito popular ainda hoje, 9 anos depois de seu lançamento.

Verificamos através dos questionários que o livro *1808* de Gomes é consumido por pessoas de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade,

evidenciando assim a sua linguagem fácil e acessível. E, como pudemos perceber, ele é procurado por esses leitores não só pelo fato de conter uma narrativa atraente, prazerosa e recheada de personagens caricatos e passagens cômicas, mas também por ser um livro que fala sobre história. Assim como o *1808*, a maioria dos demais livros-reportagem é produzida sem o mesmo rigor da pesquisa acadêmica, portanto, é possível que cometam alguns deslizes, equívocos e omissões. Isso nos levou a questionar, por exemplo, o que produz o jornalista quando escreve sobre história? Que tipo de conhecimento essas narrativas disseminam? Como o leitor, sobretudo o leitor leigo, se relaciona com esse conhecimento? O que diferencia e o que aproxima jornalistas e historiadores?

Ainda que não sejam preocupações novas, essas questões vêm sendo cada vez mais discutidas entre os historiadores, resultando em pesquisas que procuram investigar alguns casos específicos de narrativas jornalísticas sobre a história como, por exemplo, o artigo de Marcia Elisa Teté Ramos (2015) sobre *O que pensam os alunos do ensino médio sobre o ensino de história apresentado no “guia politicamente incorreto da História do Brasil” de Leandro Narloch*; também a dissertação de Rodrigo Bragio Bonaldo (2010) intitulada *Presentismo e Presentificação do Passado: a Narrativa Jornalística da História na Coleção Terra Brasilis de Eduardo Bueno*, ou a tese *A escrita da história por jornalistas: diálogos e distanciamentos com a historiografia acadêmica. O caso Elio Gaspari*, de Ângela Ravazzolo (2012).

Muito embora ainda encontremos um comentário preconceituoso e pejorativo aqui ou ali sobre essas produções de história por jornalistas dentro dos espaços acadêmicos, essas e outras pesquisas vão muito além da máxima “historiadores versus jornalistas”, e buscam investigar as aproximações e distanciamentos dessas produções com a história acadêmica, e, em alguns casos, sobre o tipo de conhecimento que disseminam na esfera pública. O fato é que nós historiadores não temos (e nem devemos ter o monopólio das produções sobre história). Como afirma Malerba:

Em suma, qualquer um pode escrever história, o que não significa que toda história tenha o mesmo valor e qualidade. Há bons historiadores e historiadores ruins dentro e fora da academia, mas, aqui dentro, faz parte do ofício o processo permanente da metodização racional dos procedimentos e exposição dos argumentos e a crítica (das fontes, dos procedimentos de coleta e sistematização dessas fontes, de problematização temática e

perspectivação teórica, de produção textual). Esses mesmos protocolos, esse mesmo padrão de exigência deve ser aplicado a toda historiografia, acadêmica ou não. Se apenas o sucesso de vendas for critério para se avaliar uma obra historiográfica, os parâmetros éticos se esvanecerão e teremos de assistir à disseminação de narrativas históricas de alcance interpretativo pobre, prenhes de anacronismos, erros e preconceitos, (...). (MALERBA, 2014, p. 44).

Isso significa que essas questões que envolvem as narrativas jornalísticas da história trazem algumas implicações ao nosso ofício de historiadores e necessitam ser pensadas para além de termos corporativos, devendo envolver preocupações, sobretudo, com a qualidade do conteúdo histórico disseminados por elas e como influenciam o processo de ressignificação temporal dos sujeitos. Para isso, defendemos a importância dos historiadores se preocuparem cada vez mais com questões relativas à história pública e com a Didática da História, principalmente por dois motivos:

(1) Por um lado, pela necessidade de investigarmos essas produções. Claro, isso não significa que nós, historiadores, tenhamos uma espécie de selo de qualidade e devamos agir como inspetores, fiscalizando essas produções. Mas, de acordo com Bergmann (1990), a tarefa empírica da Didática da História destaca a importância da Ciência Histórica investigar o que é apreendido no ensino da História, incluindo todas as formas de produção da história (pública ou não, científica ou não) que atingem o âmbito da vida prática. E, a partir disso, investigar o que pode ser apreendido (tarefa reflexiva da Didática da História) e o que deveria ser apreendido no ensino da história (tarefa normativa da Didática da História). A partir dessa reflexão didática e das preocupações teórico-metodológicas que lhe são próprias, a Ciência Histórica torna-se a disciplina capaz e apta a investigar, refletir e, se necessário, construir um contraponto para essas diferentes formas de produção de história, além de também colaborar para impedir que alguns discursos e visões já superadas ou distorcidas da história ganhem força e se multipliquem no âmbito da vida prática.

(2) Por outro lado, pela importância em expandirmos nossas produções acadêmicas. Como vimos no decorrer dessa pesquisa, Laurentino Gomes supervaloriza a dimensão estética do *1808*, isso faz com que, em alguns momentos a dimensão cognitiva da obra fique comprometida. Em contrapartida, boa parte dos historiadores parece supervalorizar a dimensão cognitiva de suas produções, e o resultado disso é um endurecimento narrativo e uma linguagem inacessível que

acarreta no distanciamento e isolamento da Ciência Histórica da vida prática. Apesar de muitos esforços e de alguns avanços e exemplos nesse sentido, ainda são poucos os historiadores que aliam rigor científico com fluidez de texto, produzindo obras acessíveis e interessantes ao público não especializado em história. Não se trata de extinguir e condenar a linguagem acadêmica, mas de nos preocuparmos mais com as formas de apresentação e com os elementos estéticos a fim de “publicizarmos” nossas produções e atingirmos mais o âmbito da vida prática, inserindo-nos com mais frequência nos debates de interesse público a fim de colaborarmos para fomentar essas discussões. Nesse sentido, a reflexão didática permite ao historiador “olhar o presente ao seu redor para definir as demandas e decidir por como respondê-las, tendo em vista as expectativas de futuro de seu ofício e sua produção na sociedade em que se insere” (CERRI, 2013, p. 46).

Como vimos, Laurentino Gomes aproveita a efeméride dos 200 anos da transferência da corte para o Brasil para lançar o *1808*, ou seja, em uma data que traz o passado à tona e alimenta o interesse coletivo pela história. Para Bonaldo, essas datas comemorativas não só praticamente nos obrigam a lembrar coletivamente o passado, mas também atualizam-no (BONALDO, 2010, p. 27). Esse é, inclusive, um dos pontos que ajudam a justificar o sucesso do livro *1808*: a existência de uma demanda pela história, o que Gomes também chama de “gancho jornalístico” - oportunidade para publicação. Apesar de denunciar um interesse de mercado, essa sensibilidade com os anseios do tempo presente se alia aos elementos estéticos para chamar a atenção e cativar o público leitor. Tais elementos estéticos, basicamente, consistem em uma linguagem coloquial, uma história no formato de saga com pinceladas de romance e ficção, na humanização e exploração do perfil psicológico dos grandes personagens históricos e em um quê de humor para retratar algumas passagens do período.

Como pudemos ver, esses elementos recebem uma atenção especial no *1808* e são os que mais nos saltam aos olhos. Isso evidencia que Gomes não pretende desenvolver uma investigação historiográfica original, ele está mais preocupado em “divulgar” a história acadêmica através de um formato diferenciado, mais leve e facilmente compreensível e assim conquistar a atenção do público. Percebemos que para os leitores que responderam ao questionário, esse foi um dos principais motivos que os fizeram gostar do livro, já que em diversos momentos eles chamam a atenção para esses diferentes elementos estéticos, destacando

principalmente a narrativa acessível e prazerosa, composta por inúmeros detalhes, curiosidades e anedotas.

Esse também foi um dos motivos que pareceu mais influenciar no processo de apreensão do conhecimento histórico presente no *1808* pelos leitores. Em vários momentos pudemos perceber que a combinação do conhecimento histórico com elementos romanescos e ficcionais, humanização de personagens, detalhes, anedotas, etc. colaboraram para que os leitores se aproximassem do passado, tornando-se espécies de testemunhas oculares da história, aumentando em alguns momentos a empatia pelo passado e facilitando a compreensão do conteúdo histórico. Em contrapartida, eles também conduziram alguns leitores a cometer, principalmente, certos juízos de valor e anacronismos.

Além disso, esses elementos aliados ao fato de Gomes citar constantemente historiadores e demais pesquisadores sobre o assunto demonstrou transmitir a alguns leitores a sensação de estarem tendo acesso a “verdadeira” versão do que aconteceu no passado. Ou seja, como já dito anteriormente, a ênfase nesses elementos estéticos comprometeu em alguns momentos a dimensão cognitiva da obra. Gomes afirmou que não tinha a pretensão de ser um livro acadêmico, e ele mesmo o definiu como um livro-reportagem, mas ao mesmo tempo, destacou que o *1808* resultou de anos de pesquisa e procurou constantemente se apoiar em historiadores, buscando dar legitimidade a sua obra. No entanto, a crítica às suas fontes não estava acessível aos leitores, ele não deixa claro sobre seus recortes e escolhas historiográficas. Isso contribui para reduzir o campo das hipóteses e fornecer uma narrativa de causa e efeito, conduzindo os leitores, em alguns momentos, a entenderem a narrativa do *1808* como a única versão possível da história.

Isso demonstrou interferir na maneira com que os leitores interpretam o presente. Embora tenhamos percebido que a maioria dos leitores tendeu a encarar o livro como uma diversão, um passatempo. Alguns leitores destacaram uma versão pessimista do presente e uma descrença no Estado e nas demais instituições políticas. A ideia de um passado vergonhoso e vexatório e a percepção de mais permanências do que com rupturas do presente com o passado está presente na maioria das opiniões dos leitores que destacaram que o livro teve utilidade para suas vidas.

De uma maneira geral, percebemos que a análise do livro feita no primeiro capítulo desta pesquisa dialoga com as leituras e opiniões emitidas pelos sujeitos participantes desta amostra. Embora os apontamentos, reflexões e hipóteses feitas com base nos 55 questionários não valham para o universo de mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos, elas nos permitiram ter uma amostra da cultura história dos leitores do *1808*. Como pudemos ver, o livro disponibiliza um conhecimento que não foge muito do senso comum desses leitores e que dialoga com aquele que tiveram acesso na escola e também com aquele que é disseminado pela grande mídia. Já que o *1808* não traz uma discussão nova no que se refere aos debates historiográficos, como também não foge muito das representações midiáticas sobre o evento da transferência da corte portuguesa ao Brasil, que geralmente tratam o tema de forma cômica e composta por personagens extremamente caricatos.

Com base nesses apontamentos, essa pesquisa não pretende lançar um olhar negativo ao *1808*. Concordamos com os leitores de que ele é sim um livro fascinante e sedutor e que seus elementos estéticos, ao envolverem os sentidos de quem lê, contribuem para uma melhor compreensão da história. No entanto, procuramos chamar a atenção para alguns aspectos considerados perigosos e, em alguns momentos errôneos do ponto de vista acadêmico e que podem influenciar negativamente a maneira com que os leitores interpretam o passado e relacionam-no com o presente.

Além disso, com base em alguns apontamentos feitos ao longo desta pesquisa, bem como na opinião dos leitores, ficou evidente a importância da dimensão estética no processo de aprendizagem histórica. Por isso, enfatizamos novamente a necessidade de aliarmos as preocupações com a estética e com a Didática da História, para ultrapassarmos cada vez mais os muros da universidade e atingirmos um número maior de indivíduos. Não só no sentido de preocuparmo-nos com as formas de apresentação e em fornecer uma história agradável e acessível aos sujeitos não especializados em história, mas também de ouvirmos os anseios e demandas pela história originadas no âmbito da vida prática e, assim, contribuir para respondê-las.

Por fim, sem o intuito de encerrarmos as discussões a respeito do *1808*, já que reconhecemos que ainda há muito o que ser explorado no livro, esperamos que os apontamos, indagações e hipóteses aqui feitas inspirem e contribuam com pesquisas futuras que busquem refletir, dentre outras coisas, sobre as narrativas

jornalísticas da história e como influenciam no processo de ressignificação temporal de seus leitores. E que também possibilite definir alguns eixos de análise que poderão ser ou não comprovados em estudos posteriores e com outras características ou amostras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, J. R.; ROVAL, M. G. O. (Org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letras e Voz: 2011, p. 19-28.

ALMEIRA, J. R.; ROVAL, M. G. O. (Org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. 231 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRA, Sérgio Hamilton da Silva. **Entre a corte e a cidade: o Rio de Janeiro no tempo do rei (1808-1821)**. 2006, 156 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

BARTHES, Roland. A estrutura dos *fait divers*. **Essaiscritiques**. Paris: Seuil, 1964. Traduzido e disponibilizado na íntegra pelo Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas. Texto revisado por Artur Araújo. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/barthes-a-estrutura-dos-fait-divers.pdf>> Acesso em: [12. Jul. 2015].

BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 29-42, set. 1989/fev. 1990.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 37-48.

BEZERRIL, Simone da Silva. **Usos do passado: leitura da história na perspectiva jornalística de Laurentino Gomes no livro 1808**. 2013, 183 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Histórica)- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONALDO, Rodrigo Bragio. **Presentismo e presentificação do passado: a narrativa jornalística da história na coleção Terra Brasilis de Eduardo Bueno**. 2010, 169 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

_____. Sátira, liberalismo e ironia no 1808..., de Laurentino Gomes: uma contribuição à crítica das mitologias do presentismo. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 201- 220, jan./jun. 2009.

_____. Documentos de uma era comemorativa brasileira? Notas sobre o surgimento das "narrativas jornalísticas da história". **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, jul. 2011.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007. 216 p.

CARDOSO, Oldimar Pontes. **A Didática da História e o slogan da formação de cidadãos**. 2007, 250 f. Tese (Doutorado em Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. D. João e as histórias dos Brasis. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 551-572, 2008.

CELESTINO, Luis. História e jornalismo: aproximações e distanciamentos. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2011, Guarapuava-PR. **Anais...** Guarapuava: Unicentro. 2011. p. 1-12. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Historia%20e%20jornalismo%20aproximacoes%20e%20distanciamentos.pdf/view>> Acesso em: 30 jul. 2015.

CERRI, Luis Fernando. Cartografias temporais: metodologias de pesquisa da consciência histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 59-81, jan./abr. 2011.

_____. Entrevista com o Prof. Dr. Luís Fernando Cerri (UEPG) [dez. 2014]. Entrevistador: Rafael Saddi. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 6, n. 12, p. 369 – 391, dez. 2014.

DEL PRIORI, Mary. **O ano que definiu o Brasil: 1808**, do jornalista Laurentino Gomes, lança luz sobre a fuga da família real portuguesa. Revista Veja, ed. 2025, 12 set. 2007. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120907/p_126.shtml> Acesso em: [01 jul. 2015]

ESPERANÇA, Clarice Gontarski. Testemunhas ou fontes: relações e desencontros entre jornalistas e historiadores. **Em questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 235-251, jn./ dez. 2006.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **"1808" reconta era joanina com leveza**. Folha de São Paulo Ilustrada, 06 out. 2007. Disponível em: <<http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0610200721.htm>> Acesso em: [01 jul. 2015]

GLEZER, Raquel; ALBIERI, Sara. O campo da história e as “obras fronteiriças”: algumas observações sobre a produção historiográfica brasileira e uma proposta de conciliação. **Revista ieb**, n. 48, mar. 2009, p. 13-30.

GOMES, Laurentino. **1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007. 367 p.

_____. **1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil** – Edição juvenil ilustrada. São Paulo: Editora Planeta Jovem do Brasil, 2008a. 148 p.

_____. **Um 1808 mais amigável** [17 jul. 2008]. Entrevistadora: Marina Lemle. Entrevista ao site da Revista de História da Biblioteca Nacional. Jul. 2008b. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/um-1808-mais-amigavel>> Acesso em: [31 jul. 2015].

_____. **Entrevista com Laurentino Gomes** [dez. 2011]. Entrevistador: Mario Sergio Conti. São Paulo: Programa Roda Viva – TV Cultura, 2011. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/laurentino-gomes-3>> Acesso em: [28 set. 2012].

_____. Laurentino Gomes: entrevista [mar. 2014]. Entrevistadora: Juliana Gelbcke. Ponta Grossa: UEPG-PR, 2014. 1 áudio mp3 de 00:25:21 minutos.

LEMLE, Marina. **1808 em vários sentidos**. Revista de História da Biblioteca Nacional, 20 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.rhbn.com.br/secao/gente-da-historia/1808-em-varios-sentidos>> Acesso em: [01 jul. 2015]

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos). 69 p.

_____. Fronteiras ampliadas de um território em conformação. In: _____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. Barueri, SP: Manole, 2009. p. 1-58.

LIMA, Oliveira. **Dom João VI no Brasil: 1808-1821**. vol. 1. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C, 1908. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/domjoao01limauoft#page/n7/mode/2up>> Acesso em: [09 out 2015].

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. O. (Org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letras e Voz: 2011, p. 31-52.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *Public History*. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 15, p. 27-50, ago. 2014.

MARCÍLIO, Daniel. O historiador e o jornalista: a história imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística. **Aedos**, Porto Alegre, v. 5, n.12, p. 42-63, jan./jul., 2013.

MARTINS, Estevão de Rezende. Cultura, história, cultura histórica. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 63-82, jul. - dez. 2012.

MORENO, Jean Carlos. **Quem somos nós?** Apropriações e representações sobre a(s) identidade(s) brasileira(s) em livros didáticos de História (1971-2011). 2013, 383 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

NETO, Ricardo Bonalume. **Revistas tentam "popularizar" a história**. Folha de São Paulo, 31 jan. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u41031.shtml>> Acesso em: [01 jul. 2015]

PEREIRA, Fábio Henrique. As relações entre jornalismo e história: um jogo de distinção e justaposição entre espaços. **Verso e Reverso**: revista da comunicação da UNISINOS. n. 44, ano XX – 2006/2.

RABONI, André. Sobre o livro 1808, do jornalista Laurentino Gomes. In: **Acerto de Contas**: economia traduzida e política comentada [blog]. 28. Dez. 2007. Disponível em: <<http://acertodecontas.blog.br/artigos/sobre-o-livro-1808-do-jornalista-laurentino-gomes/>> Acesso em: [01 jul. 2015]

RAVAZZOLO, Ângela. **A escrita da história por jornalistas**: diálogos e distanciamentos com a historiografia acadêmica. O caso Elio Gaspari. 2012, 176 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ROCHA, Paula Melani Rocha; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores** - Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias. n. 14, v. 7, jul./dez. 2013.

RÜSEN, Jörn. ¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. Tradução de F. Sánchez Costa e Ib. Schumacher. Original em: FÜSSMANN, K.; GRÜTTER, H.T.; RÜSEN, J. (eds.). **Historische Faszination, Geschichts Kultur Heute**. Keulen, Weimar and Wenen: Böhlau, 1994, p.3-26. Disponível em: <http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf> Acesso em: [10.05.2015].

_____. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UnB, 2001. 194 p.

_____. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Tradução de Marcos Roberto Kusnick. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 7-16, jul./dez. 2006.

_____. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Tradução de Valdeir Araujo e Pedro S. P. Caldas. **História da historiografia**, n. 02, p. 163-209, mar. 2009.

_____. **História viva**: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico, 1ª reimpressão. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UnB, 2010a. 160 p.

_____. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Tradução de Marcos R. Kusnick; Johnny R. Rosa; Ana C. Urban; Marcelo Fronza; Edilson Chaves e Estevão de R. Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2010b.p. 109-128.

SADDI, Rafael. Didática da História como sub-disciplina da ciência Histórica. **História & Ensino**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010.

_____. O parafuso da Didática da História: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma Didática da História ampliada. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 211-220, jul./dez. 2012.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. 129 p.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 3-21, 1997.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cultura histórica e cultura escolar: diálogos a partir da educação histórica. **História Revista** - Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 91-104, jan./jun. 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis**: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Marcos. A história vem a público. In: _____. (Org.). **História**: que ensino é esse? Campinas, SP: Editora Papirus, 2013. p. 15-29.

SILVA, Rogério Chaves da. Matriz disciplinar de Jörn Rüsen: uma reflexão sobre os princípios do conhecimento histórico. **Outros Tempos** - Dossiê História e Literatura, revista eletrônica da UEMA. v. 8, n. 11, p.15-40, 2011. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/68> Acesso em: [14 jul. 2015].

STOIANI, Raquel. **Napoleão visto pela luneta d'El-Rei**: construção e usos políticos do imaginário francês e napoleônico na América portuguesa (ca. 1808-1821). 2009, 486 f. Tese (Doutorado em História Social) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

WOOD JR. Thomaz. *Slow Science*. In: **Carta Capital**. 25 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/slow-science/>> [Acesso em 20 abr. 2015]

APÊNDICE

APÊNDICE A - PERFIL DOS LEITORES DO 1808 RESPONDENTES DO QUESTIONÁRIO

Quadro 9 – Perfil dos Leitores.

LEITOR	PERFIL DOS LEITORES DO 1808
01	-Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 22 2- De onde você está falando? Curitiba-PR 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino Superior Completo (Letras) 4- Você estudou em escola pública ou privada? Pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Não sei exatamente o que vale: fora os livros didáticos, comecei a ler o Veias Abertas do Galeano, mas ainda não terminei. Li bastante coisa de literatura mesmo mas que tem a ver, tipo O Diário de Anne Frank (os de história história, tipo Caio Prado e essas coisas, tão na minha lista só) 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim!! 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto! Curto bastante a história do Brasil do século XX, coisas que envolvam índios e a América (toda ela), e a década de 1970, especialmente (principalmente a história do futebol no Brasil nesse período) 13- Você gostou do livro 1808? Achei ele bem legal como leitura de entretenimento mas, por algum motivo, não consegui achar o conteúdo muito confiável como livro de história. Lembro que li e achei divertido mas logo depois já não lembrava muito das coisas que tinha lido.
02	- Sexo: Feminino 1- Qual a sua idade? 33 anos 2- De onde você está falando? Carambeí - Paraná 3- Qual o seu nível de instrução? Superior completo 4- Você estudou em escola pública ou privada? Pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Já, vou citar os que mais gosto. Alguns da Mary Del Priori - Conversas de mulheres e Histórias Íntimas. rsrs deixa lembrar... tem alguns que não lembro nome, 1822 e 1889 também li 8- Você gostava de história quando estava na escola? Adorava história 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto sim, gosto de gênero, religiosidade e história medieval 13- Você gostou do livro 1808? Gostei sim, mesmo sabendo das críticas de historiadores.
03	- Sexo: Masculino 1- Qual a sua idade? 17 anos 2- De onde você está falando? Ponta Grossa - PR 3- Qual o seu nível de instrução? 2/3 do ensino médio 4- Você estudou em escola pública ou privada? Privada 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Não 8- Você gostava de história quando estava na escola? [Está na escola] Gosto. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto, segunda guerra mundial, iluminismo, guerra fria. 13- Você gostou do livro 1808? Gostei

04	- Sexo: Feminino 1- Qual a sua idade? 32 2- De onde você está falando? Porto Alegre - RS 3- Qual o seu nível de instrução? Doutorado. 4- Você estudou em escola pública ou privada? Ambas 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? original. Ainda não existia a juvenil, que nunca vi. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim. Um dos mais recentes foi História do Rio Grande do Sul do Fabio Kuhn. E a biografia de Jean Zay, de Olivier Loubes. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Muito. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim. Ensino de história, biografias, utopias políticas. 13- Você gostou do livro 1808? Sim e não.
05	-Sexo: Feminino 1- Qual a sua idade? 60 anos 2- De onde você está falando? Poços de Caldas – MG 3- Qual o seu nível de instrução? Superior completo 4- Você estudou em escola pública ou privada? Privada 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Li o original e conheço a versão em quadrinhos 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Já li outros livros de história, mas não me lembro de todos. Vou citar alguns: A era dos extremos, do Hobsbawm ; Muro de Berlim, de Frederick Taylor, A ditadura envergonhada, A ditadura escancarada, A ditadura encurralada e A ditadura derrotada, de Elio Gaspari, História da riqueza do homem, de Léo Huberman, O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil, do Darcy Ribeiro e os quatro volumes de A história da vida privada no Brasil 8- Você gostava de história quando estava na escola? Adorava as aulas de História 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, continuo gostando de História. Três temas: A Era Vargas - As guerras mundiais - O renascimento 13- Você gostou do livro 1808? Sim
06	- Sexo: Feminino 1- Qual a sua idade? 23 anos 2- De onde você está falando? Ponta Grossa, PR 3- Qual o seu nível de instrução? cursando 3º grau 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei em escola pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim. Casa Grande e Senzala, Do império à república, Os sertões (conta???) e Brasil Nunca Mais. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. I e II Guerra Mundial, Ditadura e Monarquia 13- Você gostou do livro 1808? Sim
07	- Sexo: Feminino 1- Qual a sua idade? 33 anos 2- De onde você está falando? Chapecó-SC 3- Qual o seu nível de instrução? Superior Completo 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Escola privada 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Não, somente os de ensino fundamental ou pré-vestibular. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Hoje ainda gosto, mas não tenho tempo. 13- Você gostou do livro 1808? Sim

08	- Sexo: Masculino 1- Qual a sua idade? 31 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? Mestrado 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sempre estudei em instituições públicas 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original, não juvenil 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Muitos, tantos que nem poderia enumerar ou citar. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Não muito. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto. Gosto do fim da Idade Média (mas não necessariamente do renascimento). Gosto da História indígena brasileira. Gosto de ler sobre o século XX. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.
09	- Sexo: Feminino 1- Qual a sua idade? 27 anos 2- De onde você está falando? Florianópolis – SC 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino Superior incompleto 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Não, apenas na Universidade 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Não 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, continuo gostando de todo tipo de história, gosto dos temas mais relacionados à Medicina, que é o que eu estudo. O início das terapêuticas, as práticas antigas. Mas também me interessa muito a história Brasileira das décadas anteriores. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.
10	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 36 anos 2- De onde você está falando? Ponta Grossa - Paraná 3- Qual o seu nível de instrução? Doutorado incompleto 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sempre em escola pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Já li uma série de títulos. As obras do Hobsbawm, A História da Vida Privada, Richard Senet, Ciro Flammarion Cardoso, Paul Gravett, Virginia Fontes entre outros 8- Você gostava de história quando estava na escola? Não gostava das aulas nem dos professores, mas levava os livros didáticos para ler em casa. Disso eu gostava. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. História da América Antiga, História Contemporânea, História Medieval 13- Você gostou do livro 1808? É interessante. Não é um dos preferidos, mas também não desgostei dele.
11	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 40 anos 2- De onde você está falando? Belém 3- Qual o seu nível de instrução? Pós - graduação 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei em escola pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim. No momento me lembro do livro Getúlio. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim. Mas minha paixão começou na quinta série 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim. Expansão Marítima, Império Romano e História do Brasil 13- Você gostou do livro 1808? Sim, gostei. É a visão de um jornalista sobre os fatos

12	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 13 anos 2- De onde você está falando? São Paulo capital 3- Qual o seu nível de instrução? 8º ano 4- Sua escola é pública ou particular? particular 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Como seria o juvenil? Não então é a original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim, A crise de 64 e a ditadura militar 8- Você gosta da disciplina de História na escola? Sim, eu tenho uma professora que ela é muito sincera com a nossa sala, ela não guarda nada e se deixar ela fala até palavrão para poder explicar e na hora do intervalo também tenho um professor de história que é um monitor que faz faculdade de História, então nunca paro de aprender história. 9- Cite três temas que você mais gosta de estudar em História. Egito Antigo, Revolução Francesa e História dos povos antigos 13- Você gostou do livro 1808? Ainda não acabei de ler estou na metade do livro mas até a parte que eu li é MUITO bom
13	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 23 anos 2- De onde você está falando? Itaiópolis/SC 3- Qual o seu nível de instrução? Superior Completo 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Ensino Fundamental em escola pública municipal. No Ensino médio, privada. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Uma breve história do mundo (péssimo). A era dos extremos; Li livros de história econômica (não sei se conta). História da riqueza do homem; O longo século XX; Formação Econômica do Brasil; História Econômica Geral (livro-texto, muito ruim), entre outros. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Amava, minha matéria predileta. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Amo história. História econômica; história das instituições; história das conquistas sociais. 13- Você gostou do livro 1808? Eu li aos 17 anos, ganhei da minha chefe e professora. Comecei a ler entusiasmada com a ideia de aprender história. Confesso que achei a leitura bem maçante, muitos relatos que eu julgaria apenas curiosidades, estava mais interessada no contexto do período do que nas estatísticas. Mas foi o primeiro livro que li 'de história', portanto, não sabia o que esperar. No final da leitura fiquei decepcionada, talvez porque estava acostumada a romances, ou artigos mais curtos. Mas sobre a qualidade do livro, não tinha conhecimento pra julgar.
14	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 16 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino médio, 3º ano 4- Você estuda em escola pública ou privada? Privada 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim. Uma breve história do mundo 8- Você gosta de história na escola? Amo. Mesmo ela ser desvirtuada do que ela realmente é 9- Cite três temas de história que mais te agradam. Ditadura Militar, reinado do Henrique oitava, período pós 2ª guerra mundial 13- Você gostou do livro 1808? Sim

15	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 17 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa, PR 3- Qual o seu nível de instrução? Concluirei o Ensino Médio em 2015 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Privada 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim, alguns deles são 1822, 1889, Diário de Anne Frank, Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil, Guerra E Paz, Os Miseráveis, Anna Karenina, Caçadores de Obras Primas, A Loucura De Stalin. 8- Você gostava de história quando estava na escola? A partir do ensino médio, sim. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, 2ª Guerra Mundial, Revolução Industrial e Revolução Francesa. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.
16	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 36 anos 2- De que cidade você está falando? Curitiba 3- Qual o seu nível de instrução? Superior e especialização 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Ensino fundamental e médio em escola pública. Superior em faculdade particular. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? O Diário de Anne Frank (não sei se é considerado de história), Hino Nacional Brasileiro e Hino do Paraná- História e Significados (Irineu Mario Colombo e Marcio De Fátimo Tomaz), 1822 (Laurentino Gomes). 8- Você gostava de história quando estava na escola? A matéria de história era decoreba, perguntas e respostas, por isso eu não gostava. Já o Laurentino Gomes conta a história do Brasil como as pessoas gostam de ouvir. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Com a leitura dos livros do Laurentino Gomes aprendi a gostar de história. Mas ainda gosto muito mais de matemática. 13- você gostou do livro 1808? Gostei muito. A forma que o Laurentino contou a história era como se estivesse assistindo a um filme.
17	- Sexo: Masculino 1- Qual a sua idade? 18 anos. 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa – Paraná. 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino Técnico (cursando). 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei tanto na rede Pública quanto na Privada. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original, por sinal, não sabia que existia uma versão juvenil. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim, a Coleção: 1808, 1822 e 1889. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim, sempre gostei, ela nos proporciona a reflexão e nos instiga a investigação. Por sinal, farei o vestibular para Bacharelado em História. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim. Sistema Político Brasileiro; Independência Brasileira e; Preconceitos principalmente de gênero. 13- você gostou do livro 1808? Sim.
18	- Sexo: Masculino 1- Qual a sua idade? 62 anos 2- De que cidade você está falando? Rio de Janeiro 3- Qual o seu nível de instrução? Segundo grau. 4- Você estudou em escola pública ou privada? Privada 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Não me recordo. Me interessei por esses por achar que devemos muito a Napoleão. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Gostava. Eu devia ter feito História ou Geografia que é o meu forte. 9- Cite três temas que mais te agradam na história. A forte influencia da maçonaria, o desenvolvimento industrial, 13- Você gostou do livro 1808? Sim. Gostei. Ainda falta uns dois capítulos. O terceiro eu

	não li.
19	- Sexo: Feminino 1- Qual a sua idade? 43 anos 2- De que cidade você está falando? Nova Iguaçu – RJ 3- Qual o seu nível de instrução? Segundo grau completo 4- Você estudou em escola pública ou privada? O segundo grau em escola publica 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Não só esse 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim e gosto muito vou fazer faculdade de Historia. Tenho amigos historiadores 9- Cite três temas que mais te agradam na História: História do Brasil, escravidão e guerras 13- Você gostou do livro 1808? Sim
20	- Sexo: Masculino 1- Qual a sua idade? 24 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa - PR 3- Qual o seu nível de instrução? Superior completo, cursando segunda faculdade. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei em escola pública. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Estrada real. Memórias para servir a historia do reino do Brasil. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim, fui monitor no ensino médio para trabalhos de alunos do fundamental. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Revolução industrial, grandes navegações e coronelismo. 13- Você gostou do livro 1808? Gostei mais não por completo.
21	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 22 anos 2- De que cidade você está falando? Castro - PR 3- Qual o seu nível de instrução? Cursando o 4º ano de Licenciatura em Pedagogia 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Toda minha formação foi em escola pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Li além deste, Anne Frank, meu livro favorito. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sempre gostei de história 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto, revolução francesa, história do Brasil e o Feudalismo sempre me chamaram a atenção. 13- Você gostou do livro 1808? Gostei.

22	- Sexo: Masculino 1- Qual a sua idade? 18 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa – PR 3- Qual o seu nível de instrução? Cursando 3º Grau 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Já li muitos, porém não consigo numerar. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Gostava muito 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto, e sinto muito interesse pela história do Império do Brasil, pela história da minha cidade natal e pelas Guerras Mundiais. 13- Você gostou do livro 1808? Gostei muito. Li duas vezes.
23	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 31 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa - PR 3- Qual o seu nível de instrução? Superior Incompleto - cursando 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei em escola publica o curso Fundamental e Médio e no superior 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim, Queijo e os Vermes, Ginsburg; História do medo na Idade Média, Delumeau. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim, devido a meu professor. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, História do Brasil, Teoria da História e História Medieval. 13- Você gostou do livro 1808? Não
24	- Sexo: Masculino 1- Qual a sua idade? 29 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa - PR 3- Qual o seu nível de instrução? Cursando nível superior 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei na pública, hoje privada. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Muitos livros, mas não de história. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sempre adorei história, lembro como se fosse hoje a minha professora Rosari Ulmann contando, embarcava literalmente dentro, imaginava como seria. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto sim, história do Brasil colônia, da atualidade, Sadan, Osama, Torres gêmeas. 13- Você gostou do livro 1808? Nossa, nem é pergunta a se fazer, excelente livro, sensacional.
25	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 34 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa/ PR 3- Qual o seu nível de instrução? Pós Graduado 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei em escola pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Li a versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim, 1889 e 1822 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sinceramente, as aulas não eram empolgantes. Em uma escala de 0 a 5 seria um 3. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto, tenho interesse em História Econômica, História de grandes líderes, políticos, militares, etc., História de civilizações. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.

26	- Sexo: Feminino 1- Qual a sua idade? 26 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa, Paraná. 3- Qual o seu nível de instrução? Graduada. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Em escola pública. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim, já li. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto. História do Brasil, história das ciências e história de Ponta Grossa. 13- Você gostou do livro 1808? Sim, mas somente da primeira parte.
27	- Sexo: Feminino 1- Qual a sua idade? 19 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino Superior 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Escola Pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim; 1822 do mesmo autor, livro de mitologia. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Evolução Humana, Mitologia e História do Brasil. 13- Você gostou do livro 1808? Sim
28	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 23 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa – Paraná 3- Qual o seu nível de instrução? Graduação em andamento - bacharelado em História (2013 - 2016) na UEPG. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? No ensino fundamental estudei em escola pública e no ensino médio em escola privada. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sobre temática correlata ao livro 1808 não. Por estar graduando-me em História leio frequentemente alguns livros e artigos sobre temáticas variadas. 8- Você gostava de história quando estava na escola? 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sempre gostei de História! Especialmente das temáticas gênero, trabalho e memória e, de modo geral, história cultural, social e abordagens imagéticas. 13- Você gostou do livro 1808? Não.
29	- Sexo: feminino. 1- Qual a sua idade? 19 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? cursando ensino superior 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? faculdade particular 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original (não terminei de ler) 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim (porém não lembro rs) 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Feudalismo, absolutismo, revolução francesa. 13- Você gostou do livro 1808? Sim

30	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 21 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino superior incompleto 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei em publica e privada, sendo na privada o ensino médio. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Os de historia apenas o 1808,1822 e 1989 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim, gostava. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto. Brasil Colonial, Idade média e Revolução industrial. 13- Você gostou do livro 1808? Sim, amei o livro
31	-Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 25 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa/PR 3- Qual o seu nível de instrução? Mestrado. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Pública. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim. Todas as Eras de Eric Hobsbawm. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim. Períodos revolucionários; guerras; governos ditatoriais. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.
32	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? Tenho 52 anos. 2- De que cidade você está falando? De Ponta Grossa. 3- Qual o seu nível de instrução? Sou Pós-graduada. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Fiz as séries iniciais em escola pública, a partir de então, fui para a escola da Rede Particular de Ensino até concluir o Ensino Médio (Magistério). 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? As duas. Minha filha, que cursa o Ensino Fundamental, está lendo a versão juvenil a pedido da escola em que estuda. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Muitos! Sou da área de Letras, trabalho com Literaturas de Expressão Portuguesa no Ensino Superior e acredito que, sendo assim, obrigatoriamente tenho que conhecer a História. Além do fato de amar História. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Muito!! 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Tenho especial apreço pela História dos Reinos Africanos e a tudo o que diz respeito à História Medieval. Ah, e adoro Genealogia! 13- Você gostou do livro 1808? Gostei muito, embora, tenha preferência por 1822.
33	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 21 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? Cursando ensino superior 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Publica até 8ª serie e particular no EM 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim. 1889, Cuba sem Fidel o mais recente; não me recordo de outros títulos. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim. História política no geral e história do Brasil 13- Você gostou do livro 1808? Sim.

34	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 49 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa – PR 3- Qual o seu nível de instrução? Superior completo (especialização) 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Ensino fundamental em escola pública, ensino médio e superior em escola privada. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim, muitos, o mais recente foi “Os egípcios antigos para leigos”. 8- Você gostava de história quando estava na escola? SIM 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, gosto e muito, principalmente história do direito e das américas. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.
35	-Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 54 anos 2- De que cidade você está falando? Carambei 3- Qual o seu nível de instrução? Especialização 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sempre estudei em escola pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Ambas 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Deste mesmo autor, li toda a trilogia, 8- Você gostava de história quando estava na escola? Não muito, estudei no período militar e o ensino de história no ensino fundamental se restringia a decolar o nome de "heróis" e figuras ilustres do Brasil, datas e muito pouco sobre Egito, Grécia e Roma, no ensino médio. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto muito, os temas que mais me despertam a curiosidade é o mundo árabe, as religiões do mundo e o imperialismo praticado pelas potências europeias, principalmente na África e Ásia. 13- Você gostou do livro 1808? Adorei
36	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 23 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? Cursando o superior 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sim 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Acho que é o original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Não 8- Você gostava de história quando estava na escola? Não muito 9- Hoje, você gosta de história? Sim, principalmente as pré-históricas. Cite três temas que mais te agradam. Histórias geológicas, medievais e do Brasil. 13- Você gostou do livro 1808? Sim
37	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 22 anos. 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa, Brasil 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino Médio 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Apenas instituições públicas. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original de 2007. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim e prefiro romances históricos. Obras com temas históricos que chamaram a minha atenção: “O último voo do flamingo”, de Mia Couto e “História do Cerco de Lisboa”, de José Saramago. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim, sempre gostei das disciplinas que possibilitavam maiores discussões. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Todos gostam de história, de alguma forma, pois é uma ciência muito abrangente. Gosto muito da história do Brasil. Temas que me agradam: Escravidão e a Cultura Africana no Brasil. A História da Arte no Brasil e o Brasil enquanto monarquia. 13- Você gostou do livro 1808? Sim, gostei do livro 1808

38	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 28 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa- PR 3- Qual o seu nível de instrução? Superior incompleto 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Pública e Privada 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim, li também 1822, 1889, Formula Para o Caos (A Derrubada de Salvador Allende 1970-1973), Inferno (O Mundo em Guerra 1939-1945) 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim, gostava 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, continuo gostando / Revolução Industrial, história da arte, Conflitos/ideologia política. 13- Você gostou do livro 1808? Gostei.
39	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 46 anos 2- De que cidade você está falando? PG 3- Qual o seu nível de instrução? Mestre em Computação aplicada 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei minha vida toda em escola pública, inclusive o mestrado 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Gosto de ler biografias 8- Você gostava de história quando estava na escola? Mais ou menos, não gostava de decorar datas 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, gosto de objetos históricos, gosto de locais que tem história envolvida, gosto de visitar locais históricos e saber sobre. 13- Você gostou do livro 1808? Sim
40	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 33 anos. 2- De que cidade você está falando? São Carlos, Santa Catarina. 3- Qual o seu nível de instrução? Mestre em História. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Só estudei em escola pública. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Como tenho graduação e mestrado em história, posso dizer que já li muitos livros da área. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim, muito. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, trabalho como historiador. Vou citar três temas acadêmicos que me interessam: História Cultural, História da Arte e Teoria da História. 13- Você gostou do livro 1808? Gostei. Não é um grande livro, mas é um bom livro.
41	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 17 anos. 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa - Paraná. 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino médio incompleto. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Escola privada. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Tive também o privilégio de ler 1822 e 1889, do Laurentino Gomes. Augusto - O Imperador Deus, de Allan Massie. Coleção Grandes Mestres da Abril Coleções. O livro de ouro da Mitologia de Thomas Bulfinch. Cidade Antiga, Fustel Coulanges. Era dos Extremos, de Eric Hobsbawm. Alguns outros livros de biografias e história geral. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim, sempre gostei muito de história no colégio. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Ainda gosto muito de história, não apenas como disciplina escolar mas como uma forma de adquirir conhecimentos e auxiliar a formar opiniões consistentes e fundamentadas. Temas preferidos: - Revolução Francesa; - Antiguidade Clássica, principalmente filosofia e arte; -

	Feminismo. 13- Você gostou do livro 1808? Sim, gostei.
42	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 18 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? estudante da graduação 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? sim, escola pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? 1822 e alguns do Ken Follet, não sei se esse é livro de história, e o diário de Anne Frank 8- Você gostava de história quando estava na escola? não 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto um pouquinho mais, mas não amo, Guerras mundiais (1ª, 2ª e fria) Revolução Francesa, Descoberta e Independência do Brasil 13- Você gostou do livro 1808? gostei (+-)
43	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 48. 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino Superior (Direito, Jornalismo e Psicologia) 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Em ambos: fiz o ensino fundamental em escola pública, ensino técnico (Contabilidade) em uma particular e também (Agropecuária) em uma pública. Fiz Direito numa universidade pública, Jornalismo e Psicologia em faculdades privadas. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Dezenas. Literalmente. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Imensamente. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Demais. Sou fascinado por história. Tenho especial predileção pela história da França Revolucionária (período Napoleônico inclusive), História Medieval e sobre a Roma Antiga 13- Você gostou do livro 1808? Sim, gostei muito.
44	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 20 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? ensino superior incompleto 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? sim 1822 8- Você gostava de história quando estava na escola? sim 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim revolução francesa história grega e segunda guerra 13- Você gostou do livro 1808? Sim

45	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? Tenho 26 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta grossa 3- Qual o seu nível de instrução? cursando último ano pedagogia 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sempre estudei em instituição pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Li a versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim, li também 1822, 1809 e 1889 de Laurentino Gomes, li vários livros didáticos sobre o assunto, faço monografia sobre o período colonial e escravidão no Brasil, aborda vários autores. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sempre gostei de história, recordo que era a melhor disciplina no ensino médio, adorava minha professora contando as histórias que os livros não contavam. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. gosto do início, do Brasil imperial, da colonização e da vinda dos escravos 13- Você gostou do livro 1808? gostei sim, mas o 1822 ainda é meu preferido
46	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 46 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa 3- Qual o seu nível de instrução? Doutorado 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Vários 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim. Sempre 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim. Gosto de vários temas, dentre eles, as formações de povos. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.
47	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 23 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa – PR 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino superior incompleto. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sempre estudei em escola pública. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Acredito que já li outros, mas os que me lembro agora são estes: História do Brasil – Boris Fausto; Casa Grande e Senzala – Gilberto Freire; Sobrados e Mocambos – Gilberto Freire; Visão do Paraíso – Sergio Buarque de Holanda; Formação do Brasil contemporâneo – Caio Prado Jr. ; Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial – Fernando Novais; Apologia da história – Marc Bloch; A nova história cultural – Lynn Hunt; A era dos extremos – Eric Hobsbawm; A escrita da história – Peter Burke; Como se escreve a história – Paul Veyne. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Acredito que desde a oitava série. Foi aproximadamente nessa época em que eu estava descobrindo a leitura e encontrei um livro didático sobre história geral e do Brasil – que não lembro o título – que gostei muito. Desde então imagino que o meu interesse pela história só aumentou. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, hoje gosto de história. Acho que gosto de todos os campos de pesquisa dela, especialmente os de teoria da história, história do Brasil e história moderna. 13- Você gostou do livro 1808? Gostei.

48	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 21 anos. 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa, Paraná. 3- Qual o seu nível de instrução? Cursando o 4º ano da graduação. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Em Universidade pública, sempre frequentei o sistema público de ensino. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Li a versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Muitos, em decorrência de interesse pessoal e da graduação em Licenciatura em História. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. História da agricultura, movimento feminista e contracultura. 13- Você gostou do livro 1808? Gostei sim.
49	- Sexo: feminino 1-Qual a sua idade? 23 anos 2- De que cidade você está falando? Teixeira Soares 3- Qual o seu nível de instrução? Cursando o ensino superior 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sim 5-Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Não 8- Você gostava de história quando estava na escola? sim 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim, Ditadura Militar, I e II Guerra Mundial e Antiguidade Clássica. 13- Você gostou do livro 1808? Sim
50	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 39 anos. 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa/PR. 3- Qual o seu nível de instrução? Doutorando em Educação/UEPG. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sempre em escola pública. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sou graduado em história, portanto vários livros. 8- Você gostava de história quando estava na escola? O livro 1808 foi escrito por um jornalista. Meu sonho desde adolescente foi ser jornalista, particularmente no jornalismo esportivo. Comecei a gostar de História por influência de uma professora, a professora Ivone, excelente em sua área. Ela lecionou para mim, da quinta série ao terceiro ano do segundo grau. Quando fui fazer vestibular, dado alguns fatores que me impossibilitavam cursar jornalismo, não pensei duas vezes e me inscrevi para História. Apesar disso, trabalhei muito pouco na disciplina. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Por força do ofício, principalmente o de estudante, sou bem eclético no que se refere a História. Você pergunta sobre três temas: meios de comunicação e a formação da consciência histórica; o papel dos intelectuais e as relações de poder na sociedade contemporânea; história do Brasil, sobretudo o período republicano. 13- Você gostou do livro 1808? É um livro cativante, não apenas pela escrita bem acessível, mas particularmente pelo tom hilário que autor adota para apresentar a família real no Brasil.

51	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 38 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa – PR 3- Qual o seu nível de instrução? Pós-graduado 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? As veias abertas da América Latina (Galeano), 1822 (Laurentino), Os judeus e o dinheiro no mundo (Jacques Attali), Vinho & Guerra (Kladstrup, Don; Kladstrup, Petie), entre outros. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim. Segunda Guerra, História do Brasil e História da América Latina. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.
52	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 21 anos. 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa. 3- Qual o seu nível de instrução? cursando superior. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Pública. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Somente os livros usados no aprendizado de história nas escolas. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim. História do Brasil, Civilizações antigas, História política. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.
53	- Sexo: feminino 1- Qual a sua idade? 17 anos 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa – PR 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino médio incompleto (cursando) 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Estudei em escola pública todo o fundamental e o médio em escola particular 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Hiroshima - John Hersey 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sempre tive muito interesse, mas admito que esse ano ela tem me encantado mais. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Às vezes penso em fazer história na faculdade como um plano B. Então, sim eu gosto. Meus três assuntos preferidos são as guerras mundiais, as sociedades antigas e política atual (esse último também conta?) 13- Você gostou do livro 1808? Gostei muito.
54	- Sexo: masculino 1- Qual a sua idade? 23 anos. 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa/Pr. 3- Qual o seu nível de instrução? Ensino Superior em andamento. 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sempre em instituições públicas. 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? A versão original. 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Sim. Obras em geral do próprio Laurentino Gomes, Fernando Morais, José Murilo de Carvalho e outros. Também foi marcante a coleção Nova História Crítica, do Mário Schmidt, que eram os livros adotados pela rede pública quando fiz o Ensino Fundamental e sedimentaram meu gosto pelo estudo da História, além de, por seu caráter multidisciplinar, serem, segundo creio, muito instrutivos mesmo para leitores mais velhos. 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sim. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Sim. Sempre me agradaram três temas inesgotáveis, que são a Antiguidade Clássica, a Ditadura Militar no Brasil e a Guerra Fria. 13- Você gostou do livro 1808? Sim.

55	- Sexo: Masculino 1- Qual a sua idade? 46 2- De que cidade você está falando? Ponta Grossa – PR 3- Qual o seu nível de instrução? Superior/pós-graduado 4- Você estudou/estuda em escola pública ou privada? Sempre em escola pública 5- Qual versão do livro 1808 você leu? A versão original ou a versão juvenil? Original 6- Você já leu outros livros de história? Quais? Barão de Mauá, de Jorge Caldeira, História politicamente incorreta do Brasil, e os outros livros do Laurentino Gomes. De pra ver que gosto de história (rs) 8- Você gostava de história quando estava na escola? Sempre gostei. 9- Hoje, você gosta de história? Cite três temas que mais te agradam. Gosto por exemplo de filmes ou livros que tratam de fatos históricos marcantes. Interesse-me ainda pela história de grandes personagens e história da economia além da história do Brasil. 13- Você gostou do livro 1808? Sim achei bem interessante. O Laurentino, como jornalista, consegue impor uma narração simples de fácil leitura e compreensão.
----	--

Fonte: A autora, 2016.